

EVOCAR O PASSADO
CELEBRAR O PRESENTE
PROJETAR O FUTURO

1976-2026 • 50 Anos a InFormar Horticultura



Associação
Portuguesa
de **Horticultura**



Fruticultura



Viticultura



Olivicultura



Horticultura
Herbácea



Horticultura
Ornamental

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Associação Portuguesa de Horticultura, 1976-2026 – 50 Anos a InFormar Horticultura – Evocar o passado, celebrar o presente, projetar o futuro

DIREÇÃO

Ana Cristina Ramos

COORDENAÇÃO EDITORIAL E REDAÇÃO

Nélia Silva

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Ana Cristina Ramos, Ana Maria Barata, António Marreiros, António Monteiro, Carlos Frazão, Cristina Amaro da Costa, Domingos Almeida, Elsa Gonçalves, Isabel Mourão, Isabel Silva, José Alberto Pereira, José Maria Vilhena, José Pedro Salema, Luís Alcino da Conceição, Manuel Augusto Soares, Maria Elvira Ferreira, Maria Teresa Caetano, Mário Reis, Pedro Fevereiro, Violeta Lopes.

DESIGN GRÁFICO

Catarina Martins

IMPRESSÃO

Tipografia Lobão

TIRAGEM

600 exemplares

DATA

junho de 2026

ISBN

978-972-8936-60-0

PROPRIEDADE

© 2026 Associação Portuguesa de Horticultura.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrónicos ou mecânicos, sem autorização prévia por escrito do autor, exceto no caso de citações breves para fins de crítica ou revisão.





DESDE 1976

A APOIAR E A FOMENTAR O PROGRESSO DA HORTICULTURA

A Associação Portuguesa de Horticultura é uma associação sem fins lucrativos que apoia e fomenta o progresso da Horticultura e contribui para o aperfeiçoamento científico e técnico dos seus membros, estimulando a cooperação entre eles.

No âmbito da APH, a Horticultura é entendida no sentido abrangente, incluindo a Fruticultura, Viticultura, Olivicultura, Horticultura Herbácea e Horticultura Ornamental.

376 Sócios

24 Sócios Patrono e Patrono Dourado

10 Sócios Coletivos

342 Sócios Individuais

+150
Eventos Técnico-Científicos

160
Revistas da APH

41
Actas Portuguesas de Horticultura

ÍNDICE

Nota da Direção	8
CAPÍTULO I . 50 ANOS DE VIDA ASSOCIATIVA E ATIVIDADE CIENTÍFICA	11
• Órgãos Sociais APH (1976 – 2026)	12
1976-1978 • A APH nasce no rescaldo da revolução dos cravos	22
1979-1982 • A APH internacionaliza-se colaborando com a ISHS	24
1983-1984 • APH impulsiona a profissionalização das culturas hortoiindustriais	26
1985-1987 • A Associação Portuguesa de Horticultura e Fruticultura analisava o impacto da adesão de Portugal à CEE	27
1988-1991 • A APH e os desafios da agricultura portuguesa na era pós-CEE	28
1992-1995 • APH e a modernização da horticultura portuguesa na década de 1990	30
1996-1999 • APH e a transformação da agricultura portuguesa no final do século XX	31
2000-2003 • APH: dinamização da horticultura portuguesa no início do novo milénio	33
2004-2008 • A APH e a Horticultura Portuguesa no contexto do advento do Regadio de Alqueva	35
2009-2014 • APH reforça cooperação internacional e trás para Lisboa Congresso Internacional de Horticultura	37
2014-2017 • APH celebra 40 anos e aproxima-se das gerações mais jovens	39
2018-2020 • APH entre a ciência, a sustentabilidade e as novas gerações	41
2021-2027 • APH reforça a sua missão de InFormar Horticultura	43
• Evolução da Publicação da APH	46
CAPÍTULO II . ANALISAR O PRESENTE DA HORTICULTURA E DA APH	49
• Órgãos Sociais da APH 2025-2027	51
• «A Horticultura é um setor com futuro, exigente e apaixonante», Ana Cristina Ramos	52
• A APH de 2018 a 2020, José Alberto Pereira	54
• Associação Portuguesa de Horticultura: evocação e prospetiva, Domingos Almeida	56
• A APH de 2009 a 2014, Maria Elvira Ferreira	58
• APH: um percurso de inovação, reforma e crescimento, Manuel Augusto Soares	60
• O caminho percorrido com a APH, Isabel Mourão	62
• Ao serviço da APH, António Marreiros	64
• «Estou certo de que a APH continuará na sua rota de sucesso», António Monteiro	66
• «Fui, em 1975/6 um dos fundadores da APH», Carlos Frazão	68
• «O nosso propósito sempre foi fazer da APH uma entidade aberta a todos», Carlos Portas	70
• A sede social da APH é estabelecida em Sintra	73
• A “gram; das frutas [é] a maçã”, Maria Teresa Caetano	74

ÍNDICE

CAPÍTULO III . PROJETAR O FUTURO DA HORTICULTURA E DA APH _____	79
• Conservação e seleção de castas antigas de videira para vinho para os próximos 50 anos, Elsa Gonçalves _____	80
• Novos sistemas produtivos em horticultura – visão para os próximos 50 anos, Mário Reis _____	82
• O ensino e a capacitação técnica dos jovens em ciências agrárias – visão para os próximos 50 anos, Luís Alcino da Conceição _____	84
• Renovação geracional na agricultura – uma missão quase (mas não) impossível, José Maria Vilhena _____	86
• A gestão da água na agricultura em Portugal – visão para os próximos 50 anos, José Pedro Salema _____	88
• Alimentar o futuro: o papel estratégico dos recursos genéticos hortícolas nos próximos 50 anos, Ana Maria Barata, Violeta Lopes, Isabel Silva _____	90
• Biotecnologia e edição genética no futuro da horticultura, Pedro Fevereiro _____	92
• A agroecologia no futuro da horticultura (senso lato), Cristina Amaro da Costa _____	94
CAPÍTULO IV . PARCERIAS DURADOURAS – Sócios Patrono que apoiaram este livro _____	97
• Alltech Crop Science – 50 anos a cultivar o futuro: a APH e os desafios de uma horticultura sustentável _____	98
• Na BASF apoiamos os agricultores a fazer frente aos desafios da agricultura _____	99
• Biosani – Muito obrigado, Prof. Carlos Portas! _____	100
• Certis Belchim – ao serviço de uma agricultura sustentável _____	101
• Cotesi – é essencial preservar, valorizar e dinamizar este segmento estratégico _____	102
• Conceito Rural – hortícolas da zona saloia com baixa pegada de carbono _____	103
• Fitosistema – a agricultura do futuro começa nas decisões que tomamos hoje _____	105
• Fitolivos – soluções de bioproteção e nutrição vegetal _____	106
• Hubel Verde – 50 anos a cultivar progresso na horticultura _____	107
• Hidrosoph procura aproximar a investigação científica da realidade do campo _____	108
• Hanna Instruments – monitorização e controle da qualidade da água _____	109
• Irricampo – a gestão inteligente da água assume um papel central na horticultura _____	110
• Horticultura sustentável em Portugal: o papel da João Violas & Filho Lda _____	111
• Koppert – parceiros da natureza por uma horticultura moderna e responsável _____	112
• Lusosem e a APH – semear conhecimento e inovação _____	113
• A Nordmann Portugal contribui para a eficiência e inovação do setor hortícola _____	114
• Quântica Editora e APH: uma parceria que tem dado bons frutos _____	115
• Syngenta Portugal e a APH: uma parceria ao serviço do setor agrícola _____	116
• Tecnoferti – Sustentabilidade na horticultura: o valor da inovação e das parcerias _____	117
• Sócios Patrono da APH _____	118



50 ANOS AO SERVIÇO DA HORTICULTURA PORTUGUESA



Órgãos sociais da Associação Portuguesa de Horticultura para o triénio 2025-2027 presentes na cerimónia de tomada de posse no dia 3 de fevereiro de 2025 em Oeiras

«Desde 1976 a APH organizou 150 eventos técnico-científicos, publicou 160 Revistas e 41 Actas Portuguesas de Horticultura.»

Há 50 anos, em 1976, nascia no seio da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal uma pequena secção especializada com um propósito claro e ambicioso: promover o progresso da horticultura em Portugal. Ninguém poderia então imaginar, com toda a certeza, o quanto aquela semente viria a crescer. Hoje, ao celebrarmos meio século de existência, somos

uma Associação de âmbito nacional, Instituição de Utilidade Pública, que reúne centenas de sócios (investigadores, técnicos, produtores, empresas e entidades públicas) unidos pela mesma paixão por um setor que é pilar fundamental da agricultura, da alimentação e do território portugueses.

O percurso da APH é, ele próprio, o espelho da evolução da horticultura portuguesa. Começámos centrados na horticultura herbácea e na floricultura; em 1984, abrimos portas à fruticultura; e mais tarde alargámos definitivamente o nosso horizonte para incluir a horticultura ornamental, as plantas aromáticas e medicinais, a viticultura e a olivicultura, passando a abraçar, na sua plenitude, a horticultura em sentido lato. Este crescimento não foi apenas formal: foi o reconhecimento de que os desafios e as oportunidades do setor eram cada vez mais vastos e interdependentes, e de que os profissionais e os investigadores precisavam de um espaço comum de partilha, debate e inovação.

Ao longo de cinco décadas, a APH organizou congressos, colóquios, jornadas e visitas técnicas e contribuiu para a formação prática de centenas de estudantes de Ciências Agrárias. Ao todo, desde 1976 foram mais de 150 eventos técnico-científicos organizados, 160 Revistas da APH publicadas e 41 Actas Portuguesas de Horticultura.

A APH, desde a sua génese, promoveu a cooperação com associações congéneres nacionais e internacionais, apoiou a investigação científica e técnica e contribuiu ativamente para a atualização da Horticultura portuguesa. Fizemo-lo sempre com independência, rigor e o compromisso inabalável de servir os nossos sócios e o setor.

Este aniversário não é apenas uma ocasião para olhar para trás com orgulho, é, sobretudo, um convite a olhar em frente com renovada determinação.

A horticultura enfrenta hoje desafios sem precedentes: as alterações climáticas, a pressão sobre os recursos hídricos, a necessidade de transição para sistemas mais sustentáveis, a digitalização, a crescente exigência dos mercados e dos consumidores. São desafios que exigem ciência, inovação, cola-

boração e uma voz associativa forte. A APH estará sempre atenta, ativa e colaborante para impulsionar o progresso da Horticultura.

Ao longo de 2026 estamos a celebrar este meio século com um programa de eventos que percorrerá o país e reunirá a nossa comunidade em momentos de reflexão, celebração e partilha. O Livro Comemorativo dos 50 anos APH é também parte dessas comemorações: um registo para a posteridade e uma reflexão sobre o presente e o futuro da APH e da Horticultura.

A todos os sócios, parceiros, colaboradores e amigos da APH o nosso mais sincero reconhecimento. Cada congresso organizado, cada artigo publicado, cada jovem impactado, cada questão levada ao debate público: nada disso seria possível sem o vosso empenho e a vossa confiança. É por vós, e convosco, que continuamos.

Que os próximos 50 anos sejam tão prósperos como os que agora celebramos!

«O Livro Comemorativo dos 50 anos APH é um registo para a posteridade e uma reflexão sobre o presente e o futuro da APH e da Horticultura»







CAPÍTULO I
50 ANOS
DE VIDA ASSOCIATIVA
E ATIVIDADE CIENTÍFICA



1976-1979*

Carlos M. Portas

Presidente

Vice-Presidentes:

Manuel Figueiredo* (1978-1979)

José Dias Carreiro

Secretário:

José Suspiro

Vogal:

José Barrote

Manuel Gonçalves Rodrigues

Martin Stilwell

1979-1983

C. M. Bugalho Semedo

Presidente

Vice-Presidentes:

Weber de Oliveira

J. Belo de Oliveira

Secretário:

António A. Monteiro

Tesoureiro:

Rosalina Vitor

Vogal:

José Barrote

João Barrote

F. Lopes Teixeira

Carlos M. Portas



1983-1985

Carlos M. Portas

Presidente

Vice-Presidentes:

Weber de Oliveira

José Dias Carreiro

Secretário:

Carlos M. S. Frazão

Tesoureiro:

Manuel Gonçalves Rodrigues

Vogal:

Manuel Figueiredo

José Barrote

J. Massapina

Fernando Martins

1985-1988

Carlos M. S. Frazão

Presidente

Vice-Presidentes:

Carlos M. Portas

Maria Cristina Lança

Tomás Ferreira

Secretário:

Manuel G. Rodrigues

Tesoureiro:

Reinaldo Mendes Barata

Delegado (Algarve):

J. Barrote e J. Massapina

Delegado (Alcobaça):

Idelfonso Saraiva

Delegado (Coimbra):

José Dias Carreiro

Delegado (Vila Real):

Fernando Martins

Delegado (Brasil):

Manuel Churata Masca



1988-1991

António Monteiro

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Maria Amélia Fragoso
Maria Cristina Lança
Manuel Cardoso Simões

Secretário:

António Proença de Oliveira

Tesoureiro:

José Severiano C. Barrote



29 de Maio 1991 - Escritura Pública da Associação Portuguesa de Horticultura - Novos corpos gerentes

1991-1992



António Monteiro

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Maria Amélia Fragoso
José Belo de Oliveira
Manuel Cardoso Simões
Fernando Bianchi de Aguiar

Secretário:

António Proença de Oliveira

Tesoureiro:

José Severiano C. Barrote

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-Presidente:

Rogério Neves de Castro

Secretário:

António Marreiros

Conselho Fiscal

Presidente:

João Saldanha

Vice-Presidente:

Manuel Figueiredo

Secretário:

José António G. Pereira



1992-1994



José Dias Carreiro

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Carlos M. Portas
António Proença de Oliveira
Isabel de Maria Mourão
Rogério Neves de Castro

Secretário:

José Severiano C. Barrote

Tesoureiro:

Eduardo Almeida Abrantes

Assembleia Geral

Presidente:

Manuel Cardoso Simões

Vice-Presidente:

Manuel Figueiredo

Secretário:

António Marreiros

Conselho Fiscal

Presidente:

João Saldanha

Vice-Presidente:

José Dias Pereira

Secretário:

José António G. Pereira

1994-1996

José Dias Carreiro

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Carlos M. Portas
António Proença de Oliveira
Isabel de Maria Mourão
Rogério Neves de Castro

Secretário:

José Severiano C. Barrote

Tesoureiro:

Eduardo Almeida Abrantes

Assembleia Geral

Presidente:

Manuel Cardoso Simões

Vice-presidente:

António Marreiros

Secretário:

Manuel Augusto Soares

Conselho Fiscal

Presidente:

João Saldanha

Vice-Presidente:

José Dias Pereira

Secretário:

Fernando Martins



1996–1998

António Marreiros

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

José António Monteiro

João Mota Barroso

Isabel de Maria Mourão

Carlos Manuel A. Lopes

Secretário:

Cristina Moniz de Oliveira

Tesoureiro:

Álvaro Mendonça Teixeira

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-Presidente:

Eduardo A. S. Rosa

Secretária:

Fernanda Delgado de Sousa

Conselho Fiscal

Presidente:

José Dias Carreiro

Vice-Presidente:

Manuel Augusto Soares

Secretário:

António J. S. Andrade



1998–2000



António Marreiros

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

José António Monteiro

João Mota Barroso

Isabel de Maria Mourão

Carlos Manuel A. Lopes

Secretário:

Cristina Moniz de Oliveira

Tesoureiro:

Álvaro Mendonça Teixeira

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-Presidente:

Eduardo A. S. Rosa

Secretária:

Fernanda Delgado de Sousa

Conselho Fiscal

Presidente:

José Dias Carreiro

Vice-Presidente:

Manuel Augusto Soares

Secretário:

António J. S. Andrade



2000-2002



Isabel de Maria Mourão

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Fernanda Delgado de Sousa
Cristina Moniz de Oliveira
Luis Alberto Caiano
Manuel Augusto Soares

Secretário:

Domingos Paulo de Almeida

Tesoureiro:

Álvaro Mendonça Teixeira

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-Presidente:

Eduardo A. S. Rosa

Secretário:

Maria da Conceição Jacob

Conselho Fiscal

Presidente:

José Dias Carreiro

Vice-Presidente:

Jorge Leão de Castro

Secretário:

Kiril Bahcevandziev

2002-2004

Isabel de Maria Mourão

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Fernanda Delgado de Sousa
Cristina Moniz de Oliveira
Luis Alberto Caiano
Manuel Augusto Soares

Secretário:

Domingos Paulo de Almeida

Tesoureiro:

Álvaro Mendonça Teixeira

Vogal para a Revista:

António Cruz Marreiros

Vogal Relações Públicas:

Fernando Pires da Costa

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-presidente:

Maria Elvira Ferreira

Secretário:

Maria da Conceição Jacob

Conselho Fiscal

Presidente:

José Dias Carreiro

Vice-Presidente:

Jorge Leão de Castro

Secretário:

Kiril Bahcevandziev



2004-2006

Manuel Augusto Soares

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Fernanda Delgado de Sousa

António Almeida Monteiro

Jorge Pereira Soares

Fernando Pires da Costa

Antero Lopes Martins

Secretário:

Maria Fátima Rodrigues

Tesoureiro:

Maria Alexandra Pinto

Vogal para a Revista:

António Cruz Marreiros

Vogal Relações Públicas:

Maria da Conceição Jacob

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-presidente:

Victor Coelho Barros

Secretário:

Luís Alberto Caiano

Conselho Fiscal

Presidente:

Jorge Leão de Castro

Vice-Presidente:

José Dias Carreiro

Secretário:

António Baião Lança



2006-2008



Manuel Augusto Soares

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Domingos Paulo de Almeida

Jorge Pereira Soares

Fernando Pires da Costa

Antero Lopes Martins

António Santos Ramos

Secretário:

Maria Fátima Rodrigues

Tesoureiro:

Jorge Leão de Castro

Vogal para a Revista:

Rolando Faustino

Vogal Relações Públicas:

Maria da Conceição Jacob

Assembleia Geral

Presidente:

António Almeida Monteiro

Vice-presidente:

Maria da Graça Barreiro

Secretário:

Ana Paula Silva

Conselho Fiscal

Presidente:

Victor Coelho Barros

Vice-Presidente:

Alexandra Seabra Pinto

Secretário:

Margarida Jordão Costa



2009-2011



Maria Elvira Ferreira

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

José António Monteiro

José Raul Rodrigues

Maria da Graça Palha

Maria Teresa Mota

Albino Bento

Secretário:

Rosa Mendes Guilherme

Tesoureiro:

Alberto Vargues

Vogal para a Revista:

Isabel Mourão

Vogal Relações Públicas:

Maria da Graça Barreiro

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-presidente:

António da Silva Jordão

Secretário:

Berta Maria Gonçalves

Conselho Fiscal

Presidente:

Gonçalo Santos Andrade

Vice-Presidente:

José Paulo de Melo e Abreu

Secretário:

João de Deus Moreira

2012-2014

Maria Elvira Ferreira

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Margarida Jordão Costa

José Raul Rodrigues

Maria da Graça Palha

Maria Teresa Mota

José Alberto Pereira

Secretário:

Rosa Mendes Guilherme

2º Secretário (2013):

Ana Cristina Ramos/Luis Filipe Goulão

Tesoureiro (*2013):

Alberto Vargues/ Ana Cristina Ramos*

Vogal para a Revista:

Isabel Mourão

Vogal Relações Públicas:

Maria da Graça Barreiro

Assembleia Geral

Presidente:

Carlos M. Portas

Vice-presidente:

Berta Maria Gonçalves

Secretário:

Joaquim Miguel Costa

Conselho Fiscal

Presidente:

António da Silva Jordão

Vice-Presidente:

João de Deus Moreira

Secretário:

Ana Cristina Correia



2014-2017



Domingos Almeida

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Joaquim Miguel Costa

Rui Maia de Sousa

António Calado

Rolando Faustino

José Alberto Pereira

1º Secretário / 2º Secretário:

Rosa Guilherme / Luis Filipe Goulão

Tesoureiro:

Ana Cristina Ramos

Vogal para a Revista:

Marta Rocha

Vogal Relações Públicas:

Alda Maria Brás

Assembleia Geral

Presidente:

António Monteiro

Vice-presidente:

Jorge Canhoto

Secretário:

Amílcar Duarte

Conselho Fiscal

Presidente:

Humberto Teixeira

Vice-Presidente:

João de Deus Moreira

Secretário:

Ana Cristina Correia

2018-2020(1)

José Alberto Pereira

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Joaquim Miguel Costa

Amílcar Duarte

António Calado

Jorge Bohm

Nuno Rodrigues

1º Secretário / 2º Secretário:

Dulce Antunes / Adriana Guerreiro

Tesoureiro:

Ana Cristina Ramos

Vogal para a Revista:

Fernanda Delgado

Vogal Relações Públicas:

Rosa Guilherme

Assembleia Geral

Presidente:

António Monteiro

Vice-presidente:

Ana Cristina Correia

Secretário:

Alda Brás

Conselho Fiscal

Presidente:

Berta Gonçalves

Vice-Presidente:

Raul Rodrigues

Secretário:

Rocio Arias Calderon



2022-2024



Ana Cristina Ramos

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Cristina Ferreira

Amílcar Duarte

Fernando Pires Da costa

Teresa Mota

Nuno Rodrigues

1º Secretário / 2º Secretário:

Dulce Antunes / Adriana Guerreiro

Tesoureiro:

Rosa Guilherme

Vogal para a Revista:

Fernanda Delgado

Vogal Relações Públicas:

Maria do Céu Godinho

Assembleia Geral

Presidente:

José Alberto Pereira

Vice-presidente:

Ana Cristina Correia

Secretário:

Alda Brás

Conselho Fiscal

Presidente:

António Calado

Vice-Presidente:

Raul Rodrigues

Secretário:

Rocio Arias Calderon

2025-2027

Ana Cristina Ramos

Presidente da Direção

Vice-Presidentes:

Dulce Antunes

Fernanda Delgado

Francisco Pavão

Rosa Guilherme

Teresa Mota

1º Secretário / 2º Secretário:

Nuno Rodrigues / Custódia Gago

Tesoureiro:

Adriana Guerreiro

Vogal para a Revista:

Maria do Céu Godinho

Vogal Relações Públicas:

Cristina Ferreira

Assembleia Geral

Presidente:

José Alberto Pereira

Vice-Presidente:

Raúl Rodrigues

Secretário:

Amílcar Duarte

Conselho Fiscal (2026)*

Presidente:

António Calado / José Gregório R. de Freitas*

Vice-Presidente:

José Gregório de Freitas / Alda Brás*

Secretário:

Alda Brás / Elisabete Figueiredo*





1976-1978

A APH NASCE NO RESCALDO DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS



No final da década de 70 do século passado, Portugal iniciava o processo de aproximação à Comunidade Económica Europeia, com forte impacto esperado na agricultura, caracterizada por baixa mecanização e forte peso da agricultura familiar. Foi um período marcado pela Reforma Agrária, durante o Processo Revolucionário em Curso (PREC), em 1975, e depois pela Lei Barreto, em 1977, que pôs fim às ocupações das herdades pelo povo.

Entretanto, na Europa, fazia-se a primeira reforma da Política Agrícola Comum com o Plano Mansholt, que visava otimizar a superfície cultivada e fundir explorações agrícolas para criar unidades maiores.

Em terras lusas, um grupo entusiástico e determinado de profissionais do setor público e privado, de investigadores e de docentes, que tinham ligações às Universidades, ao Ministério da Agricultura e às empresas de produção e serviços do setor hortícola, resolveram reunir-se para aquele que seria o arranque da Associação Portuguesa de Horticultura.



Fotografias da Reforma Agrária em S. Manços / Autor desconhecido.



«Com o 25 de Abril de 1974 queríamos fazer um país novo», Carlos Portas, presidente fundador da APH.

«Com o 25 de Abril de 1974 queríamos fazer um país novo. A SCAP – Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal era fechada, só para engenheiros agrónomos. Era necessária uma entidade mais abrangente”, recorda o ex-Presidente Carlos Portas, um dos fundadores da APH.

7 de junho de 1976 – nasce a APH

A solução encontrada foi a criação de uma Secção Especializada da SCAP que foi finalmente formalizada a 7 de junho de 1976. A primeira reunião formal da nova associação decorreu a 23 de julho, onde cerca de 30 pessoas elegeram a primeira Direção, com a missão de promover a divulgar conhecimento científico e técnico em Horticultura, além de realizar contactos com o exterior.

1977 – o primeiro evento APH

Em maio de 1977 é realizado o primeiro evento APH – o 1.º Colóquio Nacional de Horticultura e Floricultura, em Lisboa, com o

apoio da então Direcção-Geral de Extensão Rural. Outros eventos sucedem-se nesse ano: visitas ao Mercado Abastecedor de Frutas e Legumes de Lisboa, aos Viveiros da Câmara Municipal de Lisboa e a empresas hortofrutícolas da Região de Colares – Sintra.

1978 – a primeira atividade internacional da APH

Em abril de 1978, a APH realiza a sua primeira atividade internacional, organizando uma visita técnica a empresas de produção de flor de corte, em concreto à cultura do craveiro, na Península de Setúbal.

Esta ação integrou-se no programa da visita a Portugal da Dr.ª Denise Blanc (especialista em floricultura e Diretora da Estação de Floricultura de Antibes – França).

O que produzia e consumia Portugal em 1976?*

- **630 201 t** de frutos
- **275 470 ha** árvores de fruto
- **19 743 t** azeitona
- **33 250 t** uva-de-mesa
- **20 770 t** melões, melancias e morangos
- **1 019 043 hl** vinho e derivados abastecidos à cidade de Lisboa em 1976

*Estatísticas Agrícolas 1976 – INE



1979 -1982

A APH INTERNACIONALIZA-SE COLABORANDO COM A ISHS



No final da década de 1970 e início dos anos 80 a produção agrícola começou a exceder a procura na Europa e para evitar as chamadas “montanhas de manteiga” e “lagos de vinho”, a União Europeia introduziu, em 1984, um sistema de quotas para limitar a sobreprodução e gerir a oferta.

Entretanto, as negociações de adesão de Portugal à CEE começam a influenciar a política agrícola nacional e em 1982, opera-se a reforma dos serviços do Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas, com uma redução para cerca de metade, sendo também criadas as Direções regionais de agricultura, comércio e pescas.

Em abril de 1979, a APH organiza as 1.^{as} Jornadas Luso-Espanholas de Horticultura Protegida, na Aldeia das Açoteias, em Albufeira, o primeiro evento luso-espanhol da APH, num momento em que as estufas de produção hortícola assumiam crescente importância em Portugal. No ano seguinte, em outubro, decorre em Lisboa o 8.º Congresso Internacional dos Plásticos para a Agricultura, organizado pela Associação Portuguesa de Plásticos para a Agricultura, com a colaboração da APH.

O tomate para indústria era já uma cultura próspera em Portugal, produziam-se 19 448 hectares e 553 184 toneladas de



Estufas de produção de tomate em Vale da Pedra, Cartaxo, em 1982 • Fotos: <https://www.memoriasfotograficas.pt/>

tomate indústria, em 1979, com um rendimento de 28,4 t/ha, segundo as Estatísticas Agrícolas de 1979, publicadas pelo INE.

APH e ISHS organizam 1.º Simpósio Internacional de Tomate Indústria em Évora

Em setembro de 1979, decorre em Évora, o ISHS Symposium on Tomatoes for Processing - 1.º Simpósio Internacional de Produção de Tomate para Indústria, o primeiro evento organizado pela APH em colaboração com a ISHS-International Society for Horticultural Science. Será o início de uma profícua colaboração entre as duas Sociedades que se mantém até à atualidade.



A APH organizou, em maio de 1979, o 1.º Colóquio Nacional sobre a Produção de Batata, época em que Portugal produzia 114 mil hectares de batata. Na imagem colheita manual de batata em Chaves • Foto: <https://travancasdaraia.blogspot.com/>



A APH organizou em maio de 1981, em Sobral da Abelheira, Mafra, as 1.ªs Jornadas do Morangueiro.

A batata era à data uma cultura base da alimentação da população portuguesa, o consumo per capita rondaria os 140–150 kg por habitante/ano, de modo que a APH organiza, em maio de 1979, o 1.º Colóquio Nacional sobre a Produção de Batata, em Aveiro e, dois anos depois, em junho de 1981, a 2ª edição deste Colóquio realiza-se em Vila Real, com o apoio do Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Na década de 80 do século passado, e depois na década de 90, a cultura do morangueiro teve um crescimento muito rápido em Portugal, com destaque nas regiões do Ribatejo e Oeste, Alentejo Litoral e Algarve, quando as cultivares obtidas pela Universidade da Califórnia substituíram as europeias.

A APH organizou em maio de 1981, em Sobral da Abelheira, Mafra, as 1.ªs Jornadas do Morangueiro, com o apoio da Direcção Regional de Agricultura do Ribatejo-Oeste, da Cooperativa Agrícola de Mafra e da Associação Portuguesa de Plásticos para a Agricultura.

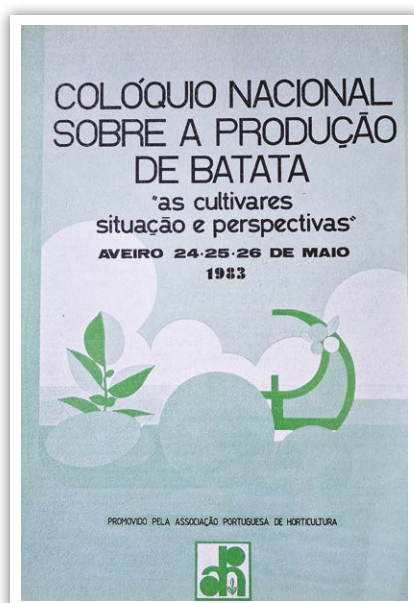
Agricultura ocupava 26% da população ativa em 1980

- **11 a 12%** do PIB português provinha da agricultura
- **26%** da população ativa trabalha na agricultura
- **76,8%** das explorações agrícolas detinham uma área igual ou inferior a 3 hectares
- **27,8%** percentagem do número de famílias com explorações agrícolas



1983-1984

APH IMPULSIONA A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS CULTURAS HORTOINDUSTRIAIS



O III Colóquio Nacional sobre a Produção de Batata realiza-se de 24 a 26 de maio de 1983, em Aveiro.

Em 1983, Carlos Portas, o primeiro presidente da APH, regressa à presidência da Associação, sucedendo a Bugalho Semedo (1979 -1982), que relatava na 'Folha Informativa da APH' N.º6, em 1983: "A Direção atual em funções desde 1980 julga que é altura oportuna de passar o testemunho de modo a permitir-se a renovação de ideias e a manter-se sempre vivo e bem activo o ideal da Horticultura".

O III Colóquio Nacional sobre a Produção de Batata realiza-se de 24 a 26 de maio de 1983, em Aveiro, sob o tema 'As cultivares - situação e perspectivas', organizado pela APH com o apoio da Lacticoop, da Direcção Geral da Agricultura, do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Extensão Rural, da Junta Nacional das Frutas, da Unicentro, da ANAIEF, e da NIVAA.

No ano seguinte, em maio de 1984, as 1.ªs Jornadas Técnicas da Ervilha para Indústria têm lugar nas Caldas da Rainha, com

o apoio do Ministério da Agricultura, da Junta Nacional das Frutas, da Cooperativa Agrícola das Caldas da Rainha, da Lourifruta, entre outras entidades. Este evento da APH surge num momento em que as culturas hortoindustriais ganhavam relevância em Portugal.



'Folha Informativa da APH' N.º6, em 1983.

1985-1987

A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HORTICULTURA E FRUTICULTURA ANALISAVA O IMPACTO DA ADESÃO DE PORTUGAL À CEE

Em 1986, Portugal aderiu à Comunidade Económica Europeia (CEE), o que levou a que o país beneficiasse de apoios comunitários para o desenvolvimento da agricultura. Nesse ano o investimento na agricultura e pescas ascendeu a 59 milhões de contos (1,3 mil milhões de euros, calculada a inflação até 2026), segundo Álvaro Barreto, o então Ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação, numa intervenção na RTP.

A APH denominava-se Associação Portuguesa de Horticultura e Fruticultura (APHF) e contava à época com 500 associados. A análise do impacto da adesão de Portugal à CEE na Horticultura e na Fruticultura nacionais foi tema central dos eventos organizados pela APHF e de publicações, como o livro 'A Fruticultura portuguesa à Luz da CEE', do autor Ildefonso Saraiva, editado pela APHF.

O ano de 1985 foi profícuo em Eventos APH

Em maio de 1985, a APHF organizou as 1.ªs Jornadas Técnicas de Floricultura e Exposição de Floricultura, em Lisboa, com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa, do Ministério da Agricultura, do Instituto do Comércio Externo Português do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Seguiu-se em junho o 4.º Colóquio Nacional sobre a Produção de Batata, em Aveiro, que foi notícia no "Jornal de Notícias" com o título 'O relançamento do consumo passa pela industrialização'. No mesmo mês, a APHF realizou, em Évora, as IV Jornadas Técnicas de Tomate para Indústria. Em dezembro, fruto da colaboração entre a APHF e a ISHS, realizou-se em Albufeira o ISHS Symposium on Protected Cultivation of Solanaceae on Mild Winter Climates – Simpósio Internacional de Solanáceas em Climas de Invernos Amenos. Em simultâneo, provavelmente, decorreu na mesma data e local o Encontro Luso-Espanhol de Horticultura Protegida, em cooperação com a homóloga SECH – Sociedade Espanhola de Ciências Horticolas, ligação ibérica que perdura até aos dias de hoje.



Publicação da APHF analisa impacto da adesão de Portugal à CEE na Fruticultura.

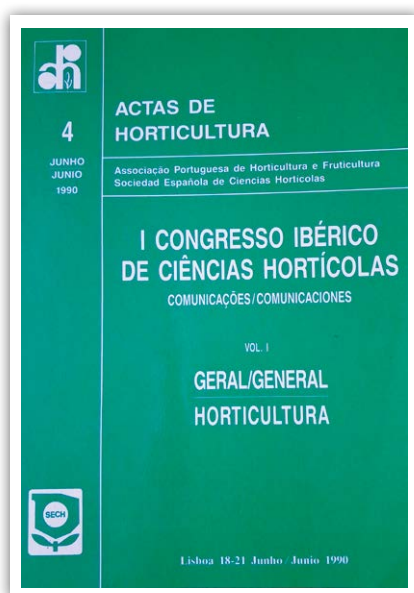


O 4.º Colóquio Nacional sobre a Produção de Batata foi notícia no "Jornal de Notícias" em 1985.



1988-1991

A APH E OS DESAFIOS DA AGRICULTURA PORTUGUESA NA ERA PÓS-CEE



O I Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas, realizou-se em junho de 1990, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em cooperação com a SECH.



Em 1988 a agricultura portuguesa estava em plena transição após a adesão de Portugal à CEE, marcando o início de uma reestruturação profunda e de uma contínua redução do número de explorações agrícolas. O setor passou a estar sujeito à Política Agrícola Comum (PAC), o que obrigou o país a alinhar os seus padrões de produção, qualidade e apoios financeiros aos parâmetros europeus.

A abertura de fronteiras expôs os produtores portugueses à forte concorrência de outros países europeus, como Espanha e Itália.

Entre 1988 e 1991, a APH organizou 16 eventos técnico-científicos em áreas tão variadas como a Horticultura, a Fruticultura, a Floricultura, Plásticos para a Agricultura, Rega em Horticultura, Batata, Pomóideas e Brássicas.

I Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas

A cooperação da APH com entidades nacionais e internacio-



Cristina Lança, membro da Direção da APH, no programa da RTP, apresentado pelo engenheiro Sousa Veloso na 2ª edição da Lusoflora em 1988.

nais intensificou-se neste período e um dos marcos na vida da Associação foi a realização do I Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas, em junho de 1990, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em cooperação com a SECH.

Em maio de 1991, o 1.º Encontro Luso-Espanhol de Batata, realizado em Aveiro, é também exemplo do crescente cariz internacional das atividades da APH.

A floricultura ocupava um espaço relevante nos eventos da APH, que colaborou na organização das edições de 1988, 1989 e 1990 da feira Lusoflora, em parceria com a Câmara Municipal de Santarém e a Associação Portuguesa de Produtores de Plantas (atual APPPFN).

“O setor da floricultura evoluiu muito não em área, mas em qualidade de produtos, talvez porque estamos confrontados com a nossa entrada plena para a CEE em 1992”, afirmava Cristina Lança, membro da Direção da APH, no programa da RTP, apresentado pelo engenheiro Sousa Veloso na 2.ª edição da Lusoflora, em 1988.

O I Colóquio Nacional de Produção de Brássicas, organizado pela APH, na Lourinhã, em janeiro de 1989, com o apoio de diversas entidades, nomeadamente, do Instituto Nacional de Investigação Agrária, da Direcção-Geral de Planeamento e Agricultura, da LOURICOOP, das Câmaras Municipais da Lourinhã e do Cadaval, foi um evento pioneiro, focando-se em aspetos práticos e científicos cruciais como a fisiologia e técnicas culturais e as perspectivas de produção das brássicas em Portugal.

Colóquio Nacional de Pomóideas lançou as bases para a Proteção Integrada

O Colóquio Nacional de Pomóideas, realizado pela APH, em novembro de 1991, em Lisboa, tratou da Qualidade da Produção e Tecnologias Pós-Colheita. As conclusões e as Actas publicadas deste colóquio ajudaram a desenhar as bases para a transição ecológica que se seguiu na década de 1990, nomeadamente a implementação dos primeiros programas oficiais de Proteção Integrada e produção sustentável em pomóideas em Portugal.

O Colóquio “Rega em Horticultura”, realizado pela APH em junho de 1989, integrado na Feira Nacional de Agricultura, em colaboração com o CNEMA, em Santarém, promoveu a partilha de conhecimento sobre métodos de rega eficientes, com a gota-a-gota, que era ainda muito incipiente e rara na horticultura de ar livre, estando maioritariamente restrita a experiências pioneiras em estufas e em algumas culturas permanentes no sul do país. Estima-se que, no final da década de 1980, a eficiência global do uso da água na agricultura portuguesa fosse inferior a 30%.

Como era a agricultura portuguesa em 1989?

Em 1989, cerca de 2 milhões de pessoas estavam ligadas à atividade agrícola, ou seja, perto de 20% da população residente em Portugal, segundo dados do Recenseamento Agrícola de 1989. Existiam à data:

- **598 742** explorações agrícolas
- **1 974 808** população agrícola familiar
- **4 005 594 ha** Superfície Agrícola Utilizada (SAU)
- **1 895 364 ha** culturas temporárias
- **789 452 ha** culturas permanentes
- **856 423** pastagens permanentes



1992-1995

APH E A MODERNIZAÇÃO DA HORTICULTURA PORTUGUESA NA DÉCADA DE 1990

Entre 1992 e 1995, a APH consolidou o seu papel como principal dinamizadora da divulgação técnico-científica da Horticultura em Portugal, reforçando simultaneamente a sua dimensão internacional. Em 1992, destacou-se a participação no I Congresso Ibero-Americano de Horticultura, em Montevideo, no Uruguai, e a realização do I Encontro de Docentes de Horticultura do Ensino Superior, em Ponte de Lima, que promoveu a articulação entre ensino, investigação e produção agrícola. O ano de 1993 ficou marcado pelo aprofundamento da cooperação ibérica e pelo impulso dado à produção sustentável. A APH participou na organização do II Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas, em Saragoça, em colaboração com a SECH, reforçando os laços científicos entre Portugal e Espanha. Em Lisboa, o Colóquio de Produção Integrada de Pomóideas revelou a crescente preocupação com métodos de produção mais equilibrados e ambientalmente sustentáveis, antecipando práticas que se tornariam estruturantes na horticultura portuguesa ao longo da década.



Em 1994, a APH voltou a afirmar-se como plataforma de encontro entre ciência, produção e inovação tecnológica. O Colóquio Nacional de Produção de Morango, realizado em Santarém, reuniu especialistas e produtores num momento em que a cultura do morango registava forte modernização, com crescente adoção de cultivo protegido e rega gota-a-gota. No mesmo ano, Lisboa acolheu o ISHS Symposium on Brassicas / Ninth Crucifer Genetics Workshop, organizado em cooperação com a ISHS e a Crucifer Genetics Cooperative. A presença deste simpósio em Portugal demonstrou o reconhecimento internacional alcançado pela investigação hortícola nacional. Em 1995, a internacionalização das atividades da APH ganhou novo destaque com a realização do ISHS International Walnut Congress, em Alcobaça, dedicado à cultura da noqueira, e das 8^{as} Jornadas GESCO, em Vairão, centradas nos sistemas de condução da vinha. A participação da APH em iniciativas como o concurso "Turismo num Portugal Florido" e o concurso "Hortas de Loures" refletiu também a valorização crescente da horticultura ornamental e urbana.

1996-1999

APH E A TRANSFORMAÇÃO DA AGRICULTURA PORTUGUESA NO FINAL DO SÉCULO XX

Neste período a agricultura portuguesa profissionalizou-se, o número de explorações agrícolas diminuiu e a área média por exploração agrícola aumentou. O setor era fortemente influenciado pelas regras e subsídios da Política Agrícola Comum (PAC).

A horticultura herbácea destacava-se como uma das vertentes mais dinâmicas, impulsionada pelo consumo interno e pela crescente indústria transformadora. O tomate para indústria era o líder absoluto nas culturas hortoindustriais, em 1999 a colheita de tomate atingiu as 1 089 000 toneladas, e a produtividade média 70 617 Kg/ha, segundo o Instituto Nacional de Estatística. Este foi também um período de apogeu para a produção de beterraba sacarina, subsidiada, e que ascendia a 507 mil toneladas, provenientes de 8 mil hectares, em 1999. A área de batata rondava os 87 mil hectares e a produção 367 mil toneladas, enquanto a pera atingia as 118 mil toneladas, o vinho cifrava-se em 7,6 milhões de hectolitros e o azeite em 510 mil hectolitros.

A atividade da APH acompanhava e impulsionava o dinamismo da Horticultura nacional. Entre 1996 e 1999, a APH organizou e participou em 26 eventos científicos e técnicos.



O tomate para indústria era o líder absoluto, em 1999, a colheita de tomate atingiu as 1 089 000 toneladas.

Como era a agricultura portuguesa em 1999?

Em 1999, as explorações com 50 ou mais ha de SAU representavam 2,4% do total e dispunham de 60% da SAU total, segundo o Recenseamento Geral da Agricultura 1999. A idade média dos agricultores aumentou, os produtores com 65 ou mais anos representavam 38% do total, e 47% dos agricultores não tinha qualquer nível de instrução. O número de mulheres produtoras agrícolas era de 23%. Veja-se a comparação com os Censos Agrícolas de 1989:

- **415 969** explorações agrícolas (-30,5%)
- **1 203 600** população agrícola familiar, ou seja, 12% da população portuguesa (-37,4%)
- **3 863 000 ha** Superfície Agrícola Utilizada (SAU) (-3,5%)
- **9,3 ha** SAU média (+39%)





O I Encontro Internacional de Plantas Aromáticas e Medicinais Mediterrânicas, foi realizado pela APH, em Conímbriga, em abril de 1998.

700 participantes no III Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas

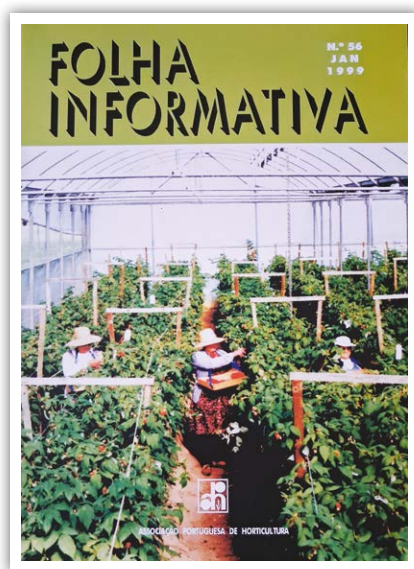
O III Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas, realizado em Vilamoura, em março de 1997, contou com mais de 700 participantes e 450 comunicações, foi um dos maiores eventos de sempre organizados pela APH, em colaboração com a SECH, a UAlg e a DRAPALG. Decorreu em simultâneo com o II Congresso Ibero-Americano de Ciências Hortícolas.

O I Encontro Internacional de Plantas Aromáticas e Medicinais Mediterrânicas, realizado pela APH, em Conímbriga, em abril de 1998, em colaboração com o Laboratório de Farmacognosia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, entre outras entidades, foi um marco numa nova área de conhecimento na APH e que viria a dar origem a diversos eventos subordinados ao tema das Plantas Aromáticas e Medicinais nos anos posteriores.

O I Colóquio de Produção Integrada em Horticultura, realizado em Castelo Branco, em abril de 1998, marcou também este período da vida da APH, tal como outros eventos relacionados com culturas emergentes, entre os quais as 1.^{as} Jornadas da Cultura da Bananeira no Algarve, em julho de 1998, em colaboração com a Direção Regional de Agricultura do Algarve e Associação de Produtores de Banana no Algarve e a Universidade do Algarve.

O I Encontro Nacional de Uva de Mesa, realizado em julho de 1999, em Alenquer, em colaboração com o ISA, o INIA - Estação Agronómica Nacional e a Estação Vitivinícola Nacional e com o apoio da Câmara Municipal de Alenquer, foi também expressão de uma cultura em crescente profissionalização.

Neste período, a Folha Informativa da APH, como se designava à época aquela que viria a evoluir para Revista da APH, é alvo de uma reformulação editorial e melhoria do aspeto gráfico a partir do número Nº 56, em janeiro de 1999.



Folha Informativa da APH Nº 56, em janeiro de 1999, reformulada e melhorada, retrata na capa a colheita de framboesa.

2000-2003

APH: DINAMIZAÇÃO DA HORTICULTURA PORTUGUESA NO INÍCIO DO NOVO MILÉNIO

Entre 2000 e 2003, a APH desenvolveu uma intensa atividade técnico-científica em diferentes regiões do país, refletindo a diversidade da horticultura nacional. O ano iniciou-se com o I Colóquio Nacional da Produção de Morango e Outros Pequenos Frutos, realizado em Oeiras, em maio, em colaboração com a Estação Agronómica Nacional. O evento demonstrou o crescente interesse científico e económico pelos pequenos frutos, setor que começava então a expandir-se em Portugal, impulsionado pela procura de produtos de elevado valor acrescentado e pela adaptação a sistemas de produção mais intensivos. A área de cultivo de morango em Portugal rondava os 540 hectares e o conjunto de todos os outros pequenos frutos cobria menos de 100 hectares. No mesmo mês, realizou-se em Viana do Castelo o III Encontro Nacional de Plantas Ornamentais, com a colaboração da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima. Este encontro destacou a evolução do setor ornamental português, associado ao paisagismo, à produção em viveiro e ao crescimento da procura urbana por plantas decorativas.

O início das Visitas Vitivinícolas da APH

Em setembro de 2000, a Associação promoveu uma Visita Vitivinícola ao Alentejo, com passagens pela Cartuxa, Esporão e Vidigueira. A iniciativa permitiu conhecer o dinamismo da vitivinicultura alentejana, numa época em que a região consolidava a sua notoriedade nacional e internacional graças à modernização das adegas e à afirmação de vinhos de elevada qualidade. Era o início das Visitas Vitivinícolas da APH, que se mantiveram com periodicidade quase anual, realizando-se a 24.ª edição, em 2026. O ano terminou com o Congresso Nacional de Citricultura, realizado em Faro, em novembro, em colaboração com várias entidades científicas e técnicas. Este congresso constituiu um importante fórum de debate sobre os desafios da citricultura portuguesa.

No ano 2000, Portugal Continental registava uma área total de citrinos de 27 341 ha, dos quais o Algarve detinha cerca de 18 000 hectares.



I Colóquio Nacional da Produção de Morango e Outros Pequenos Frutos, realizado em Oeiras, em maio de 2000.



Em 2000 a área de cultivo de morango em Portugal rondava os 540 hectares.



III Encontro Nacional de Plantas Ornamentais, realizado em maio de 2000, em Viana do Castelo.



No ano 2000, o Algarve produzia 18 000 hectares de citrinos • Foto: Amílcar Duarte.

As comemorações dos 25 anos da APH

O ano de 2001 ficou marcado pelas comemorações dos 25 anos da APH, fundada em 1976. Entre os principais eventos destacou-se o IV Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas, realizado em Cáceres, em maio, em cooperação com a SECH espanhola. Em setembro, realizou-se em Ponte de Lima o III Encontro de Docentes de Horticultura do Ensino Superior.

As comemorações dos 25 anos integraram ainda o colóquio “A Vitivinicultura Duriense e o Património”, acompanhado de uma visita vitivinícola ao Douro, em outubro. O evento ocorreu num momento particularmente importante para a região duriense, poucos meses após a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial da UNESCO, em dezembro de 2001. Também em outubro, a APH promoveu em Oeiras o colóquio “Plantas Transgénicas na Agricultura. Que Futuro?”, organizado em colaboração com a Estação Agronómica Nacional e apoiado por várias entidades governamentais e científicas. O debate sobre organismos geneticamente modificados encontrava-se então no centro das discussões europeias sobre segurança alimentar. E hoje, passados 25 anos, continua tão atual e pertinente.

As comemorações culminaram com a Sessão Solene e Jantar de Confraternização dos 25 anos da APH, realizada no Pavilhão de Exposições do Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa. Durante a cerimónia foi apresentado o livro *Associação Portuguesa de Horticultura – 25 Anos*. Esta obra constituiu um importante registo histórico da associação e da evolução da horticultura portuguesa nas últimas décadas do século XX.

Em 2002, destaca-se a organização do V Colóquio Nacional de Produtos Horto-Industriais, em 25 e 26 de outubro, em Torres Novas.

Em 2003, a APH organizou o 1º Colóquio Nacional de Horticultura Biológica, em Coimbra, iniciativa que refletiu o período de expansão inicial da agricultura biológica em Portugal. O I Colóquio Vitivinícola da Estremadura realizou-se nos dias 6 e 7 de junho de 2003, em Torres Vedras, organizado pela APH e pela Comissão Vitivinícola Regional da Estremadura e contou com a presença do então Ministro da Agricultura, Armando Sevinate Pinto.

2004-2008

A APH E A HORTICULTURA PORTUGUESA NO CONTEXTO DO ADVENTO DO REGADIO DE ALQUEVA

Entre 2004 e 2008, a agricultura portuguesa atravessou um dos períodos de transformação mais profundos desde a adesão de Portugal à CEE. As reformas da Política Agrícola Comum (PAC), a modernização tecnológica, a água para regadio do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, que começou a chegar aos agricultores em 2002, e uma agricultura mais orientada para o mercado alteraram profundamente os setores hortícola, frutícola, vitivinícola e olivícola. Foi neste contexto de mudança estrutural que a Associação Portuguesa de Horticultura reforçou o seu papel científico, técnico e associativo, afirmando-se como plataforma de debate e inovação para a horticultura nacional.

Olivicultura como nova área estratégica da APH

Um dos marcos mais relevantes da vida da APH neste período foi a introdução da Olivicultura como nova área estratégica da associação, acompanhada pela criação de uma vice-presidência dedicada ao setor. Esta decisão coincidiu com o *boom* do olival intensivo e superintensivo no Alentejo, impulsionado pelas expectativas de regadio associadas ao Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva. Novas plantações modernas entravam em produção e os investimentos em lagares tecnologicamente avançados permitiam aumentar a qualidade do azeite virgem extra português. A atividade científica e técnica da APH acompanhou esta dinâmica de modernização. Entre 2004 e 2008, a associação promoveu o V Simpósio Ibérico de Ciências Hortícolas, dois Simpósios de Olivicultura, o 2º Simpósio Nacional de Fruticultura, o 2º Colóquio de Horticultura Biológica, o 2º Colóquio Nacional de Plantas Aromáticas e Medicinais e dois Colóquios de Horticultura Ornamental.

APH contribui para a dinâmica da Vitivinicultura

A APH organizou ainda seis visitas vitivinícolas, num momento em que o setor do vinho enfrentava profundas alterações decorrentes da Reforma da Organização Comum do Mercado (OCM) do Vinho, aprovada em 2007 durante a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia. A reforma procurava



O *boom* do olival intensivo e superintensivo no Alentejo surgiu com a água de Alqueva.



Um dos marcos mais relevantes da vida da APH neste período foi a introdução da Olivicultura como nova área estratégica da associação.





O primeiro bloco de rega do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, em Ferreira do Alentejo, começou a regar em 2002.



A APH organizou neste período duas edições do Colóquio Vitivinícola da Estremadura.

aumentar a competitividade do setor europeu, promovendo a qualidade, o engarrafamento e a exportação em detrimento da produção excedentária de baixo valor acrescentado. Em Portugal, iniciou-se uma nova estratégia centrada nas denominações de origem e na internacionalização das marcas nacionais. A APH organizou neste período duas edições do Colóquio Vitivinícola da Estremadura.

APH apresenta candidatura à realização do Simpósio da ISHS

Outro momento de relevo para a APH foi a candidatura à realização do Simpósio da International Society for Horticultural Science (ISHS) em Lisboa, demonstrando a ambição da associação em internacionalizar a horticultura portuguesa e aproximar a investigação nacional das redes científicas internacionais.

As visitas de estudo promovidas pela APH tiveram igualmente grande importância na formação técnica e cultural dos associados. Destacam-se as visitas ao Jardim Botânico e à Estufa Fria, ao Parque da Cidade do Porto e Serralves, às plantações de kiwi no Entre Douro e Minho e ainda à Serra de Sintra, Monserrate e Palácio da Pena. Estas iniciativas permitiram divulgar boas práticas, património paisagístico e experiências inovadoras de produção.

No plano agrícola nacional, o período ficou marcado pela implementação do Regime de Pagamento Único (RPU), aplicado em Portugal a partir de 2005. As ajudas da PAC deixaram de depender diretamente dos volumes produzidos, passando a basear-se nos direitos históricos das explorações. A horticultura portuguesa viveu também uma fase de forte profissionalização. O setor do tomate para indústria foi marcado pela reorganização das Organizações de Produtores. Na fruticultura, a Pera Rocha atingiu em 2008 uma produção recorde. Já a horticultura ornamental registou um crescimento significativo nas plantas envasadas, enquanto o Montijo consolidava a liderança nacional na produção de flor de corte.

Neste contexto de profundas mudanças económicas e tecnológicas, a APH desempenhou um papel essencial na valorização do conhecimento científico, na aproximação entre investigação e produção e na promoção dos setores hortícola, frutícola, ornamental, vitivinícola e olivícola em Portugal.

2009-2014

APH REFORÇA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E ORGANIZA EM LISBOA CONGRESSO INTERNACIONAL DE HORTICULTURA

Entre 2009 e 2013, a agricultura portuguesa atravessou um período de forte transformação estrutural.

O aumento da superfície de regadio alterou o paradigma produtivo nacional, sobretudo no Alentejo, onde o investimento em olivais e amendoeais intensivos começou a transformar profundamente a paisagem agrícola. Em 2011, a balança comercial do azeite português registou um saldo positivo pela primeira vez na história.

Portugal alcançou, em 2013, a 9.ª posição mundial no ranking do comércio internacional de vinho e a 12.ª posição como produtor global. Na horticultura e fruticultura, setores como o tomate para indústria, as peras, maçãs e pequenos frutos evidenciaram forte crescimento orientado para os mercados externos.

O Recenseamento Agrícola de 2009 confirmou mudanças profundas no tecido agrícola português. Em apenas uma década desapareceram cerca de 112 mil explorações agrícolas, a dimensão média das propriedades aumentou de 9,3 hectares para 12 hectares e a idade média dos agricultores situava-se nos 63 anos.

Neste contexto de mudança, a Associação Portuguesa de Horticultura (APH) consolidou o seu papel como uma das principais dinamizadoras da divulgação técnico-científica do setor hortícola nacional, reforçando simultaneamente a sua projeção internacional. A colaboração com a Sociedade Espanhola de Ciências Horticolas (SECH) intensificou-se através da organização conjunta de congressos e jornadas ibéricas dedicadas às Plantas Ornamentais, Maturação e Pós-Colheita, bem como ao desenvolvimento de iniciativas ligadas à Olivicultura.

Lisboa foi Capital Mundial da Horticultura em 2010

O grande momento desta cooperação surgiu em 2010, com a realização do XXVIII International Horticultural Congress (IHC Lisboa 2010), um dos acontecimentos mais marcantes da



O XXVIII International Horticultural Congress, realizado em Lisboa, no ano 2010, foi o evento mais marcante da vida da APH neste período.

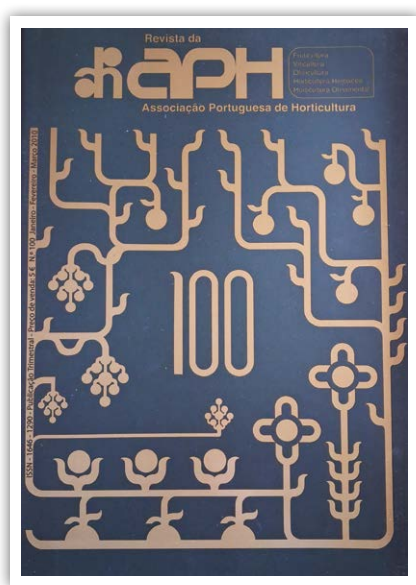


O VI Congreso Ibérico de Ciências Horticolas, realizado em maio de 2009, em Logroño, La Rioja, Espanha, pela Sociedade Espanhola de Ciências Horticolas (SECH) em parceria com a APH.





Em 2012, iniciou-se uma parceria com o jornal Público, através da qual a APH passou a assegurar a secção de Jardinagem da revista Fugas. Ao longo de 44 meses foram publicados 78 artigos. O sucesso da iniciativa conduziu posteriormente à compilação dos textos no livro “Mãos à Horta”, publicado em 2016.



Capa da Revista da APH N.º 100, publicada no primeiro trimestre de 2010.

horticultura mundial das últimas décadas. Organizado em Lisboa pela APH em parceria com a SECH, o congresso reuniu 3434 participantes provenientes de 100 países, tornando-se o segundo maior IHC de sempre em número de participantes. Lisboa assumiu-se, durante vários dias, como capital mundial da horticultura, num evento que elevou o reconhecimento internacional da horticultura ibérica e da própria APH.

APH colabora com jornal Público na secção de Jardinagem

A aposta na divulgação do conhecimento junto da sociedade foi outro dos traços distintivos desta fase da Associação. Em 2012 iniciou-se uma parceria com o jornal Público, através da qual a APH passou a assegurar a secção de Jardinagem da revista Fugas. Este trabalho implicou uma produção editorial quinzenal contínua, destinada a aproximar a horticultura, a jardinagem e o mundo das plantas do público em geral, através de uma linguagem prática e acessível. Ao longo de 44 meses foram publicados 78 artigos, evidenciando a crescente importância da comunicação técnica simplificada e da literacia verde junto dos leitores. O sucesso da iniciativa conduziu posteriormente à compilação dos textos no livro “Mãos à Horta”, publicado em 2016.

Visitas Vitivinícolas aos Açores e à Madeira

A atividade da APH expandiu-se igualmente ao território nacional insular, com a realização das Visitas Vitivinícolas aos Açores e à Madeira. Estas iniciativas representaram um marco histórico na vida da Associação, por corresponderem aos primeiros eventos organizados pela APH nos arquipélagos portugueses, reforçando a proximidade ao setor vitivinícola nacional. A produção editorial e científica manteve-se particularmente intensa durante este período. A APH publicou 11 números da série “Actas Portuguesas de Horticultura”, assegurando o registo técnico e científico das comunicações apresentadas nos congressos e jornadas organizados pela Associação, privilegiando cada vez mais os formatos digitais.

Em simultâneo, foram editados 19 números da Revista da APH, do n.º 96 ao 116, consolidando a revista como uma referência de divulgação técnica, científica e associativa para profissionais, investigadores, estudantes e técnicos ligados à horticultura portuguesa.

2015-2017

APH CELEBRA 40 ANOS E APROXIMA-SE DAS GERAÇÕES MAIS JOVENS

O 40.º aniversário da APH celebrou-se em 2016 com o ciclo de conferências *4 Décadas, 4 Temas* — que debateu o papel da Horticultura perante os desafios da globalização, a sua função vital na produção de alimentos, mas também como garante da humanização dos espaços urbanos, através de uso de plantas nos edifícios e nas cidades. Não menos relevante, a função social e terapêutica da Horticultura no apoio a diferentes camadas da população. A APH reuniu oradores convidados ilustres nestas conferências, desde Hélder Muteia, o representante da FAO em Portugal, o arquiteto Manuel Aires Mateus, o chef Henrique Sá Pessoa, e Tim Smit diretor do Eden Project.

24 Horas de Agricultura — o evento que marcou gerações

As *24 Horas de Agricultura Syngenta* foi o evento mais marcante deste período da vida da APH. Tratou-se de uma competição formativa, organizada pela APH em parceria com a IAAS — Associação Internacional de Estudantes de Agricultura e Ciências Relacionadas, dirigida a estudantes de Ciências Agrárias do ensino superior e técnico-profissional. Mobilizou mais de 600 estudantes de Norte a Sul do país e alguns vindos de Espanha, decorreu durante seis edições, em seis escolas diferentes, entre 2016 e 2023, com dois anos de interregno, em 2020 e 2021, devido à pandemia da Covid-19. As equipas eram desafiadas, durante 24 horas consecutivas, a resolver provas teóricas e provas práticas de campo, que eram preparadas pela Direção da APH, pelos docentes das escolas anfitriãs e pelas empresas parceiras e patrocinadoras do evento. Os estudantes aprendiam novos conteúdos relevantes para a sua formação profissional. As gerações que passaram pelas *24 Horas de Agricultura Syngenta* jamais as esquecerão!

Simpósio Internacional do Kiwi reuniu 23 nacionalidades no Porto

O carácter internacional da APH e a sua colaboração com entidades congéneres reforçou-se neste período. O IX Simpósio Internacional do Kiwi, realizado no Porto, de 6 a 9 de setembro de 2017, reuniu 234 participantes de 23 países, e recebeu 157 comunicações científicas. Um evento coorganizado pela



O 40.º aniversário da APH celebrou-se em 2016 com o ciclo de conferências *4 Décadas, 4 Temas*.

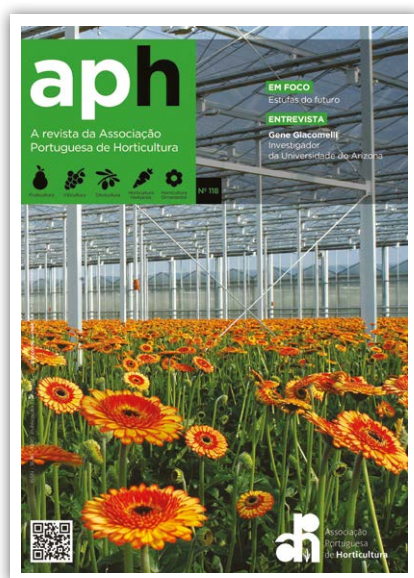


Estudantes que participaram e dois membros da equipa vencedora da 1.ª edição das *24 Horas de Agricultura Syngenta*, realizadas no Instituto Superior de Agronomia em Lisboa, pela APH.





O IX Simpósio Internacional do Kiwi, realizado no Porto, de 6 a 9 de setembro de 2017, reuniu 234 participantes de 23 países.



A Revista da APH foi reformulada em setembro de 2015, assumiu um design mais moderno e um caráter mais jornalístico.

Associação Portuguesa de Horticultura, a Universidade do Algarve e a Universidade de Vigo, sob a égide da Sociedade Internacional de Ciências Horticolas (ISHS). Nesta época, a área de pomares de kiwi em Portugal era estimada em 2.800 hectares e a produção rondava as 28.000 toneladas, das quais cerca de 15.000 toneladas eram exportadas.

Em novembro de 2017, o I Congresso Luso-Brasileiro de Horticultura promoveu o encontro de 250 cientistas e empresários, no Centro de Congressos dos ISCTE, coorganizado pela Associação Portuguesa de Horticultura e a Associação Brasileira de Horticultura. O modelo escolhido para o CLBHort2017, com a participação de empresários líderes de Portugal e Brasil, em plenárias e mesas redondas, colocou em perspetiva a forma como inovam nos seus negócios e contribuiu para aproximar investigadores e empresários lusófonos.

A Revista da APH moderniza-se

A Revista da APH foi reformulada em setembro de 2015, assumiu um design mais moderno e um caráter mais jornalístico. No Estatuto Editorial da Revista, lia-se “introduzimos recentemente uma forma de comunicação mais atual e apelativa, com reportagens e entrevistas de fundo, mas também com notícias e apontamentos breves. Tudo isto enquadrado por um layout renovado e atraente, que torna a leitura da Revista da APH mais fluída, fácil e agradável, pela cor e ritmo com que os conteúdos são apresentados. Os conteúdos em cada número gravitarão em torno de um tema “em foco”, que acompanhará, sempre que possível, a atualidade nacional”.



Em novembro de 2017, o I Congresso Luso-Brasileiro de Horticultura promoveu o encontro de 250 cientistas e empresários.

2018-2020

APH ENTRE A CIÊNCIA, A SUSTENTABILIDADE E AS NOVAS GERAÇÕES

A Associação Portuguesa de Horticultura (APH) reforçou o seu papel como plataforma de ligação entre ensino, investigação, empresas e produção agrícola, promovendo iniciativas de forte impacto técnico, científico e formativo.

Uma das iniciativas mais emblemáticas deste período foram as *24 Horas de Agricultura Syngenta*, competição formativa inédita na Europa, que rapidamente se afirmou como um marco na transição entre a vida académica e a carreira profissional dos estudantes de Ciências Agrárias. A APH realizou neste mandato duas edições deste evento, em parceria com a IAAS Portugal – a terceira edição decorreu em abril de 2018, na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, em Ponte de Lima, sob o tema “Pensar Global, Agir Local”; e a quarta edição teve lugar em 2019 na Universidade do Algarve, sob o tema “Agricultura Circular”, refletindo a crescente preocupação do setor com a sustentabilidade e a economia circular.

A competição consolidou-se como uma experiência formativa única, promovendo competências técnicas, trabalho em equipa e contacto direto com empresas de referência do setor agrícola.

VIII Simpósio Nacional de Olivicultura na Feira Nacional de Agricultura

Também em 2018, a APH organizou o VIII Simpósio Nacional de Olivicultura, realizado no CNEMA, em Santarém, integrado na Feira Nacional de Agricultura.

O simpósio reuniu investigadores, técnicos, produtores e empresas ligadas ao setor do olival e azeite, num momento particularmente relevante para uma fileira em forte expansão e modernização. Com cerca de uma centena de trabalhos apresentados, entre comunicações orais e painéis, quatro conferências plenárias e uma mesa redonda dedicada à ligação entre ciência e setor produtivo, o evento destacou-se como um importante fórum de transferência de conhecimento técnico e científico para os agentes da fileira olivícola.



Logótipo humano das *24 Horas de Agricultura*, competição formativa inédita na Europa, em abril de 2018, na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.



24 Horas de Agricultura em Ponte de Lima, na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, em 2018.





Prova de instalação de sistema de rega nas 24 Horas de Agricultura na Universidade do Algarve, Faro, em 2019.



Na 8.ª edição do Simpósio Nacional de Olivicultura foram apresentados cerca de uma centena de trabalhos científicos.



2.º Colóquio sobre Uso Sustentável de Pesticidas, realizado em junho de 2019, na Escola Superior Agrária de Santarém.

Duas décadas de Visitas Vitivinícolas

A promoção do convívio técnico e associativo manteve-se igualmente como uma marca identitária da APH através das Visitas Vitivinícolas, iniciativas que ao longo de duas décadas aproximaram associados, investigadores e profissionais do setor vitivinícola nacional. Em novembro de 2018 realizou-se a 19.ª Visita Vitivinícola, dedicada à região da Cova da Beira e Beira Interior, reunindo cerca de 40 associados. Já em outubro de 2019, a 20.ª edição teve como destino o Alentejo, reforçando o carácter itinerante e agregador desta iniciativa emblemática da vida associativa da APH.

Outro momento particularmente relevante deste período foi o 2.º Colóquio sobre Uso Sustentável de Pesticidas, realizado em junho de 2019, na Escola Superior Agrária de Santarém. O evento reuniu 167 participantes e promoveu um debate alargado entre agricultores, investigadores, técnicos, indústria, ambientalistas, nutricionistas, decisores políticos e representantes da sociedade civil. Num momento em que o uso de produtos fitofarmacêuticos assumia crescente escrutínio público e político, o colóquio destacou-se pela capacidade de aproximar diferentes sensibilidades e promover um debate técnico, científico e socialmente participado sobre os desafios da proteção das plantas e da sustentabilidade agrícola.

Entre 2018 e 2020, a APH consolidou assim a sua posição como uma associação de referência na promoção da formação, disseminação do conhecimento científico e aproximação entre academia, empresas e produção agrícola, acompanhando os grandes desafios da agricultura portuguesa contemporânea.



A 20.ª Visita Vitivinícola da APH na adega das Mouras de Arraiolos, em 2019.

2021-2027

APH REFORÇA A SUA MISSÃO DE InFormar HORTICULTURA

O período pós-pandemia da Covid-19 caracterizou-se por intensa atividade na Associação Portuguesa de Horticultura, que organizou e/ou coorganizou **33 eventos técnicos e científicos**, entre 2021 e 2026*, incluindo: três congressos internacionais; sete simpósios nacionais e internacionais; cinco colóquios; quatro jornadas nacionais e internacionais, sete visitas vitivinícolas e experiências de olivoturismo & enoturismo e sete iniciativas de diversa ordem.

A missão de InFormar Horticultura prosseguiu e foi reforçada através da Revista da APH, com a publicação de **21 edições** (n.º 140 ao n.º 160*), do website, das redes sociais da Associação (Facebook, Instagram e LinkedIn), da Flash APH (newsletter digital) e das Actas Portuguesas de Horticultura.

O histórico 5.º Simpósio Nacional de Fruticultura

O 5.º Simpósio Nacional de Fruticultura, realizado de 9 a 10 de fevereiro de 2023, no Montebelo Mosteiro de Alcobaça Hotel, foi um dos eventos mais marcantes: reuniu 340 participantes, 106 trabalhos científicos e 24 patrocinadores. O evento foi organizado pela APH, COTHN-CC, INIAV, I.P., DRAPLVT e Município de Alcobaça.

O Simpósio Nacional de Olivicultura (SNO) continuou a afirmar-se como espaço privilegiado para divulgação de avanços tecnológicos e partilha de conhecimento científico no setor do olival e azeite. Portugal atingiu, na campanha 2021/2022, a maior produção de azeite de sempre — 209.273 toneladas — e as exportações ultrapassaram pela primeira vez mil milhões de euros.

Neste período, realizaram-se duas edições do SNO: a 9.ª edição, em 2021, no INIAV, I.P., em Oeiras, subordinada ao tema “Tecnologia e Circularidade na Olivicultura”, integrando 70 trabalhos técnico-científicos e uma mesa-redonda sobre sustentabilidade nos olivais de alta densidade; e a 10.ª edição, em 2024, no Instituto Politécnico de Bragança, sob o tema “Inovar para a Sustentabilidade em Olivicultura”, reunindo 150 participantes de Portugal, Espanha, Brasil e Tunísia.



O 5.º Simpósio Nacional de Fruticultura, reuniu 340 participantes, no Montebelo Mosteiro de Alcobaça Hotel, em fevereiro de 2023.



A 6.ª edição das 24H de Agricultura reuniu 100 estudantes de 11 instituições de ensino, na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança, em 2023.





Visita ao lagar da Casa Relvas na 3.ª edição das Experiências APH de Olivoturismo/Enoturismo, no Alentejo.



O X Simpósio Nacional de Olivicultura, realizado no Instituto Politécnico de Bragança, em 2024, contou com a participação do Secretário de Estado da Agricultura, João Moura.



A 21.ª Visita Vitivinícola da APH realizou-se ao Dão, nos dias 24, 25 e 26 de junho de 2022.

Experiências APH de Olivoturismo/Enoturismo

Neste período decorreram também as primeiras três edições das Experiências APH de Olivoturismo/Enoturismo. Iniciativa destinada a promover o conhecimento das regiões e dos seus produtos, conciliando componentes técnicas e de lazer em torno do azeite e do vinho. A 1.ª edição realizou-se de 11 a 13 de novembro de 2022, em Trás-os-Montes (Mirandela e Valpaços), a 2.ª edição decorreu de 1 a 3 dezembro de 2023 no Planalto Beirão e a 3.ª edição teve lugar de 14 a 16 de novembro de 2025, no Alentejo.

Num trabalho inédito de aproximação e partilha de conhecimento com as gerações mais jovens, a APH organizou a 5.ª e a 6.ª edições da competição formativa 24 Horas de Agricultura Syngenta. A 5.ª edição, dedicada à Agricultura 4.0, reuniu 150 estudantes de 10 universidades e três escolas profissionais agrícolas, na Escola Superior Agrária de Santarém. A 6.ª edição, subordinada ao tema “Agricultura Regenerativa”, realizou-se em 2023, na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança, reunindo cerca de 100 estudantes de 11 instituições de ensino.

O Simpósio VitiVino e a 3.ª década das Visitas Vitivinícolas da APH

A Vitivinicultura atravessa grandes desafios resultantes das alterações climáticas e da redução do consumo mundial de vinho. Ainda assim, Portugal mantém-se como o maior consumidor mundial de vinho, com 61,1 litros/habitante/ano em 2024. Nesse contexto, a APH organizou dois simpósio/colóquios VitiVino – em Palmela, a 23 e 24 de novembro de 2022, e em Cantanhede, a 14 e 15 de novembro de 2024 – em parceria com a Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, reunindo investigadores, técnicos e empresários num contributo para a melhoria da vitivinicultura com mais ciência, mais conhecimento e mais inovação. As Visitas Vitivinícolas da APH entravam na terceira década de existência, mantendo a relevância de reunir as pessoas à volta do vinho, de promover o conhecimento das regiões vitivinícolas portuguesas, das suas tradições, modernidade e cultura. Neste ciclo de seis anos*, realizaram-se quatro Visitas Vitivinícolas da APH: a 21.ª ao Dão, nos dias 24, 25 e 26 de junho de 2022; a 22.ª ao Algarve, dos dias 19, 20 e 21 de maio de 2023; a 23.ª à Bairrada, nos dias 28, 29 e 30 de junho de 2024 e a 24.ª à região dos Vinhos Verdes, nos dias 26, 27 e 28 de junho de 2026.

Cooperação internacional reforçada

A cooperação internacional da APH prosseguiu com dinamismo, destacando-se o XIII Simpósio Ibérico de Maturação e Pós-Colheita (POST26), realizado de 1 a 3 de junho de 2026, na Universidade do Algarve, em Faro, reunindo mais de 100 investigadores e especialistas portugueses, espanhóis e da América Latina para debater soluções inovadoras de conservação de frutas e hortícolas e redução do desperdício alimentar. A APH coorganizou o POST26 com a Universidade do Algarve e a Sociedade Portuguesa de Biologia de Plantas, em colaboração com as homólogas Sociedade Espanhola de Ciências Hortícolas (SECH) e a Sociedade Espanhola de Biologia de Plantas.

As Jornadas Ibéricas de Horticultura Ornamental, organizadas pela APH em colaboração com a SECH, tiveram duas edições neste período: em 2023, na Escola Superior Agrária de Coimbra, e em 2026, na Estação Experimental Agrária de Elche, em Alicante.

Também na área da Horticultura Herbácea e Ornamental, a APH organizou o III Colóquio Nacional de Plantas Aromáticas e Medicinais, nos dias 24 a 25 de março de 2022, em colaboração com a Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco (ESA/IPCB) e o Centro de Biotecnologia de Plantas da Beira Interior (CBPBI). O CNPAM2022 contou com 150 participantes, desde produtores, empresários, estudantes e investigadores de nacionalidades diversas e cerca de 50 trabalhos científicos. Na área da Horticultura Herbácea, destacam-se também o V Colóquio Nacional de Horticultura Biológica, realizado nos dias 11 e 12 de maio de 2023, na Aula Magna Instituto Politécnico de Viseu, e o VI Colóquio Nacional de Horticultura Biológica, realizado nos dias 12 e 13 de novembro de 2026, no Funchal, organizado pela APH em parceria com o ISOplexis - Centro de Agricultura Sustentável e Tecnologia Alimentar da Universidade da Madeira e com o apoio da Direção Regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Governo da Região Autónoma da Madeira.

A Horticultura pode mudar vidas

O APH organizou também o 2.º Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica, nos dias 30 e 31 de março de 2023, no auditório da LIPOR, em Baguim do Monte, sob o lema “A Horti-

cultura Muda Vidas”. O 2CNHST envolveu técnicos, investigadores, municípios, empresas e diversas comunidades e movimentos sociais.

**data de redação deste livro*



O simpósio/colóquio VitiVino organizado pela APH e a SCAP em Palmela, a 23 e 24 de novembro de 2022.



Mesa-redonda do V Colóquio Nacional de Horticultura Biológica, realizado nos dias 11 e 12 de maio de 2023, na Aula Magna Instituto Politécnico de Viseu.



EVOLUÇÃO DA PUBLICAÇÃO DA APH



1981

Folha informativa n.º 1: Pequena folha verde em formato A5, escrita em ambos os lados. Conteúdo inicial: breve história da APH, avisos de quotas e notas sobre horticultura.

1983

A partir do n.º 8, mantendo o formato A5, o número de folhas passa para duas.

1989-98

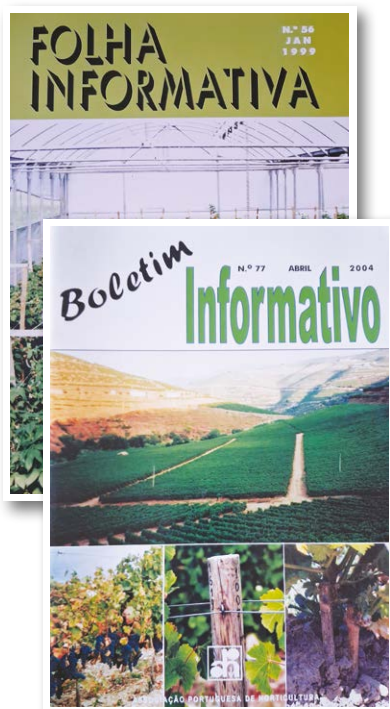
A partir do n.º 18, em janeiro de 1989 surge no formato A4, com nova imagem gráfica. No n.º 19 começa a ser introduzida publicidade dos patrocinadores, mantendo-se sem grandes alterações até ao n.º 55.

1999

O n.º 56 tem capa fotográfica a cores e o número de páginas claramente aumentado.

2001

A publicação passa a chamar-se Boletim Informativo a partir do n.º 64. Com formato A4, capa a cores e 24 páginas, assume periodicidade trimestral (janeiro, abril, julho, outubro), com conteúdo alargado: mensagem do Presidente, artigos técnicos, notícias de eventos, títulos honoríficos, calendário e publicidade.



FOLHA INFORMATIVA · BOLETIM INFORMATIVO · REVISTA

2004

Criação da Revista da APH com novo design a cores e novos conteúdos: novo editorial; entrevistas; reportagens; notícias, artigos de divulgação, etc.



2015

A Revista da APH é reformulada a partir do N.º 119 (dezembro de 2015), sob coordenação editorial da jornalista Nélia Silva, com um novo projeto gráfico. A Revista torna-se mais apelativa e os conteúdos que gravitam em torno de um tema “Em Foco”, que acompanha a atualidade do setor Hortícola e é escolhido em função dos Eventos organizados pela APH.







CAPÍTULO II
ANALISAR O PRESENTE
DA HORTICULTURA
E DA APH



ÓRGÃOS SOCIAIS APH 2025-2027



PRESIDENTE

Ana Cristina Ramos

DIREÇÃO



Rosa Guilherme
Vice-Presidente para
a Horticultura Herbácea



Dulce Antunes
Vice-Presidente para
a Fruticultura



Fernanda Delgado
Vice-Presidente para
a Horticultura Ornamental



Maria Teresa P. da Mota
Vice-Presidente para
a Viticultura



Francisco Ataíde Pavão
Vice-Presidente para
a Olivicultura



Adriana Guerreiro
Tesoureira



Nuno Rodrigues
Primeiro Secretário



Custódia Gago
Segunda Secretária



Maria do Céu Godinho
Vogal Editora da Revista



Cristina Ferreira
Vogal Relações Públicas

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL



José Alberto Pereira
Presidente



Raul Rodrigues
Vice-Presidente



Amílcar Duarte
Secretário

CONSELHO FISCAL



António Calado
Presidente



José Gregório R. de Freitas
Vice-Presidente



Alda Maria Brás
Secretária

(Após fevereiro de 2026)



José Gregório R. de Freitas
Presidente



Alda Maria Brás
Vice-Presidente



Elisabete Figueiredo
Secretária





ANA CRISTINA RAMOS
PRESIDENTE DA APH | 2021-2027

«A HORTICULTURA É UM SETOR COM FUTURO, EXIGENTE E APAIXONANTE»

O Homem foi novamente à Lua, a tecnologia está mais evoluída do que nunca, mas há um retrocesso na natureza humana. Como é que a Horticultura pode ajudar-nos?

A horticultura tem uma capacidade única: a de nos ligar à terra e aos alimentos, à forma como produzimos e consumimos. As novas tecnologias, da agricultura de precisão à inteligência artificial, dos sensores de monitorização às técnicas avançadas de conservação, estão a transformar a horticultura. Produzimos mais com menos recursos, reduzimos perdas, prolongamos a vida útil dos alimentos e chegamos ao consumidor com mais qualidade e mais informação. Num mundo onde um terço dos alimentos produzidos é desperdiçado, este conhecimento é essencial. A horticultura tem hoje ferramentas como nunca teve para nos ajudar a ser mais eficientes, mais responsáveis e mais conscientes do valor do que a terra nos dá.

Do seu ponto de vista como investigadora, quais são os maiores desafios do mundo atual? Aqueles que a deixam a pensar no rumo da Humanidade?

O desperdício alimentar é o que mais me inquieta e talvez um dos maiores desafios do mundo atual. Não por falta de soluções, uma vez que temos tecnologia para conservar melhor, para prolongar a vida útil dos alimentos, para reduzir perdas ao longo de toda a cadeia, da produção ao consumidor. O problema está a montante: na crescente desconexão das pessoas com a origem dos alimentos que consomem. Quando não sabemos de onde vem o que comemos, perdemos a noção real do seu valor, do esforço, dos recursos e do conhecimento que são necessários para o produzir. E sem essa noção, dificilmente faremos as escolhas certas, enquanto consumidores e cidadãos.

Passados 50 anos, e na era da Inteligência Artificial, como é que a APH se poderá manter relevante?

Sendo o que sempre foi, um espaço de encontro entre quem investiga e quem produz, mas usando as ferramentas do presente para chegar a mais pessoas e de forma mais célere. A

Inteligência Artificial pode ajudar-nos a divulgar conhecimento, a personalizar informação para diferentes públicos e a modernizar a forma como comunicamos. Mas a relevância da APH nunca dependeu da tecnologia que usa, dependeu sempre da qualidade das pessoas que reúne e da utilidade do que partilha, e isso é o que nos define. O que tem de mudar é a nossa capacidade de atrair as gerações mais jovens, de falar a linguagem do seu tempo e de lhes mostrar que a horticultura é um setor com futuro, exigente e apaixonante.

Como gostaria de ser lembrada no final de dois mandatos como Presidente da APH?

Gostaria de ser lembrada como alguém que deu continuidade ao trabalho dos presidentes e direções que me antecederam, tornando a APH ainda mais dinâmica e proativa. Que apostou em eventos nas diferentes áreas da horticultura, levando a cada vez mais pessoas a atualização do conhecimento e a divulgação do que se passa nos diferentes setores. Tive também a sorte de poder celebrar os 50 anos da APH, um marco incontornável na vida de qualquer associação. Este livro comemorativo é, tal como o livro comemorativo dos 25 anos, um registo que ficará na história da APH e um testemunho do que fomos e do que queremos ser. O feedback que temos recebido dos sócios e participantes nos diferentes eventos é, para mim, o melhor indicador de que estamos no caminho certo. Se no final as pessoas sentirem que a APH ganhou uma energia nova, que chegou a quem ainda não a conhecia, aí sim, sentirei que valeu a pena e com a sensação de missão cumprida! Mas importa sublinhar que nada disto é trabalho de uma pessoa só. Sou apenas a cara de uma lista de pessoas que constituem os órgãos sociais da APH, unidas por um plano de trabalho comum e uma visão partilhada.

Se tivesse de escolher uma planta/cultura que simbolize estes 50 anos da APH — e também o seu percurso — qual seria e porquê?

É difícil escolher uma única cultura que abranja os “meus dois mundos”, o da investigação em ciência e tecnologia dos alimentos e o da horticultura na sua plenitude (APH), pois poderiam ser muitas. Mas talvez refira o tomate, pois esta cultura foi verdadeiramente marcante para a APH desde os seus primór-

dios. Em 1979, o primeiro simpósio internacional da ISHS realizado em Portugal foi dedicado ao tomate para indústria, um momento que projetou a horticultura portuguesa e a própria APH. O tomate é talvez um dos produtos hortícolas mais estudados em termos de conservação e transformação, e exemplifica como a ciência pode valorizar aquilo que o campo produz. Cinquenta anos depois, continua na mesa de todos os portugueses e no centro da investigação hortícola. E por isso, difícil encontrar melhor símbolo!



«Gostaria de ser lembrada como alguém que deu continuidade ao trabalho das direções que me antecederam, tornando a APH ainda mais dinâmica e proativa»





JOSÉ ALBERTO PEREIRA
PRESIDENTE DA APH | 2018-2021

A APH DE 2018 A 2021

Desde 2012 que integro os Órgãos Sociais desta grande associação que é Associação Portuguesa de Horticultura (APH). No mandato de 2018-2021, tive o privilégio de ter sido Presidente da Direção, depois de dois mandatos como Vice-Presidente para a área da Olivicultura (2012-2014 e 2015-2017), mantendo-me a partir de então como Presidente da Assembleia Geral (mandatos 2022-2024 e 2025-2027). Desde a primeira hora que o espírito tem sido sempre o mesmo, fazer da APH uma grande associação que represente o sector e que trabalhe em prol dos seus associados. Desde então, sempre nas direções da APH, e nos seus associados, encontrei um grande sentido de responsabilidade, de entre ajuda e de missão em torno do objetivo comum que é tornar a APH ainda maior, como centro de excelência para a discussão dos avanços e problemas da Horticultura portuguesa, mas também um parceiro sempre ativo e na interação com o sector.

Neste mandato foram diversas as atividades realizadas, das quais daremos destaque a três, não porque umas sejam mais importantes do que as outras, mas sim porque por algum motivo nos tocaram mais. Uma ligada aos jovens, as 24 Horas de Agricultura Syngenta, outra ligada a um setor com forte relevância no panorama hortícola nacional, o VIII Simpósio Nacional de Olivicultura, e outra pela sua consolidação, a 19.ª Visita Vitivinícola.

As 24 Horas de Agricultura Syngenta, nas quais tive o privilégio de participar em duas edições como Presidente da Direção, foram seguramente um dos momentos mais marcantes do mandato. Este evento, realizado em parceria com a Associação Internacional de Estudantes de Agricultura e Ciências Relacionadas (IAAS Portugal) decorreu em 2018, na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, e em 2019, na Universidade do Algarve, e onde participaram mais de 30 equipas de estudantes do ensino superior, e de escolas profissionais agrícolas, de Portugal e Espanha. Foram momento inspiradores com muita energia, muita alegria e boa disposição, mas também com muitos desafios, estudo, aprendizagem, camaradagem, e interação com as empresas, e envolvimento de jovens de todo o País e Direções de Escolas de Agricultura.

O VIII Simpósio Nacional de Olivicultura que, pela primeira vez, decorreu em paralelo com a Feira Nacional de Agricultura, de 7 a 9 de junho de 2018, no CNEMA, em Santarém, associando-se às atividades do World Olive Oil Summit. Este foi um evento marcante, que reuniu muitos investigadores, técnicos, produtores e empresas ligadas ao setor do olival e azeite, num momento particularmente relevante para uma fileira em forte expansão e modernização. O destaque a este evento deve-se à grande afluência e projeção que teve o evento, e onde a marca da APH saiu mais uma vez consolidada e fortalecida.

A 19.ª Visita Vitivinícola, que decorreu em novembro de 2018, é um bom exemplo do que é a marca APH, e da sua consolidação ao longo do tempo. Onde percorrer o País e dar a conhecer o que melhor se faz num setor vital para a economia nacional é também uma das características da nossa associação. Desta vez foi dedicada à Região da Beira Interior, e como sempre foram momentos de grande aprendizagem, convívio e interação com os sócios. Neste período foram publicadas várias Actas de Horticultura, manteve-se a publicação regular da Revista da APH e organizaram-se diferentes encontros científico-técnicos e participaram-se em diferentes fóruns e ações de divulgação. Mas, mais importante do que falar no passado, interessa realçar o que esperamos para a APH nos próximos 50 anos.

O que esperamos para a APH nos próximos 50 anos

No futuro, a APH deverá continuar a trilhar o caminho que tem seguido até aqui, mantendo e muito bem a afirmação como uma marca nacional no sector, reconhecida pela sua importância e vitalidade. Deverá igualmente continuar a reforçar as suas fortes ligações à academia, à investigação e à inovação, bem como promover a organização de eventos de elevada qualidade, afirmando-se como a principal associação do sector na divulgação científica e técnica dos avanços do conhecimento na área, e como um fórum privilegiado de discussão e intervenção, onde todos os agentes do sector têm lugar. O reforço da estratégia de aproximação às EMPRESAS e da ligação ao tecido produtivo, onde reside a grande força da Horticultura, deverá continuar a ser uma prioridade. As empresas são hoje grandes agentes de experimentação hortícola e agentes de inovação do sector, devendo a APH apoiar e dar destaque ao que de bem se faz. A aproximação às camadas mais JOVENS

da população deve igualmente constituir um dos grandes desígnios da APH, valorizando os seus princípios e orientações e demonstrando que a base da alimentação, bem como a soberania e a segurança alimentar, dependem em grande medida da Horticultura.

Por último, importa reforçar a INTERNACIONALIZAÇÃO, fomentando ainda mais as ligações com Espanha, promovendo a criação de um espaço ibérico de Horticultura, bem como aprofundando as relações com os países de expressão portuguesa, que partilham conosco laços culturais e históricos. A ligação à *International Society for Horticultural Science*, como a sociedade que nos agrega a todos, deverá ser mantida e reforçada.

Estou certo de que as próximas Direções saberão prosseguir este esforço de aproximação e contribuir para tornar a APH ainda mais forte e relevante. Uma palavra de reconhecimento a todos os órgãos sociais desde a criação da APH até aos dias de hoje, e aos sócios que souberam manter a associação viva. Muitos parabéns à APH e que venham mais 50 anos com este dinamismo e capacidade de intervenção.

VIVA A APH!

«A APH deverá continuar a trilhar o caminho que tem seguido até aqui, mantendo e muito bem a afirmação como uma marca nacional no sector»





DOMINGOS ALMEIDA
PRESIDENTE DA APH | 2014-2017

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HORTICULTURA: EVOCAÇÃO E PROSPETIVA

Pede-me a Presidente um exercício de dupla anacronia: (1) que evoque momentos da minha ligação à APH e (2) partilhe a minha «visão e desejos» para a Associação no horizonte de cinco décadas.

Evocação

Quando, em 1993, me associei à APH coube-me o número 979. A Associação contava então com 17 anos de atividade, mas apenas dois de personalidade jurídica. Recém-licenciado em Engenharia Agrícola, foi nesse ano que iniciei a carreira docente universitária, como assistente estagiário na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com a lecionação de aulas práticas de Horticultura, Forragens e Pastagens, Agricultura Geral e Biologia das Culturas. Foi também nesse ano e na APH que, sob orientação do Professor Eduardo Rosa, me estreei na comunicação técnico-científica, falando sobre *sistemas de transplantação na cultura das couves* ao II Colóquio Nacional de Produção de Brássicas.

Nos estudos pós-graduados aprofundei a compreensão dos regimes hortícolas e concluí o mestrado em Horticultura, Fruticultura e Viticultura (1995) com uma dissertação sobre *análise de crescimento na cultura da batata para indústria*, sob orientação do Professor Fernando Martins. Consolidei então uma abordagem à agronomia muito influenciada pela compreensão de relações quantitativas no quadro da teoria geral dos sistemas. Interessei-me por plantas aromáticas e medicinais e assisti, com o entusiasmo da descoberta, ao I Colóquio Nacional sobre o tema, organizado pela APH em 1996.

Os estudos de doutoramento no enorme Departamento de Ciências Hortícolas da Universidade da Florida afastaram-me do país. Imergi então no estudo do metabolismo das plantas e sua regulação. Pude ensinar e aprender Horticultura num contexto distinto do português. Decidi tornar-me um professor competente de horticultura e hortonomia e assisti *ad hoc* a disciplinas dos programas de pré- e pós-graduação em técnicas hortícolas – subtraindo-me precioso tempo de bancada

de laboratório que paguei com muitas semanas de 80 horas. Em 1999, com a dissertação defendida, 29 anos, quase 15 desde que começara a estudar agropecuária no ensino secundário, achei-me finalmente capaz de raciocinar a partir de princípios nos vários níveis de organização – do gene ao sistema cultura – e agir racionalmente sobre plantas em cultivo.

Em 2000, a colega Isabel Mourão desafiou-me para a função de secretário da sua direção. A minha primeira incumbência foi registar um domínio para a APH na internet para constatar que a Associação de Professores de História já tomara a sigla desejada – ficámos em *aphorticultura.pt*. Coordenei a organização das II Jornadas Ibéricas de Plantas Ornamentais (2004), dando continuidade à iniciativa da nossa congénere espanhola numa reunião conjunta em Sevilha, dois anos antes. Voltei a servir, agora como vice-presidente para a Horticultura Ornamental, na direção presidida pelo colega Manuel Soares (2006-2008).

Via a APH como a *casa comum* do conhecimento sobre Horticultura em Portugal, casa que viria a frequentar durante toda a minha carreira na Horticultura académica. Particpei com proveito numa trêz dezenas as reuniões técnicas e científicas organizadas pela APH, muitas das quais com o meu contributo. Foram a minha janela para o que se fazia na hortonomia nacional e o local de encontro com tantos colegas e amigos. Estou grato aos que fundaram a APH e a mantiveram ativa e produtiva. Na geração que coube, espero ter feito bem a minha parte.

Em 2015, os sócios encarregaram os membros da lista que encabecei da condução da APH durante 3 anos. As atividades ficaram nos relatórios – as pessoas e os acontecimentos, guardo-os na memória. Do período da minha presidência, destaco a surpreendente *capacidade iniciativa e de concretização* que encontrei numa equipa que se revelou uma força especial – ligeira e flexível, generosa e pronta, operativa e finalizadora. Percebi que isso era o produto de uma cultura organizacional forjada ao longo de 40 anos, que esse era, afinal, o verdadeiro capital da APH. Evoco apenas dois momentos desse mandato. Celebrámos o 40.º aniversário com o ciclo de conferências *4 Décadas, 4 Temas* – um exercício de reflexão sobre o lugar da horticultura na sociedade, que trouxe à APH um representante da FAO, um arquiteto, um *chef* e o diretor do Eden Project. Esses

encontros enfatizaram que a horticultura não é só uma atividade produtiva, mas uma relação ampla com a vida social.

Pusemos dezenas de estudantes de agronomia a competir nas *24 Horas de Agricultura*. Chegaram inseguros, saíram diferentes: conscientes de que o saber escolar é precioso, mas não suficiente; de que a profissão exigiria deles muito mais do que aquilo que os *curricula* lhes poderiam ensinar. A APH desafiou-os e eles mostraram o valor.

Prospetiva

O futuro dos assuntos humanos é indeterminado. Já os seres humanos, tão propensos ao viés de confirmação, vivem na ilusão da história. Com estas crenças, como poderei delinear o futuro de uma instituição no horizonte de duas gerações?

A APH *existe*. É uma entidade totalmente dependente das interações dos associados que a atualizam a cada momento. Assim tem sido há 50 anos. A sua razão de ser é o *por mor* da atualização, *possibilidade* é o seu modo de existência, *vontade*, a condição de atualização.

Com estima e saudade – *valeta, fratres*.

«Pusemos dezenas de estudantes de agronomia a competir nas 24 Horas de Agricultura. Chegaram inseguros, saíram diferentes (...) A APH desafiou-os e eles mostraram o valor.»





MARIA ELVIRA FERREIRA
PRESIDENTE DA APH | 2009-2014

A APH DE 2009 A 2014

No período compreendido entre 2009 e 2014, tive a responsabilidade de presidir à Direção da Associação Portuguesa de Horticultura (APH). O trabalho desenvolvido resultou do empenho de um grupo coeso, pautado por um elevado espírito de empenho e sempre orientado para atingir, ou mesmo superar, os objetivos definidos, contribuindo para o reforço do prestígio da APH. O ambiente de cooperação e o sentido de responsabilidade partilhado entre todos os membros dos Órgãos Sociais constituíram fatores determinantes para o sucesso das atividades desenvolvidas, das quais muito nos orgulhamos.

Para promover e divulgar o conhecimento científico e técnico, assim como fomentar o debate e o encontro entre os diversos interessados em Horticultura, organizámos e/ou coorganizámos um conjunto alargado de eventos: quatro congressos internacionais; sete simpósios nacionais e internacionais; quatro colóquios; sete jornadas nacionais e internacionais; seis visitas vitivinícolas; quatro seminários; quatro sessões comemorativas e duas conferências.

A internacionalização da APH constituiu, igualmente, uma prioridade. Neste sentido, intensificámos a organização de eventos ibéricos com a Sociedade Espanhola de Ciências Hortícolas (SECH), através de congressos e jornadas temáticas de Plantas Ornamentais, de Maturação e pós colheita, e iniciámos também atividades no sector da Olivicultura.

A parceria com a SECH culminou com organização do XXVIII *International Horticultural Congress* (IHC Lisboa 2010), um marco na Horticultura ibérica e internacional. Foi o segundo IHC com maior número de participantes (3434) provenientes de 100 países, tendo sido apresentadas cerca de 4500 comunicações distribuídas por nove colóquios, 18 simpósios, 14 seminários, 17 sessões temáticas e 26 *workshops*. Este congresso ficará na memória de todos os que nele participaram.

Ao longo deste período, as solicitações que a APH recebeu para participar noutros tipos de eventos técnico-científicos aumentaram, refletindo o reconhecimento público do seu papel, en-

quanto a mais antiga e uma das mais relevantes organizações da Horticultura nacional. Foi sempre com muito agrado que respondemos de forma positiva a estes convites, o que possibilitou a divulgação das nossas atividades a um público-alvo mais alargado, mas muito interessado e carente de informação, o que também ajudou a aumentar a lista de associados. Assim, destacamos a parceria iniciada em 2012, com o jornal Público, no âmbito da qual a APH assumiu a responsabilidade pela secção de Jardinagem da revista Fugas, obrigando a um intenso trabalho quinzenal. Este desafio mostrou a necessidade de informar e divulgar, de uma forma simples e acessível ao público em geral, o que as plantas nos podem oferecer, em troca de um acompanhamento cuidado, mas não demasiado exigente. Em 44 meses, foram publicados 78 artigos. Devido ao interesse demonstrado pelos leitores, em 2016 os artigos foram compilados no livro 'Mãos à Horta', estruturado de forma lógica e de fácil consulta.

De realçar também as duas Visitas Vitivinícolas aos Açores e à Madeira, iniciativas que representaram um marco histórico na vida da APH, por terem sido os primeiros eventos organizados nestes arquipélagos.

A importância do registo do conhecimento e a sua divulgação a um público alargado, resultou na publicação de 11 números da série Atas Portuguesas de Horticultura, em que se editaram as comunicações apresentadas nos eventos, preferencialmente em formato digital.

Outro dos grandes desafios foi a edição de 19 números da Revista da APH (do n.º 96 ao 116) onde procurámos, de forma consistente, informar com rigor e qualidade, cativar os leitores e trazer-lhes novidades da Horticultura nacional e internacional, novas tendências e conceitos, além de uma descrição das atividades da associação. Os autores dos artigos publicados também foram responsáveis pelo êxito da revista.

É muito gratificante visitar 50 anos de história marcados por sucessos, publicamente reconhecidos, que só foram possíveis pela dedicação, esforço e vontade de fazer cada vez mais e melhor por parte dos dirigentes da APH, e pela participação ativa dos seus associados. A APH é, assim, um motivo de or-

gulho para os seus fundadores que em boa hora criaram uma associação interclassista, dinâmica e inovadora, comprometida com o desenvolvimento sustentável da Horticultura nacional, em estreita ligação com os diferentes sectores de atividade.

Todas as colaborações e ligações que a APH continua a privilegiar, têm demonstrado um acréscimo de valor, o que a distingue e fortalece para o futuro, evidenciando-a como uma 'marca' de confiança.

Importa, por fim, assegurar a continuidade deste percurso, promovendo uma participação ativa das novas gerações de associados, cuja capacidade de inovação será determinante para o reforço do papel da APH, respeitando o percurso trilhado ao longo destes 50 anos, e que sejam capazes de participar na definição de estratégias políticas, em prol da competitividade e sustentabilidade da Horticultura nacional.

Parabéns à APH!

«A APH é um motivo de orgulho para os seus fundadores que em boa hora criaram uma associação interclassista, dinâmica e inovadora, comprometida com o desenvolvimento sustentável da Horticultura nacional».





MANUEL AUGUSTO SOARES
PRESIDENTE DA APH | 2004-2008

APH: UM PERCURSO DE INOVAÇÃO, REFORMA E CRESCIMENTO

Inscribi-me como o sócio da APH por convite do colega e amigo Carlos Frazão e, em boa hora o fiz pelas enormes surpresas que me estavam reservadas, mas foi no mandato de Presidente de José Dias Guerreiro, de quem fui grande amigo - como ele escreveu e dizia foi o morango que nos uniu - que aceitei tornar-me Secretário da Mesa da AG, passando de seguida pelo CF e com Isabel Mourão assumi a função de Vice-Presidente para a Viticultura, uma área até aí praticamente inexistente.

Ao longo de quatro anos, lancei iniciativas de grande impacto, designadamente o primeiro Colóquio de Produtos Horto Industriais; as Visitas Vitivinícolas que foram percorrendo o país e que ainda hoje se mantêm; Cursos de Provas de Vinhos no ISA. Como corolário de todas estas iniciativas e da minha visão para o futuro da APH e do sector hortofrutícola, manifestei a intenção de me candidatar a Presidente da nossa Associação em 2006, com o apoio de um pequeno grupo de colegas que então me acompanharam designadamente: Conceição Jacob, Jorge Leão de Castro, Luís Caiano e outros. Assim, no último trimestre do 1.º ano com o apoio de António Marreiros então editor do Boletim e Conceição Jacob como vogal - relações-públicas, avançámos a iniciativa mais inovadora e impactante: a criação da Revista da APH para substituir o pequeno boletim informativo, proposta que foi considerada muito ousada e de grande risco por alguns.

Com muito esforço e o apoio desta pequena equipa, assumi na plenitude as funções de Director introduzindo: um novo layout a cores; novo editorial; entrevistas; novos conteúdos; reportagens; notícias, artigos de divulgação etc. A revista teve de imediato um grande impacto, no nosso meio, e conquistou novos leitores, novos sócios patrono e individuais, chegando a quase todas as instituições públicas do ensino superior agrário e da administração central e à grande maioria das empresas das várias fileiras.

Congratulo-me e felicito todos os presidentes que me sucederem por terem dado continuidade sem tergiversar a este pro-

jeto ganhador que nos deve orgulhar, e honrar a todos. Uma nota para felicitar a atual Editora executiva, a jornalista Nélia Silva pelo seu enorme contributo e empenhamento para valorizar e alargar os conteúdos da revista e o seu grafismo, prosseguindo no rumo certo a acompanhar a modernização do setor e a evolução dos tempos.

As Grandes Reformas Estruturais

Alterámos a designação de Horticultura Geral passando para Horticultura Herbácea, de Floricultura para Horticultura Ornamental; introduzimos a Olivicultura como nova área estratégica com nova vice-presidência, preenchendo a lacuna que existia nesta fileira em forte evolução. Fizemos a revisão dos Estatutos e alterámos a duração dos mandatos de 2 para 3 anos mais ajustada à realidade actual; alteramos o valor da quota para 25 € e introduzimos o sistema de cobranças por débito direto que é mais eficaz e com menos burocracia.

Apresentámos sempre resultados positivos e muito expressivos ao longo de 6 anos de exercício contrariando a tendência de resultados negativos verificados anteriormente. Fomos eleitos para o segundo mandato com a participação mais elevada de associados de sempre, que nos apraz registar.

Principais Eventos Realizados

6 Visitas Vitivinícolas; Simpósio Ibérico de Ciências Hortícolas; Candidatura à realização do Simpósio ISHS em Lisboa; 2 Colóquios de Horticultura Ornamental; Colóquio de Horticultura Biológica; Colóquio Nacional de Fruticultura; 2 Simpósios de Olivicultura parágrafo Visitas de Estudo: Jardim Botânico e Estufa Fria; Parque do Porto e Serralves; Plantações de kiwis no Entre Douro e Minho; Visita à Serra de Sintra, Monserrate e Palácio da Pena e outras.

Os Amigos da APH

Relembrar em primeiro lugar os grandes amigos que a APH me permitiu encontrar ao longo deste percurso e que infelizmente já não estão connosco, mas quero aqui manifestar-lhes a minha homenagem, saudade e gratidão por ter tido o grande privilégio de os conhecer: José Dias Carreiro ex-Presidente; Álvaro José Teixeira ex-Tesoureiro; Manuel Figueiredo ex-Presidente.

Uma nota especial para o meu grande amigo António da Cruz Marreiros, um colega de enorme carácter, cultura e competência técnica, que ao longo da sua carreira dignificou e prestigiou a classe agronómica a que pertencemos e que foi o primeiro editor da nossa Revista.

Quero relevar também o trabalho empenhado de todos os que fizeram parte das duas Direções que me acompanharam, extensivo aos membros dos outros órgãos sociais a quem manifesto a minha profunda estima:

António Monteiro, Antero Martins, Jorge Leão de Castro, Conceição Jacob, António Ramos, Fátima Rodrigues, Jorge Soares, Fernando Costa, agradecendo também aos membros da AG e do C F dos dois mandatos, em que destaco o Professor Carlos Portas, nosso sócio n.º 1, por quem tenho enorme estima e gratidão pela sua grande visão como fundador e inspirador da APH.

O futuro da APH

Importa no contexto atual, muito complexo que vivemos condicionado sobremaneira pelas políticas da PAC e da crise internacional que a direção da APH saiba manter a capacidade de mobilização, chamando para o seu seio: os técnicos, investigadores e empresários, que hoje têm outras ferramentas e formação para ajudar e contribuir a replicar os sectores de sucesso da nossa agricultura como a viticultura e a olivicultura em que somos autossuficientes e exportadores de elevada qualidade.

Felicito a colega Presidente Cristina Ramos pela inovação e dinamismo que tem revelado na condução das atividades da APH, enfrentando com ousadia os desafios do presente e do futuro como Instituição de utilidade pública.

Bem hajam e parabéns à APH pelo seu 50º aniversário.





ISABEL MOURÃO
PRESIDENTE DA APH | 2000-2004

O CAMINHO PERCORRIDO COM A APH

A Associação Portuguesa de Horticultura (APH) acompanhou-me durante as primeiras duas décadas da minha vida profissional, tendo sido uma oportunidade única de aprendizagem e crescimento. Em 1992, o Sr. Prof. Carlos Portas convidou-me para integrar a direção da APH, como vice-presidente da Olericultura, quando o presidente da APH era o saudoso Eng.º José Dias Carreiro (1992-1996) e, posteriormente, quando o Eng.º António Marreiros foi o presidente da APH (1996-2000). Nos quatro anos seguintes (2000-2004), tive a honra de ser a oitava presidente da direção da APH. É inevitável lembrar dois tesouros da APH destes tempos, o Eng.º Álvaro Mendonça Teixeira e, mais tarde o Eng.º Alberto Vargues, dois pilares sólidos nas contas da APH e na amizade e profunda saudade que nos deixaram.

A comemoração dos 25 anos de atividade da APH, em 2001, foi a oportunidade de publicar a sua história, no livro 'Associação Portuguesa de Horticultura - 25 Anos', produzido em conjunto com o Eng.º António Marreiros e a Prof. Cristina Oliveira, com uma minuciosa paciência e imensa perseverança. Este livro foi apresentado na Sessão solene e jantar, no pavilhão de exposições do ISA em Lisboa (16/11/2001).

A dinâmica da APH, desde a sua fundação em 1976, para além do seu contributo para o desenvolvimento do sector hortícola em Portugal, assegurou a presença do nosso país em inúmeras iniciativas internacionais, promovendo, deste modo, a horticultura portuguesa. Através de colóquios, encontros e congressos, que desde 1990 foram congressos ibéricos, visitas técnicas e do Boletim Informativo da APH, os técnicos, investigadores, produtores, empresários, comerciantes e estudantes portugueses, conheceram-se, organizaram trabalhos e projetos e divulgaram tecnologias e conhecimentos. A ação da APH estendeu-se a nível internacional através da participação em cargos de direção da Sociedade Internacional de Ciências Hortícolas (ISHS), como o Prof. Carlos Portas, presidente da *Section Vegetables*, no período 1990-1998 e, mais tarde, o Prof. António Monteiro, presidente da ISHS, entre 2010 e 2014. A ligação com a sua congénere, a Sociedade Espanhola de Ciências Hortícolas (SECH), remonta a 1983 e, para além dos congressos ibéricos da APH e

SECH, um momento alto foi a candidatura Ibérica para a organização do *28th International Horticultural Congress* em 2010, em Lisboa, apresentada ao Conselho da ISHS, em 2002, em Toronto, Canadá. Foi uma candidatura muito disputada com a Austrália e Nova Zelândia e com a Turquia, mas, dos 34 países membros, 19 votaram favoravelmente na candidatura ibérica e, em 2010, o 28th IHC foi um sucesso.

O último desafio que aceitei nos órgãos sociais da APH foi o de editora da Revista, no período de 2009 a 2014. A revista é o fio condutor da Associação, de ligação entre os sócios e também o cartão de visita da APH junto de pessoas e instituições do sector da Horticultura e da Agricultura em Portugal. Foi um trabalho árduo, só conseguido pela excelente equipa liderada pela Dr^a Elvira Ferreira como presidente da APH. A sua dedicação, persistência e espírito de equipa, na concretização dos objetivos da APH, foram notáveis e contagiantes. Nesta função, beneficieei do longo caminho percorrido pelos editores da Folha Informativa desde 1981, primeiro o Prof. Carlos Portas e o Eng.º Bugalho Semedo e, por um período de 12 anos, o Prof. António Monteiro. Em 2001, a designação passou a ser 'Boletim Informativo', com o Eng.º Antonio Marreiros como editor até 2006, sendo que em 2005, passou a ter a designação atual de Revista da APH.

A publicação dos Livros de Atas dos eventos técnico-científicos da APH, que iniciaram em 1977, com o 1.º Colóquio Nacional de Horticultura e Floricultura, foi responsável pela edição de grande parte da informação técnico-científica do sector hortícola no nosso país. A partir de 2003, iniciou-se a publicação da coleção 'Atas da Associação Portuguesa de Horticultura', renomeada para 'Atas Portuguesas de Horticultura' em 2005, quando se publicaram as Atas do V Congresso Ibérico de Ciências Horticolas, realizado no Porto. Ainda em jeito de balanço, recorde os três Encontros Nacionais de Docentes de Horticultura do Ensino Superior, em 1992, 1995 e 2001, na Escola Superior Agrária de Ponte de Lima e o I Encontro Nacional de Produção Integrada em Horticultura, realizado na Escola Superior Agrária de Castelo Branco, em 1998, numa organização partilhada com a Prof. Fernanda Delgado e o inigualável Prof. Pedro Amaro. Por último, destaco duas áreas com que muito me identifico. O 1.º Colóquio Nacional de Horticultura Biológica, que se realizou em 2003, em Coimbra, estando previsto o 6.º Colóquio este ano

2026, na Madeira. Saliento que a sugestão de organização deste Colóquio, pela sua relevância, foi da iniciativa do Prof. Carlos Portas em 1997, por ocasião do III Congresso Ibérico de Ciências Horticolas. De igual modo, o Professor também abriu a porta para que, em 2016, se realizasse o 1.º Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica, no Estoril, tendo-se realizado o segundo em 2023, no Porto.

As equipas com quem trabalhei na APH foram excelentes, com um espírito exigente, crítico, construtivo, transparente e amigo. Sinto-me muito privilegiada e grata pois não podia ter tido melhores mestres, colegas e amigos.

O futuro da agricultura e dos sistemas alimentares requer a implementação de soluções inovadoras capazes de responder aos atuais desafios, de insegurança alimentar, alterações climáticas, escassez de recursos e falta de coesão social. Por outro lado, a horticultura é considerada um sector prioritário e competitivo a nível da União Europeia e utiliza tecnologias cada vez mais dependentes do conhecimento científico e da inovação para a sua sustentabilidade. A APH terá de estar à altura destes desafios.

A dinâmica da APH, desde a sua fundação em 1976, para além do seu contributo para o desenvolvimento do sector hortícola em Portugal, assegurou a presença do nosso país em inúmeras iniciativas internacionais»





ANTÓNIO JOSÉ CRUZ MARREIROS
PRESIDENTE DA APH | 1996–2000

AO SERVIÇO DA APH

A APH surge na minha vida de uma forma natural, após a conclusão do meu curso de Engenharia Agrícola, na Universidade de Évora (UÉ), no final de fevereiro de 1984, com um estágio sobre “A cultura do melão”, iniciado a 1/04/83, no então, vulgarmente conhecido por Projeto Luso – Alemão, uma grande “escola” para todos os que por lá passaram, no Centro de Experimentação Hortofrutícola do Patacão/Faro, da então Direção Regional de Agricultura do Algarve (DRAPALG). O fato de aí trabalhar com José Barrote (sócio fundador da APH, com o N.º 2) e com Álvaro Teixeira, foi muito importante para a minha inscrição na APH e no meu crescente envolvimento nas suas atividades. Assim, começo a colaborar ativamente na APH, quando teve lugar em dezembro de 1985, em Albufeira, o Encontro Luso-Espanhol de Horticultura Protegida e o Primeiro Simpósio Internacional de Solanáceas em Clima de Inverno Ameno, tendo sido escolhido, para Secretário da Comissão Organizadora (CO).

Entre 1991 e 1994, primeiro com António Monteiro como Presidente e depois com Dias Carreiro, fui Secretário da Assembleia Geral (AG), e entre 1994–1996, Vice-Presidente da AG, chegando a Presidente da APH em 1996, com 37 anos (talvez o mais jovem presidente até hoje e o único vindo de uma estrutura regional, dos quadros das ex- Direções Regionais de Agricultura, neste caso do Algarve, infelizmente “extintas” no final de 2023), onde era na altura Diretor de Serviços de Experimentação e Agricultura e liderava uma equipa com cerca de 100 pessoas.

“Desafiado” para liderar uma lista aos Corpos Sociais (CS) da APH, por Carlos Portas – que tinha sido meu professor na UÉ – e o presidente da altura, Dias Carreiro, o rapaz da “província” (Mexilhoeira Grande/Portimão, onde nasceu em 1959), hesitou, mas aceitou o desafio e a responsabilidade. Colocou, no entanto, 2 condições que foram logo aceites: Carlos Portas seria Presidente da AG e Dias Carreiro Presidente do Conselho Fiscal. Fizemos durante 2 mandatos (de 2 anos cada, com a mesma equipa, coesa e dedicada), com os meios disponíveis (numa altura em que telemóvel e computador era algo que ainda poucos tinham), e residir em Faro, não ajudava muito.

Para constituir os CS, escolhi para “junto de mim”, o nosso amigo que precocemente “partiu”, Álvaro Teixeira (como Tesoureiro), e para Secretária interessava-me alguém que estivesse em Lisboa, na nossa “sede”, no ISA, tendo escolhido a Cristina Oliveira (que eu não conhecia), sugerida pelo António Monteiro. Para constituir a restante lista, convidei pessoas de várias áreas técnicas (professores universitários e técnicos), de todo o país, mais ou menos meus conhecidos. Como eventos técnico-científicos, realizados na minha presidência, destacarei o III Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas, realizado em Vilamoura de 11 a 15 de março de 1997, onde participaram mais de 7 centenas de participantes, que apresentaram cerca de 450 comunicações (um dos maiores eventos organizados pela APH), em colaboração com a SECH, a UAlg e a DRAPALG, que decorreu em simultâneo com o II Congresso Ibero-Americano de Ciências Hortícolas, em colaboração com a SECH e a COLHOR, tendo terminado com um jantar no Casino de Vilamoura, que muitos ainda recordarão. Importante também foi a realização em 1998 do I Colóquio de Produção Integrada em Horticultura, em Castelo Branco e do I Encontro Internacional de Plantas Aromáticas e Medicinais Mediterrânicas, em Conímbriga. Destaco ainda o Protocolo de Cooperação que assinei no final de 1997, entre a APH e a ISHS, liderada então por Silviero Sansavini.

Enquanto Presidente da APH e conseqüentemente Diretor da Folha Informativa, com o Editor António Monteiro, tomamos a iniciativa de no N.º 56, de janeiro de 1999, melhorar o aspeto gráfico e o conteúdo da mesma. No N.º 61 (abril de 2000), já com Isabel Mourão como Presidente e António Monteiro continuando como Editor, assumo o cargo de Coeditor, e no N.º 64 (janeiro de 2001), o de Editor, quando foi decidido mudar de nome de Folha Informativa, para Boletim Informativo. Com o N.º 76 (janeiro de 2004), depois do final do mandato de Isabel Mourão, continuo Editor com o novo Presidente, Manuel Soares. Com o N.º 80 (janeiro de 2005), e considerando a qualidade da publicação, entendemos mudar o nome para Revista da APH, mantendo-me como seu Editor até ao N.º 84 (janeiro/março de 2006). Devo realçar que o órgão informativo da APH, fruto da dedicação de muitos, sempre manteve a sua periodicidade.

Juntamente com Cristina Oliveira e Isabel Mourão, em novem-

bro de 2001, editamos, o livro comemorativo dos 25 anos da APH, intitulado “Associação Portuguesa de Horticultura – 25 anos”, perpetuando assim os primeiros 25 anos da nossa história.

Para o futuro da APH, espero que todo este legado de 50 anos não se perca. Foi difícil chegar até aqui, especialmente nos primeiros 25 anos, quando não existiam as ferramentas tecnológicas que agora existem e outros meios. Não é fácil renovar a APH, as suas atividades, apesar de sabermos que a imaginação não tem limites, mas deixo três sugestões concretas: reativar o Conselho Consultivo (CC) criado em 2004, lançar um Inquérito “online”, que simultaneamente permitisse caracterizar os sócios da APH, e solicitar sugestões para os seus próximos anos e insistir para que a APH tenha um papel ativo junto das estruturas formais da Agricultura nacional.

Dediquei 15 anos de muito trabalho à APH. Às vezes com algum desânimo (o que felizmente passava depressa), retirando algum tempo à família e aos amigos, mas hoje, “olhando para trás”, digo sem dúvida nenhuma que valeu a pena, todo o esforço despendido em benefício da nossa APH, da qual sou Técnico Hortícola de Honra, Sócio Honorário e membro do CC (desde o seu início).

Parabéns APH por estes 50 anos.

«Dediquei 15 anos de muito trabalho à APH (...) digo sem dúvida nenhuma que valeu a pena, todo o esforço despendido em benefício da nossa APH.»





ANTÓNIO MONTEIRO
PRESIDENTE DA APH | 1988-1991

«ESTOU CERTO DE QUE A APH CONTINUARÁ NA SUA ROTA DE SUCESSO»

O tempo passa depressa. Ainda há pouco comemorámos os 25 anos da APH e já estamos a celebrar os 50. No testemunho que escrevi na ocasião, dizia que só vale a pena recordar o passado para compreender as razões do sucesso da APH e torná-la ainda mais pujante no futuro. Permitam-me começar este texto relembando os acontecimentos que mais me marcaram pessoalmente e que também foram pedras-chave no caminho de sucesso que a APH trilhou ao longo deste meio século de atividade.

O I Colóquio Nacional de Horticultura e Floricultura, Lisboa, 1977, sob a liderança do Eng. Bugalho Semedo, foi o primeiro evento da APH e também a primeira atividade em que estive diretamente envolvido, como membro da comissão organizadora. Este pequeno colóquio iniciou um modelo inovador de eventos, que ao longo dos anos abordaram diversas áreas da horticultura, com enorme sucesso, constituindo uma imagem de marca da APH.

O *ISHS Symposium on Tomatoes for Processing*, Évora, 1979, foi o primeiro simpósio da ISHS - *International Society for Horticultural Sciences* em Portugal. Foi seu grande dinamizador o Prof. Carlos Portas, numa altura em que a cultura do tomate para indústria estava em grande evolução tecnológica. Outros simpósios da ISHS se seguiram e constituíram um polo importante na internacionalização das atividades da APH.

Em 1998, ao regressar de uma sabática nos EUA, fui desafiado a concorrer à presidência da APH. Pus como única condição que, na eleição, houvesse votação por correspondência, para que todos os sócios pudessem votar. Assim aconteceu, pela primeira vez, na nossa associação. A nossa lista foi eleita, tendo como uma das prioridades transformar a APH numa associação com personalidade jurídica, com novos estatutos, o que finalmente ocorreu em 1991.

O I Congresso Ibérico de Ciências Hortícolas, Lisboa, 1990, decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian e tive a honra de presidir

à sua comissão organizadora. A SECH – *Sociedad Española de Ciencias Hortícolas*, de criação mais recente do que a da APH, aceitou organizar o seu 4.º congresso em Portugal, integrado no Congresso Ibérico, o que demonstrou grande confiança na colaboração connosco. Foi um evento marcante pelos mais de 600 participantes e por ser a primeira reunião científica dessa dimensão dedicada à Horticultura em Portugal. A colaboração entre a APH e a SECH intensificou-se na continuidade dos congressos ibéricos e em ações conjuntas no âmbito da ISHS.

O XXVIII International Horticultural Congress, Lisboa, agosto de 2010, pode ser visto como o coroar da colaboração entre a APH e a SECH, que partilharam a organização. Foi co-presidido por mim e pelo Doutor Víctor Galán Saúco. Relembro o notável trabalho do Prof. Luis Rallo como presidente do Comité Científico. O nosso IHC, como o chamámos, foi um dos maiores congressos na história da ISHS, com mais de 3000 participantes e mais de 4000 comunicações. Tratou-se de uma organização complexa, mas que valeu a pena pelo seu grande impacto do ponto de vista científico. Constituiu um passo importante na internacionalização da pequena comunidade científica portuguesa ligada à horticultura e teve o condão de atrair muitos cientistas de outras áreas do saber para os temas hortícolas.

Ao recordar estes eventos, interrogo-me sobre quais as realizações que o futuro nos trará. Serão, com certeza, eventos diferentes, pois a Sociedade tem evoluído e o conhecimento e a informação no âmbito da horticultura progridem adotando novos modelos. Nas suas diversas formas, o conhecimento é cada vez mais necessário para que a horticultura evolua tecnologicamente, respeitando as prioridades que a Sociedade vai definindo a cada momento.

Quais serão esses novos modelos? Observemos as seguintes tendências.

A ciência está cada vez mais especializada, pois os cientistas sabem cada vez mais sobre cada vez menos temas. Ao serem especialistas, estão a perder a visão holística dos problemas. As empresas no âmbito da horticultura têm vindo a reforçar os seus quadros técnicos e a valorizar o conhecimento endógeno, ao passo que os serviços públicos de extensão e aconse-

lhamento técnico estão em desaparecimento.

A quantidade de informação disponível tem aumentado exponencialmente, tornando o processo de transformá-la em conhecimento cada vez mais complexo.

A APH está em posição privilegiada para se adaptar a todas essas mudanças. Conseguiu renovar geracionalmente os sócios e os dirigentes, manter entre os seus sócios um equilíbrio entre empresários, técnicos e cientistas, e ultrapassar as limitações de massa crítica nacional com a realização de eventos internacionais, nomeadamente com Espanha. Os eventos que a APH organiza sempre foram lugares de encontro entre produtores e utilizadores do conhecimento. Uma cultura hortícola, por exemplo, é um modelo excelente de integração de experiências ao fomentar o diálogo entre cientistas de diversas áreas especializadas que se debruçam sobre uma mesma cultura, sob o olhar atento dos utilizadores.

Estou certo de que a APH continuará na sua rota de sucesso, pois terá capacidade de aperfeiçoar seu modelo de gestão do conhecimento, investindo em novas tecnologias de informação, com um olhar atento à chegada da IA.

«O XXVIII International Horticultural Congress, Lisboa, agosto de 2010, foi um dos maiores congressos na história da ISHS, com mais de 3000 participantes e mais de 4000 comunicações»





CARLOS FRAZÃO
PRESIDENTE DA APH | 1985–1988

«FUI, EM 1975/6, UM DOS FUNDADORES DA APH»

Nasci na freguesia de Belém, Lisboa, em 1944. Frequentei o ensino primário (1º ciclo) no então Externato Latino Coelho, situado no n.º 284 da Rua da Junqueira, curiosamente a uns escassos 50 m da atual sede da APH.

O ensino secundário (sete anos) decorreu no Liceu D. João de Castro, no Alto de Sto. Amaro, findo o qual, em 1961, entrei para o Instituto Superior de Agronomia, na Tapada da Ajuda. Ora, 1961 foi o célebre ano de lutas académicas em todo o país e greves às aulas e exames. Como aderi ao movimento, é óbvio que reprovei esse ano, coisa que até então nunca me tinha sucedido. Porém, não lamento este facto, antes pelo contrário: foi uma experiência muito enriquecedora e constituiu aquilo a que chamo “o meu ano de consciencialização política”.

Em 1967 terminei a parte escolar do curso de Engº Agrónomo e iniciei o estágio para elaboração da Tese, a qual defendi no verão de 1969. Faltava ainda cumprir o Serviço Militar Obrigatório, o que fiz na Marinha de Guerra Portuguesa, entre Janeiro de 1970 e Janeiro de 1973. Naveguei muito no Atlântico e no Mediterrâneo, mas não estive em África.

Em 1973 comecei finalmente a trabalhar como Agrónomo na Junta Nacional das Frutas, até à sua extinção em 1985, quando Portugal aderiu à CEE. Durante esse período trabalhei inicialmente no Fomento da Produção Hortofrutícola, com destaque no sector das horticolas congeladas (ervilha, fava, feijão verde, brócolo, etc), as quais tinham então pouca ou nenhuma expressão no nosso país. Mais tarde fui nomeado Chefe da Divisão de Normalização de Frutas e Produtos Horticolas e, por inerência, entre 1984 e 1989, fui o representante de Portugal na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), tendo participado em numerosas reuniões plenárias na sede daquela organização em Paris.

Fui ainda bolseiro da OCDE em diversos estágios sobre Mercados Agrícolas, nomeadamente em França, Espanha e Itália. Em 1985 ingressei no INGA- Instituto Nacional de Garantia Agrí-

cola, novo organismo criado para aplicação em Portugal das medidas comunitárias de apoio à Agricultura. Aposentei-me em 2005 como Chefe de Serviço.

Paralelamente, ao decorrer da carreira profissional fui, em 1975/6, um dos fundadores da APH e, mais tarde, nos anos 80 seu Secretário e Presidente.

Os meus mandatos na nossa Associação foram os seguintes: entre 1983 e 1985 fui Secretário na Presidência do professor Carlos Portas e de 1985 a 1987 fui Presidente, sendo então o Prof. Portas Vice-presidente para a Horticultura. Nessa altura a Associação denominava-se Associação Portuguesa de Horticultura e Fruticultura (APHF), uma vez que, em Janeiro de 1983, por decisão da Assembleia Geral e, após amplo debate, fora alargado o âmbito de ação da então APH com inclusão da Fruticultura. Isso trouxe como consequência quase imediata um aumento considerável do número de associados, os quais, em 1986, ano do décimo aniversário atingiam já cerca de quinhentos.



Estava-se em plena fase de adesão à CEE a qual ocorreu formalmente em 1986. O ambiente era, pois, de grande expectativa e alguma incerteza. A opinião mais comum era a de que o sector Hortofrutícola seria, porventura, dos que mais iria beneficiar com a entrada no espaço alargado de doze Estados-Membros, dadas as favoráveis condições naturais do nosso País comparativamente ao resto da Europa. Daí que todos os eventos técnicos que a APHF realizou naquela época tivessem inevitavelmente como ponto forte do programa a análise, discussão e perspectivas futuras após a adesão.

«A Associação denominava-se Associação Portuguesa de Horticultura e Fruticultura (APHF), uma vez que, em Janeiro de 1983, por decisão da Assembleia Geral e, após amplo debate, fora alargado o âmbito de ação da então APH com inclusão da Fruticultura»





CARLOS PORTAS
PRESIDENTE DA APH | 1976–1978

«A APH está no bom caminho. Cada novo presidente é uma continuidade do trabalho.»

«O NOSSO PROPÓSITO SEMPRE FOI FAZER DA APH UMA ENTIDADE ABERTA A TODOS»

Nota: Este texto é um excerto da entrevista publicada na Revista da APH N.º 123, em janeiro de 2017.

Em entrevista de vida, em janeiro de 2017, com 80 anos, Carlos Portas, um dos fundadores e primeiro presidente da Associação Portuguesa de Horticultura, contou que a APH nasceu no rescaldo da Revolução de Abril com o desejo de «fazer um país novo», numa altura em que novas culturas como o tomate de indústria se afirmavam no território nacional.

O que recorda da sua infância e juventude?

Nasci em Vila Viçosa em 1936. Os meus pais enviaram-nos para o colégio dos Jesuítas de Santo Tirso, onde tivemos um ensino secundário de bom nível. Recordo também uma rica biblioteca acessível aos alunos.

E porquê a escolha de Agronomia?

Havendo propriedades na família materna, resolvi estudar Agronomia. Em Vila Viçosa falava comigo Joaquim Pedro Amaro, que viria a ser professor no ISA. Fui para o Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa. Cheguei a presidente da associação de estudantes (1956-1957), participei na oposição ao “Decreto 40.900” e estive preso em Caxias na Greve Académica de 1961. Fui também presidente da Juventude Católica Portuguesa.

Como surgiu o contacto com a Horticultura?

No curso tinha pouco peso. Após entrar como 2º assistente em 1963, comecei nos Solos, área forte do ISA, com trabalho ligado às colónias. O meu primeiro livro foi sobre solos de Angola. Depois passei para Agricultura aplicada. Fiquei responsável pela horticultura, enquanto a viticultura ficava com outro professor. Fui depois para Angola como docente.

Como era o Portugal hortícola?

A horticultura era básica, voltada para abastecimento interno: batata e hortaliças. Havia forte importação de cereais. Sendo

um país pobre, a horticultura era essencial; até a classe média cultivava pequenos quintais.

E em Angola?

Aproveitei para desenvolver o doutoramento sobre tomate (1971), tornando-me o primeiro doutor em Engenharia Agronómica no país. Estudei tomate de indústria em Portugal e convencional em Angola. O tomate de indústria surgia nos anos 50 no Ribatejo e Alentejo. Existiam 32 fábricas nos anos 60. O enraizamento era uma preocupação central do meu trabalho.

Quais eram as aspirações?

A competitividade era essencial. Em Angola isso era evidente. Em Portugal, menos visível. Era necessário apostar no que fosse competitivo: tomate, fruteiras e azeite.

Foi Secretário de Estado em 1976. Como eram esses tempos?

Mais de um milhão de hectares tinham sido ocupados. Era necessário reorganizar, também tendo em vista a entrada na CEE. Trabalhei na lei das expropriações. Houve situações difíceis, incluindo bombas.

Porque criou a APH?

Havia um grupo ligado a novas culturas e tecnologias. Com o 25 de Abril queríamos fazer um país novo. A SCAP era fechada, só para engenheiros agrónomos. Era necessária uma entidade mais abrangente. Criámos também a vertente de fruticultura, depois integrada no conceito mais amplo de horticultura.

Como evoluiu a APH?

Entendi que a entrada na CEE não seria prejudicial. A horticultura, num sentido lato, era um setor onde Portugal podia destacar-se. Trabalhei na formação de doutores e técnicos em todo o país. A APH ganhou com isso. Sempre defendi que fosse aberta a todos, independentemente do grau académico.

Foi consultor de Jorge Sampaio. Como foi?

Foi uma surpresa. Ajudei-o como consultor; visitou muitas explorações. Não me filiei em partidos, também por causa da APH, num período inicial da democracia.

Recebeu a Grã-Cruz em 2006. Como viveu?

Foi uma grande surpresa. Senti-me agradecido a Jorge Sampaio e a todos os que trabalharam comigo.

Como vê hoje a APH?

Está no bom caminho. Cada novo presidente é uma continuidade do trabalho. A revista melhorou muito.

O que deseja para o futuro?

Que continue com boa divulgação científico-técnica e que dure muitos anos, com bom trabalho e boa gente.

O que lhe falta fazer?

Ter uma morte em paz e, enquanto viver, ajudar os outros. Espero ainda escrever os livros previstos: sobre a reforma agrária e as minhas memórias.







A SEDE SOCIAL DA APH É ESTABELECIDA EM SINTRA

Em outubro de 2025, a sede social da Associação Portuguesa de Horticultura (APH) transita de Lisboa para o concelho de Sintra, mais concretamente para as instalações da Cooperativa Agrícola de Sintra (CAS).

Através de um protocolo estabelecido entre a APH e a CAS, a Cooperativa cede um espaço para conservação do espólio da APH e passa a ser a morada da sede social da APH.

A Direção da APH congratula-se com esta colaboração e cooperação com a CAS e com a Câmara Municipal de Sintra, desencadeada pela participação da APH em várias edições da AGROARUIL – Feira Agrícola da Região Saloia de Sintra.

Esta nova etapa reforça a ligação da APH ao território, à produção agrícola e às comunidades que diariamente valorizam a horticultura portuguesa.

A APH agradece à CAS e à Câmara Municipal de Sintra a disponibilidade e espírito de cooperação demonstrados, acreditando que esta parceria será um importante contributo para o desenvolvimento da atividade da APH.



A “GRAM; DAS FRUTAS [É] A MAÇÃA” (BLUTEAU, 1728)

A “baliza de navegantes”, de Gil Vicente, ou seja, a Serra de Sintra que, abrupta, mergulha nas ondas revoltas da fragosa Roca com as suas aldeadas e íngremes escarpas, produziu os seus *mirabilia* de longínquas memórias entranhadas nos tempos esquecidos, quando este lugar era o fim do mundo banhado por um “abismo sem fim”, como escreveu Avieno na sua *Ora Marítima* (1992, *passim*). Durante a romanidade, o *Mons lunæ* foi afamado pelos potros frutificados pelo Favónio, e céleres como os ventos provindos do mar, prenhes de salgada maresia, ora calmos e frescos, ora enfurecidos e gélidos, mas sempre envolvidos por uma “bruma que se não dissipa”, nas palavras do poeta árabe Al-Bakri (*apud* Coelho, 1972, p. 63). Ou o “efeito de magia [das] nuvens, de uma deslumbrante brancura, muito baixas sobre o mar. Dir-se-iam carruagens de divindades marinhas que acabassem de romper do seio do seu elemento e seguissem, em majestoso cortejo [...] lá no mais longínquo cabo do mundo”, nas palavras de William Beckford (2009: 99).



A designada “maçã reineta de Fontanelas”, não é mais do que a maçã reineta de Colares (fotografia de J. Vicente Paulo)

Mas o ambiente, mercê também da sua geografia e da sua origem geomorfológica, determinou-lhe a paisagem, e essa mesma paisagem condicionou as vivências humanas que ao longo da História aprenderam a modelá-la; e como terra de vaticínios, o escritor árabe Al-Bakri referiu-se-lhe como “uma das regiões onde as maçãs são mais abundantes. Esses frutos atingem uma tal espessura que alguns chegam a ter quatro palmos de circunferência” (*apud* Coelho, l: 63). Esta será, pois, a primeira notícia escrita acerca das maçãs da finisterra, e pelo facto de Al-Bakri as ter hiperbolizado é um claro indicador de que, pelo menos, desde a altimedievalidade estas maçãs eram já afamadas. No último quartel do século XIV, o *Foral da portagem de Lisboa* menciona, entre outros frutos, as maçãs de Sintra (*apud* Caetano, 2016: 28-29). Nos finais de quinhentos, Duarte Nunes de Leão escreveu na *Descrição do Reino de Portugal*, obra dada à estampa postumamente: “Das maçãs ha tantos nomes & tantas castas que sera a cousa fastidiosa referilas [...] direi q [...] ha tanta colheita dellas [...] que produce, que bastece todas as suas comarcas, & manda sua parte a Lisboa. O mesmo se dá em Collares junto a Sintra dõde todo o anno vê a mesma cidade muitas azêmalas q andão acarretando essa fruta” (Leão, 1610: 62). Em 1751, Frei Joseph de Santa Anna referiu-se ao rio de Colares nos seguintes termos: “por causa das muitas [maçãs] que cahidas das arvores, e misturadas com as aguas aparecem boyando [até] ao mar largo, em muitas léguas, chegaõ aos navegantes a ver estes frutos, e por eles conhecem, que estão próximos á terra; porque desta leva o rio ao Oceano aquelles infalíveis sinnaes”. E o reitor Roberto Ant.º de Souza afirmou nas *Memórias Paroquiais*, de 1758, “O Rio, que passa iunto á Villa [de Colares] chamace O rio das Massáns”, que “Morre no Mar [...] no citio da Praia das Massáns” (*apud* Azevedo, 1997, V: 182) o “vale de oiro de Portugal”, de James Murphy (1998: 211); a mesma baixa que, que já fora apreciada por Cox, em 1700, pois “fomos ficar a Colares. Neste local existe um Vale delicioso, cheio da Maçãs” (2007: 173); “Uma grande parte da fruta consumida em Lisboa vem daqui, sendo as maçãs particularmente abundantes e boas”, escreveu Link (2005: 151), aquando da sua estadia em Portugal, nos anos de 1797/98. E William Beckford afirmou: “banqueteei-me com as douradas maçãs” (2009: 98); e, mais tarde, Denis referiu que «Os moradores d’aquelles sitios vêm vendê-las a Lisboa, donde pela grande afluência de mulheres



No último quartel do século XIV, o Foral da portagem de Lisboa menciona, entre outros frutos, as maçãs de Sintra (fotografia de J. Vicente Paulo)

«A maçã de Colares veio a ser apelidada, em data indeterminada, de “reineta”, o que poderá muito bem ser uma corruptela ou aportuguesamento de *reINETTE*»



de Collares empregadas neste trafico, veiu a chamar-se ás vendedeiras de fructa, colarejas» (1847: 102).

Entretanto, o douto Raphael Bluteau, no seu *Vocabulario Portuguez...*, referira já que “Debaixo deste nome se comprehendem muitas castas de pomos” (1716, V: 229). Todavia, a maçã de Colares veio a ser apelidada, em data indeterminada, de “reineta”, o que poderá muito bem ser uma corruptela ou aporuguesamento de *reINETTE*, uma maçã de origem francesa de grande fama, cujas primeiras referências remontam a 1540, designadamente no *Seminarium, et Plantarium fructiferarum pæsertim arborum quæ post hortos conseri solent...*, da autoria de Charles Etienne. Mas contrariamente à reineta do litoral sintrense, a *reINETTE* – de pequena rã arborícola de cor verde – é constituída por diversas variedades, como, aliás, consta no *Dictionaire de l'Académie Française*. Por outro lado, importa ainda acrescentar que, *a priori*, esta adjectivação não será anterior ao século XIX e provavelmente no contexto do *Tour* romântico tardio, ainda que a hipótese ora lançada mereça ser escrutinada. De facto, esta maçã rija e igualmente acidulada é “uma variedade tradicional portuguesa, cultivada na região de Sintra, com características únicas” (Gonçalves *et al.*, 2025: 61), e igualmente distinta da maçã reineta oriunda da Região Oeste.

«Em Setembro, coincidindo com a vindima, ia-se às maçãs que eram guardadas nas frescas adegas, em tabuleiros de madeira sobre camas de fetos e duravam ao longo do Inverno natural»

Os pomares de maceiras eram plantados nas areias dunares, e partilhavam as mantas dos vinhais do ramisco; partilhavam os espaços, mas partilhavam também as agruras do clima da beira-mar, frequentemente latejada pelas ventosidades marinhas, pelo clima húmido impregnado de sal e, talqualmente a vinha, era necessário cavar até à *greda*, a camada argilosa (ou directamente no próprio barro) que lhe ia alimentar a seiva enquanto crescia ao sabor do estrume; depois, evidenciavam-se os seus troncos retorcidos, protegidos pelos *ventanejos*, as mesmas canas secas que formavam os canais das vinhas com as quais partilhavam as suas vivências comuns; e, no Inverno, procedia-se à *poda de copa aberta*, acachapando-as, abrandando assim a exposição à passagem do ar descontrolado, porém indispensável para reduzir os níveis de humidade e secar os frutos, que amadureciam mais próximos da areia, tal como os reluzentes cachos das uvas.

Em Setembro, coincidindo com a vindima, ia-se às maçãs que eram guardadas nas frescas adegas, em tabuleiros de madeira sobre camas de fetos e duravam ao longo do *Inverno natural*; e fazia-se o “arrobe”: doce com sumo de uva, maçãs e “rapinaus” (pequenos pêros amarelos ou encarnados, já praticamente extintos), não levava açúcar e deixava-se apurar em lume brando, depois era despejado em taças de barro e secava, tal como a marmelada, ao sol (Caetano; e Leite, 2000: 65). A maçã reineta era usualmente vendida nas praças de Sintra, de Cascais e de Lisboa, e a fruta que ia ficando “tocada” com o tempo, era disponibilizada a um preço inferior, às gentes de São João da Lampas que ali de se deslocavam para as comprar como alimento do gado bovino.

Finalmente, importa referir que as maçãs de Colares, dada a continuidade paisagística e climatérica, ocupavam, *grosso modo*, o território do vinho que conheceu a sua região demarcada em 1908, abrangendo as marinhas de Colares, de Janas e de Fontanelas, todavia a urbanização precoce da freguesia colarense – com a primeira casa edificada na Praia das Maçãs, em 1888 (Caetano, 2016: 147) – caucionou o desinvestimento na agricultura vinícola e dos pomares de maçãs que, hoje, conhecem maior produção nos territórios de Janas e Fontanelas, porquanto, ao longo do evo novecentista ficaram mais adeja-

das do veraneio sazonal e banhar, prosseguindo nas vivências lentas dos tempos da agricultura.

Face ao exposto, cumpre esclarecer que, desde há poucos anos, a designada “maçã reineta de Fontanelas”, não é mais do que a maçã reineta de Colares e, apesar de naquela localidade se realizar o meritório *Festival da Maçã Reineta* – como preservação e dinamização dos resquícios de um património imaterial único – a recente apropriação da sua milenar qualificação constitui, sem dúvida, um inequívoco erro histórico, ou mesmo adulteração factológica sem qualquer fundamento justificante.

Por: Maria Teresa Caetano

Coordenadora do Gabinete do Património Mundial
Câmara Municipal de Sintra

Bibliografia:

- . Avieno, *Ora Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.
- . Azevedo, J. A. C. *Obras de José Alfredo da Costa Azevedo*, vol. V. Mem Martins, Câmara Municipal de Sintra.
- . Beckford, W. *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2009.
- . Bluteau, R. *Suplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino*. Lisboa, 1728.
- . Bluteau, R. *Vocabulario Portuguez, e Latino*, vol. V. Lisboa, 1716.
- . Caetano, M. T. *Colares*. Lisboa, Câmara Municipal de Sintra, 2016.
- . Caetano, M. T.; e Leite, J. *Paladares Sintrenses – um roteiro da alimentação tradicional*. Mem Martins: Câmara Municipal de Sintra.
- . Coelho, A. B. *Portugal na Espanha Árabe*, vol. I. Lisboa, Editorial Caminho, 1986.
- . Cox, T. e Macro, C. *Relação do Reino de Portugal*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2007.
- . *Dictionnaire de l'Académie Française*, in www.dictionnaire-academie.fr (accedido a 31-03-26).
- . Etienne, C. *Seminarium, et Plantarium fructiferarum pæsertim arborum quæ post hortos conseri solent...* Paris, 1540.
- . Gonçalves, E. M.; Soares A.; Ramos, A. C.; Roseiro, C. L.; Silva, M.; Lageiro, M.; e Mendes, M. “Maçã Reineta de Fontanelas: valo-



Os pomares de maceiras eram plantados nas areias dunares, e partilhavam as mantas dos vinhais do ramisco (fotografia de J. Vicente Paulo)

rização de uma variedade tradicional através da caracterização físico-química, nutricional e sensorial”, *Vida Rural*. Maio de 2025, 60-63.

- . Leão, D. N. *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa, 1610.
- . LINK, H. F. *Notas de uma Viagem a Portugal e Através de França e Espanha*. Lisboa Biblioteca Nacional, 2005.
- . Murphy, J. *Viagens em Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte, 1998.







CAPÍTULO III
PROJETAR O FUTURO
DA HORTICULTURA
E DA APH



Elsa Maria Félix Gonçalves

Professora auxiliar no Instituto Superior de Agronomia e membro do Conselho Diretivo da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (PORVID)

«Estou convicta de que, nos próximos 50 anos, a viticultura assentará em material de propagação proveniente de castas antigas, muitas delas hoje pouco ou nada cultivadas, com base em materiais selecionados policlonais»

CONSERVAÇÃO E SELEÇÃO DE CASTAS ANTIGAS DE VIDEIRA PARA VINHO PARA OS PRÓXIMOS 50 ANOS

Quando se pensa em seleção e melhoramento vegetal para os próximos 50 anos, num cenário de alterações climáticas, é incontornável reconhecer a necessidade de uma ampla diversidade genética. Sem essa diversidade conservada, bem caracterizada e utilizável, não existe verdadeira capacidade de adaptar o material de reprodução vegetal à evolução das condições do mercado, culturais e ambientais. Há duas vias complementares para garantir este recurso. A primeira passa por valorizar o que já existe: materiais autóctones e antigos, muitas vezes esquecidos, mas que resultam de séculos de convivência com condições diversas e, em alguns casos, adversas. A segunda consiste em criar nova diversidade, recorrendo a técnicas clássicas ou a novas abordagens genómicas. Ambas são viáveis e devem ser orientadas, cada vez mais, para objetivos específicos, como maior tolerância ao calor, à seca, a pragas e a doenças. Ainda assim, a estratégia a adotar depende, em grande medida, da espécie e do contexto em que se insere. Centrarei esta reflexão no caso das castas antigas de videira para vinho.

Na videira, a variabilidade genética é determinante a dois níveis: entre castas e dentro de cada casta. Esta última, muitas vezes insuficientemente valorizada, é também decisiva para enfrentar a incerteza climática. Num setor como o vitivinícola, em que a tradição, a história e a identidade territorial são partes centrais do valor e da competitividade do vinho, as castas antigas ganham relevância não apenas pelo nome, mas pela variabilidade genética que acumularam para características quantitativas e que, quando conservada e avaliada com metodologias apropriadas, pode ser mobilizada para responder a inúmeros problemas emergentes.

Seleção policlonal – uma mudança de paradigma

É neste contexto que Portugal apresenta uma vantagem competitiva única à escala mundial. Por um lado, dispõe de um património excecional de castas antigas; por outro, desenvolveu métodos inovadores e eficazes para conservar, analisar e utilizar essa diversidade, com destaque para a seleção policlonal.

Esta metodologia representa uma mudança de paradigma, já reconhecida internacionalmente pela Organização Internacional da Vinha e do Vinho (RESOLUÇÃO-OIV-VITI 564B-2019) e que será em breve reforçada pelo novo regulamento do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à produção e comercialização de material de reprodução vegetal, também orientado para a valorização da diversidade como critério de resiliência e no qual figura, pela primeira vez, o tipo de material policlonal. Vejo em Portugal uma notável capacidade para liderar este percurso, alicerçada numa estratégia visionária iniciada em 1978 no ISA pelo Professor Antero Martins e concretizada pela Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (PORVID). A recuperação, conservação e avaliação da variabilidade intravarietal traduzem-se hoje num trabalho exigente e moroso, mas profundamente estruturante. O Polo da PORVID – o “Polo Experimental de Conservação da Diversidade da Videira Professor Antero Martins” – reúne já mais de 50 000 acessos, relativos a mais de 300 variedades, prospetadas de forma planeada para representar a respetiva variabilidade intravarietal. Trata-se de uma fonte de recursos genéticos de dimensão e utilidade sem igual no mundo vitivinícola.

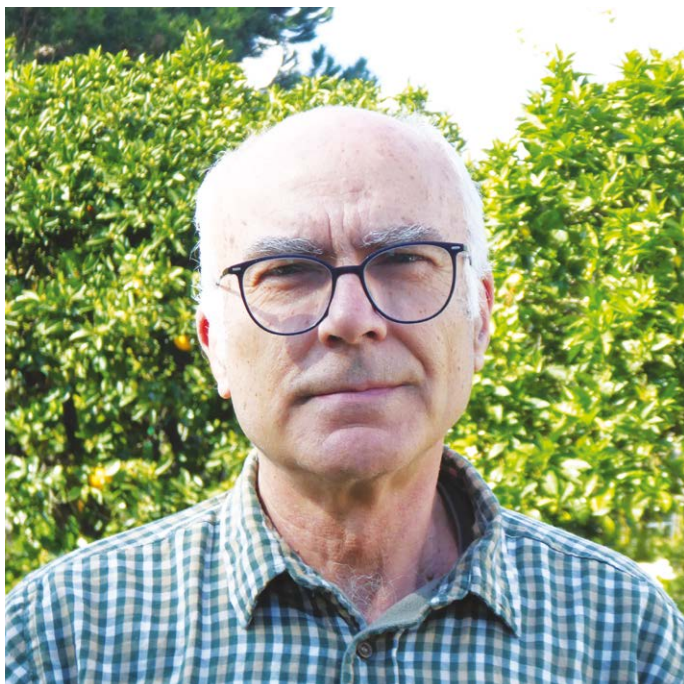
O verdadeiro valor deste trabalho tornar-se-á, inevitavelmente, mais evidente nas próximas décadas, assegurando aos futuros utilizadores o acesso a material de reprodução vegetal de elevada qualidade, com maior amplitude genética e, consequentemente, melhor capacidade de resposta a condições climáticas distintas das atuais. A conservação e a exploração adequadas da variabilidade intravarietal permitem “modificar” a casta sem a descaracterizar, isto é, melhorar a sua adaptação preservando a sua identidade, algo crucial num produto como o vinho.

Se Portugal conseguir manter este rumo, investindo numa conservação e caracterização metodologicamente robustas, bem como na disponibilização e ampla divulgação de materiais selecionados policlonais e de materiais de propagação representativos da variabilidade intravarietal (isto é, utilizando a casta tal como foi criada pela natureza), poderá afirmar-se como um exemplo a seguir pelos países de viticultura antiga. Estou, assim, convicta de que, nos próximos 50 anos, a viticultura assentará em material de propagação proveniente de castas antigas, muitas delas hoje pouco ou nada cultivadas, com base em materiais selecionados policlonais e em materiais

representativos da variabilidade intravarietal. Nesse contexto, a utilização de clones, apesar de ainda hoje se encontrar enraizada, tenderá a tornar-se residual, precisamente por revelar menor estabilidade e menor capacidade de enfrentar pressões ambientais emergentes.

Espero, igualmente, que esta estratégia venha a ultrapassar o âmbito da videira, uma vez que o princípio é aplicável a outras espécies perenes de propagação vegetativa. Por exemplo, em variedades antigas de oliveira, macieira ou pereira, a variabilidade intravarietal poderá constituir uma resposta sólida a um futuro que exigirá maior capacidade de adaptação.





Mário Reis

Professor Auxiliar

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade do Algarve

Colaborador no MED – Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento

«Novas formas de energia, mais baratas e seguras, permitirão o crescimento da horticultura protegida em ambiente controlado»

NOVOS SISTEMAS PRODUTIVOS EM HORTICULTURA – VISÃO PARA OS PRÓXIMOS 50 ANOS

A horticultura, entendida aqui na sua acessão restrita ao cultivo das plantas herbáceas comestíveis – hortaliças ou legumes – tem vindo a realizar-se com conhecimento e arte, mas tem registado uma enorme evolução através da incorporação dos avanços da ciência e da tecnologia, que surgiram nas décadas mais recentes, e de uma forma até mais intensa que outros sectores da agricultura

Ao longo de gerações, os horticultores melhoraram as condições edáficas através de uma intensa fertilização e trabalho do solo, optimizaram o fornecimento da água às plantas introduzindo a rega localizada, e começaram a melhorar e controlar as condições climáticas em que as culturas se desenvolvem através da horticultura protegida. Embora a modificação das condições de cultivo, em particular da temperatura, seja aplicada há mais de 2000 anos, tal ocorreu numa escala reduzida por limitações técnicas e económicas.

Actualmente, a horticultura efectua-se em condições muito diversas, subsistindo as formas de cultivo primordiais e surgindo novas formas de cultivo altamente sofisticadas, em que a participação humana directa é minimizada, designadamente em estufas ou em espaços fechados. A produção hortícola em estufas com ambiente controlado apresenta vantagens importantes, tais como: elevada produtividade; independência das condições meteorológicas; possibilidade de produzir em qualquer lugar, mesmo na ausência de solos adequados, com redução do impacto do transporte dos produtos; eficiência máxima de uso da água e dos fertilizantes; redução ou eliminação dos fitofarmacos; e elevada e controlável qualidade dos produtos. Contudo, estes sistemas de elevada tecnologia são altamente dependentes da energia, num grau inversamente relacionado com o seu nível de sofisticação, o que, aliado aos equipamentos requeridos, determina elevados custos fixos de produção. Esta limitação condiciona a sua viabilidade económica devido à concorrência com os sistemas de produção hortícola em solo, mais baratos, e a inesperadas flutuações dos custos da energia. Por isso, o seu sucesso é limitado a situações particulares de consumo dos produtos (e.g.: suficiente

poder de compra, concentração urbana) e disponibilidade de energia a um custo previsível e comportável.

Depois de um entusiasmo inicial pelos sistemas de horticultura mais sofisticados (e.g. *indoor farming*) verificou-se um abrandamento resultante da perda de viabilidade económica de algumas empresas por alteração dos pressupostos de projecto, obrigando a uma preparação mais realista dos novos projectos.

Devido à crescente pressão para a redução das áreas cultivadas e do uso de recursos (e.g.: água, fertilizantes), a melhor opção para a horticultura será a sua intensificação, isto é, a concentração de recursos e tecnologia em áreas menores para, através do aumento da produtividade, compensar a redução da área cultivada e assegurar e aumentar a produção. Esta intensificação incluirá a adopção das diversificadas e adequadas técnicas disponíveis, desde que sustentáveis, onde se insere a horticultura protegida. Esta poderá concretizar-se com diferentes graus de sofisticação, desde a cobertura de solo até ao controlo do teor de CO₂ ou da luz, assumindo as tecnologias emergentes uma importância crescente como, por exemplo, o recurso a microorganismos na protecção das plantas ou na sua nutrição, ou a aplicação da IoT e IA na gestão dos cultivos. O estudo e utilização de microorganismos no incremento da fertilidade do solo, na nutrição das plantas e na sua defesa contra agentes patogénicos tem evoluído rapidamente, em parte graças ao desenvolvimento dos métodos de análise.

Tem vindo a ocorrer uma evolução do interesse pelo simples papel físico-químico do meio em que as culturas de desenvolvem, para a valorização da componente microbiológica desse meio. Esta componente microbiológica, embora já fosse apercebida, era normalmente menosprezada relativamente às componentes físicas e químicas do meio de cultivo, fosse este o solo ou, mais recentemente, no cultivo sem solo, em substrato ou apenas numa solução nutritiva.

O desenvolvimento tecnológico actual possibilita o controlo de elevado número de variáveis que condicionam o desenvolvimento das plantas, tanto a nível da raiz como da canópia, graças ao desenvolvimento de sensores e de meios de análise da informação recolhida. A IoT e IA permitem analisar, de forma útil e eficaz, a complexidade de variáveis que permitirão a optimização dos resultados obtidos nos cultivos. A IoT e IA serão, por isso, ferramentas essenciais para aumentar os resultados

da horticultura – produtividade, qualidade, eficiência de uso de recursos, economia – sendo a sua aplicação mais relevante nos sistemas mais sofisticados, mas podendo adaptar-se de forma gradual às situações de cultivo menos complexas.

No futuro, o cultivo no solo ao ar livre de culturas específicas em regiões de especial aptidão edafo-climática deverá continuar a ser importante, pelos menores custos de produção e pela qualidade dos produtos. Contudo, o expectável desenvolvimento de novas formas de energia, mais baratas e seguras, e o desenvolvimento de novos equipamentos e materiais (e.g.: materiais de cobertura fotoselectivos com capacidade fotovoltaica, novos sensores) permitirão o crescimento da horticultura protegida em ambiente controlado, dadas as vantagens inerentes e a possibilidade de assegurar a produção em condições climáticas tendencialmente mais adversas, garantindo e aumentando a segurança no abastecimento alimentar de uma população crescente e mais concentrada.





Luis Alcino da Conceição

Professor Coordenador do Politécnico de Portalegre,
Coordenador do CC InovTechAgro,
Vice-Coordenador da SEER/SCAP

«A IA não substituirá
o agrónomo, mas o agrónomo
que utiliza IA substituirá aquele
que a ignora»

O ENSINO E A CAPACITAÇÃO TÉCNICA DOS JOVENS EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS – VISÃO PARA OS PRÓXIMOS 50 ANOS

O ensino e a capacitação técnica nas Ciências Agrárias enfrentam definitivamente um grande desafio! Não se trata apenas de uma atualização de currículos, mas de uma redefinição ontológica do que significa ser um profissional do setor primário. Com a convergência da mecanização avançada, Inteligência Artificial (IA), Internet das Coisas (IoT) e a necessidade premente de transferir ciência aplicada para o mercado, o perfil do técnico e do investigador está a transformar-se num gestor de ecossistemas complexos e digitais.

1. A Evolução da Mecanização: Do Ferro ao Software

Historicamente, a mecanização foi o motor da produtividade. Se outrora trabalhar um hectare exigia 30 dias de esforço manual, a tração mecânica reduziu esse tempo para horas. Contudo, o paradigma atual indica que a mecanização clássica atingiu o seu limite de eficiência isolada. Em Portugal, onde 60% dos tratores têm mais de 20 anos, o desafio dos próximos 50 anos não é apenas a renovação da frota, mas a sua “intelectualização”. Estamos a entrar na era da “mecanização inteligente”. O ensino deve preparar os alunos não apenas para operar máquinas, mas para gerir frotas de robôs e tratores autónomos que comunicam entre si. A literacia digital torna-se tão vital quanto o conhecimento agronómico. A formação deve ser multidisciplinar, unindo a mecânica à eletrónica e à análise de dados georreferenciados, garantindo que a tecnologia serve a rentabilidade e a sustentabilidade.

2. IoT e IA: O Sistema Nervoso da Agricultura

A Internet das Coisas (IoT) e a IA são as ferramentas que permitem passar de uma agricultura de “médias” para uma agricultura de “precisão cirúrgica”. A arquitetura IoT – sensores, conectividade (como LoRaWAN ou 5G) e atuação – permite monitorizar do stress hídrico à saúde animal em tempo real. Seja em produção agrícola ou animal, o uso de sensores de monitorização da atividade permite que o técnico do futuro antecipe problemas antes de surgirem sintomas visíveis, otimizando culturas e o bem-estar animal. O ensino deve pois

focar-se na interpretação destes fluxos de dados massivos. A IA não substituirá o agrônomo, mas o agrônomo que utiliza IA substituirá aquele que a ignora. Ferramentas de IA generativa já auxiliam os investigadores a sintetizar bibliografia e a identificar padrões climáticos, reduzindo o tempo entre a descoberta científica e a aplicação prática.

3. Da Investigação ao Mercado: Superar o “Vale da Morte”

Um dos maiores desafios da Europa, e de Portugal em particular, é a transição da investigação financiada por fundos públicos para a adoção real pelo mercado. Como apontam alguns autores, existe frequentemente um abismo entre o sucesso de um projeto de investigação (o protótipo) e a sua comercialização (o produto). Nos próximos 50 anos, a capacitação técnica deve incluir competências de “Scale-up” e transferência de tecnologia. Os jovens devem ser formados para entender que a inovação só é real quando chega ao campo e gera valor económico e ambiental. Isso exige:

- i) Pensamento de design centrado no utilizador, obrigando ao desenvolvimento de tecnologias que os agricultores consigam e queiram usar;
- ii) Modelos de negócio sustentáveis, não basta criar um sensor; é preciso garantir que o seu custo total seja inferior ao benefício que gera;
- iii) Colaboração multissetorial, a academia deve cada vez mais trabalhar em simbiose com as empresas e associações de produtores, criando ecossistemas - um exemplo hoje existente é o Centro Nacional de Competências InoTechAgro, onde a inovação é testada em ambiente real.

4. O Novo Investigador na Era da IA Generativa

A IA está a transformar o trabalho diário de quem investiga. Cerca de 60% dos investigadores já utilizam IA para encontrar literatura e resumir dados. Para os jovens, isto significa que a sua vantagem competitiva deixará de ser o “acesso à informação” (que é universal) e passará a ser a “capacidade de síntese crítica”.

A formação terá de lidar com o fosso de competências digitais. É imperativo ensinar ética algorítmica e cibersegurança. Numa agricultura totalmente conectada, a proteção de dados da exploração é uma questão de soberania alimentar. O investigador do futuro será um curador de dados, garantindo que as

sugestões da IA são validadas pelo rigor científico e pela observação empírica no terreno.

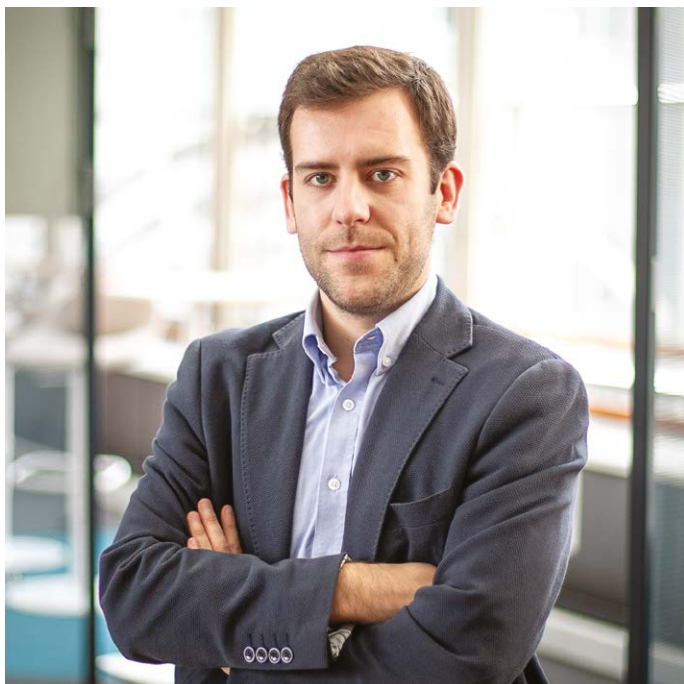
5. Ética e Sustentabilidade

O futuro das Ciências Agrárias está intrinsecamente ligado à resiliência climática. A capacitação técnica terá uma forte componente ética: como produzir mais com menos recursos, preservando a biodiversidade. A tecnologia deve ser vista como um meio para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, e não como um fim em si mesma. Os jovens técnicos serão os mediadores entre as exigências ambientais da sociedade e a viabilidade económica das explorações. Eles precisarão de competências de comunicação para explicar a importância da ciência na produção de alimentos seguros e sustentáveis, combatendo a desinformação.

Em Conclusão, o que Esperar para 2075?

Daqui a 50 anos, as Ciências Agrárias serão o setor tecnológico por excelência. O técnico agrícola será um “orquestrador de sistemas”, movendo-se entre o código informático e a biologia do solo. A educação deve ser contínua e modular, quebrando as barreiras entre as disciplinas tradicionais. Neste contexto o sucesso de Portugal dependerá da nossa capacidade de criar uma geração de profissionais que não só dominem o robot e o algoritmo, mas que saibam transformar esse conhecimento em soluções de mercado que garantam a competitividade do nosso mundo rural. A agricultura do futuro é inteligente, conectada e, acima de tudo, profundamente humana na sua capacidade de inovar para a sobrevivência do planeta.





José Maria Vilhena

Vogal da Comissão Diretiva da Autoridade de Gestão do PEPAC no continente



RENOVAÇÃO GERACIONAL NA AGRICULTURA – UMA MISSÃO QUASE (MAS NÃO) IMPOSSÍVEL

A renovação geracional na agricultura portuguesa deixou há muito de ser apenas um desafio. É, hoje, uma urgência estrutural. A ausência de uma nova geração de agricultores coloca em causa não só o futuro do setor, como também a coesão territorial, a vitalidade das zonas rurais, a fixação de jovens e das suas famílias em territórios rurais e a própria segurança alimentar do país.

Os números são conhecidos. A média de idade dos agricultores portugueses ronda os 64 anos, significativamente acima da média da União Europeia, que se situa nos 58 anos. Portugal é, assim, o país com a população agrícola mais envelhecida da União Europeia. Em 2016, por cada agricultor com menos de 35 anos existiam mais de 27 com mais de 65. Este desequilíbrio é preocupante e insustentável.

Contudo, o problema não está na falta de jovens com interesse em instalarem-se enquanto agricultores.

Os dados mais recentes demonstram isso mesmo. Os avisos do PEPAC no continente dirigidos aos jovens agricultores revelaram uma procura muito expressiva: mais de 4000 candidaturas, com intenções de investimento na ordem dos 550 milhões de euros. Este número demonstra não só que existe uma nova geração preparada para investir, como também expõe uma realidade muitas vezes esquecida: quando existem condições, os jovens dão resposta.

Importa, por isso, reconhecer os avanços recentes na política pública. O reforço do prémio à instalação, que pode agora atingir os 55 mil euros em regime de exclusividade, foi um passo importante e necessário. Também o anúncio recente, por parte do Senhor Ministro da Agricultura e Mar, referente ao lançamento, ainda no decorrer deste ano, de linhas de créditos, com garantias pagas pelo InvestEU, dedicadas à agricultura, pescas e florestas, que vão permitir mobilizar um montante superior a 500 milhões de euros. No âmbito destas linhas, está prevista uma janela dedicada a jovens agricultores, o que juntamente com o montante de 50 milhões de euros de instrumentos financeiros previstos no PEPAC e que servirão para bonificar juros, representa um instrumento relevante para mi-

tigar as falhas no acesso ao financiamento, um dos principais entraves identificados pelos jovens agricultores.

No entanto, é fundamental não confundir meios com fins. Estes apoios são muito relevantes, mas não resolvem, por si só, o problema central: a falta de rendimento no setor. Sem rendimento, não há atratividade. Sem atratividade, não há renovação geracional.

Este é, aliás, um dos pontos mais sublinhados por quem está no terreno. Os jovens não desistem por falta de apoios à entrada, mas antes porque não conseguem garantir viabilidade económica ao longo do tempo.

Garantir condições para gerar rendimento

É, por isso, essencial garantir condições para gerar rendimento. Para tal, é imperativo promover a organização da produção, através de cooperativas e organizações de produtores mais robustas, o que permitirá ganhos de escala, negociações mais eficientes e redução de custos.

É também fundamental reduzir o risco, através de instrumentos de estabilização de rendimento, seguros agrícolas mais eficazes e previsíveis, e mecanismos, como é o caso dos resseguros, que permitam que estes produtos tenham preços comportáveis para os agricultores, algo que tem sido defendido por Portugal ao nível da UE.

Finalmente, é indispensável apostar na capacitação e no acompanhamento. A viabilidade dos projetos depende cada vez mais de boas práticas de gestão, planeamento e acesso a conhecimento técnico. Neste âmbito, destaca-se a intervenção de Acompanhamento Técnico Especializado dirigido aos jovens agricultores, na qual, pela primeira vez, haverá um acompanhamento durante três anos, por parte das confederações e associações aos jovens com projeto aprovado, estando prevista a realização de três visitas por ano à exploração.

Mas há um outro fator, menos tangível, que importa não ignorar: a imagem da agricultura.

Durante demasiado tempo, o setor foi visto como uma atividade de recurso, pouco qualificada e de baixa rentabilidade. Essa perceção está desajustada da realidade, mas continua a influenciar a opinião pública. A agricultura exige conhecimento, capacidade de gestão, domínio tecnológico (equiparável ou até superior aos restantes setores de atividade) e visão empresarial. Os jovens que entram no setor fazem-no com essa

ambição, mas precisam de ver reconhecido esse esforço.

Também por isso, a renovação geracional não pode ser tratada apenas como uma medida de política agrícola. É necessário um ecossistema favorável: financiamento adequado, formação de qualidade, acompanhamento técnico contínuo e condições de vida nos territórios.

Por outro lado, é fundamental valorizar o papel dos jovens na transformação do setor. São eles que mais investem, que mais inovam, que mais facilmente adotam tecnologias digitais e práticas sustentáveis. São, em muitos casos, o motor da modernização da agricultura portuguesa.

Para que a transformação desejada aconteça, é necessária ambição. A ambição de reconhecer que o problema é estrutural. E a ambição de colocar o rendimento no centro da política agrícola.

A renovação geracional não é apenas uma prioridade, é uma condição de sobrevivência.

A missão pode parecer quase impossível, mas os sinais são claros: há jovens, há projetos, há investimento. Temos de garantir que há futuro. E isso depende da nossa capacidade coletiva de criar um setor agrícola mais competitivo, mais rentável e mais atrativo.

«Os apoios públicos são muito relevantes, mas não resolvem, por si só, o problema central: a falta de rendimento no setor. Sem rendimento, não há atratividade. Sem atratividade, não há renovação geracional.»





José Pedro Salema
Presidente da EDIA – Empresa de Desenvolvimento
e Infraestruturas do Alqueva

«A “Água que Une” não é
um plano de boas intenções.
É um compromisso coletivo.
A visão está traçada. O tempo
de agir é agora.»

A GESTÃO DA ÁGUA NA AGRICULTURA EM PORTUGAL – VISÃO PARA OS PRÓXIMOS 50 ANOS

Portugal é um país mediterrânico, historicamente marcado pela irregularidade hídrica. As alterações climáticas agravam esse desafio: menos precipitação, ondas de calor mais intensas e secas prolongadas. Ao mesmo tempo, a agricultura nacional enfrenta a urgência de crescer. Aumentar a área regada não é uma opção de luxo ou capricho; é uma necessidade estratégica para elevar a produção, modernizar o sector e equilibrar, em valor, a balança agroalimentar do país, ainda deficitária. É neste contexto que a estratégia nacional “Água que Une”, lançada pelo Governo, surge como a resposta integrada e visionária de que o país precisa. Não se trata apenas de gerir um recurso escasso. Trata-se de uma visão que transforma a água num elemento de coesão territorial, económico e social. A EDIA, que gere o empreendimento de fins múltiplos do Alqueva, demonstra que esta estratégia é a extensão natural da experiência acumulada nas últimas décadas: água que chega onde é preciso, quando é preciso, unindo regantes, autarquias, indústria e ambiente.

A “Água que Une” coloca no centro a gestão eficiente e resiliente dos recursos hídricos, com quase 300 medidas concretas até 2040. Para a agricultura, significa priorizar o aumento sustentável da área regada – atualmente cerca de 560 mil hectares, mas com potencial para crescer de forma inteligente em cerca de 20% (ou mais cerca de 113 mil hectares). Cada hectare adicional regado multiplica a produção, diversifica culturas de alto valor e reduz a dependência de importações. O regadio já responde por cerca de 65% do valor da produção agrícola nacional, apesar de ocupar apenas 15-16% da superfície agrícola utilizada. Ampliar esta área, com critérios rigorosos de eficiência, é o caminho para inverter o défice da balança comercial agroalimentar e reforçar a soberania alimentar.

Mas não basta expandir. É preciso tornar os sistemas existentes mais resilientes perante o aumento das necessidades hídricas projetado pelas alterações climáticas. A “Água que Une” responde com um pacote integrado de medidas que assenta em quatro pilares fundamentais.

Em primeiro lugar, a eficiência hídrica torna-se pedra angu-

lar: redução drástica de perdas (que ainda atingem 30-40% em alguns aproveitamentos hidroagrícolas), generalização da rega gota-a-gota, monitorização em tempo real e digitalização integral do ciclo da água. Estas intervenções permitem poupar volumes significativos sem sacrificar a produtividade. Em segundo lugar, abrem-se novas origens de água. A dessalinização ganha escala com projetos como as dessalinizadoras de Sines (em preparação) e de Albufeira (a iniciar obras), fornecendo água de qualidade para abastecimento público e industrial. Paralelamente, a Água para Reutilização (APR) – proveniente de águas residuais tratadas – avança rapidamente: vários sistemas já têm esta capacidade, muitas estão em obra, enquanto o programa nacional prevê produzir 116 hm³ de APR até 2040 a partir de 315 ETAR.

Em terceiro lugar, aumenta-se a capacidade dos sistemas existentes. Os exemplos mais evidentes passam pelo alteamento de barragens, aumentando a capacidade de armazenamento de albufeiras, como em Idanha (barragem Marechal Carmona) com investimentos residuais e impactos ambientais negligenciáveis.

Por fim, criam-se novos sistemas e ligações que garantem redundância e resiliência: interligações entre bacias (como a ligação Tejo-Guadiana através da reabilitação e modernização das barragens da Ribeira de Nisa), os Empreendimentos de Fins Múltiplos do Tejo e do Mondego, novas barragens como Girabolhos (Mondego) e Alvito (Ocreza/Tejo) ou pequenas charcas de regularização. Todos estes elementos podem transformar a fragilidade atual numa rede robusta e inteligente.

A estratégia será concretizada por vários atores, com destaque para os atuais operadores de sistemas (como as associações de regantes e os sistemas municipais de águas), o grupo Águas de Portugal incluindo a empresa AdP Aqua, criada especificamente para a concretização de grandes novos sistemas e a EDIA, com responsabilidades acrescidas pelo aumento dos sistemas dependentes de Alqueva.

Há que partilhar o conhecimento acumulado na licença, fiscalização e operação de perímetros de rega, replicando a nível nacional as lógicas que têm resultados comprovados – infraestruturas inteligentes que antecipam a escassez, com elevada eficiência hídrica, com produção de energias renováveis associadas e governança participativa.

Olhando para os próximos 50 anos, projeta-se um Portugal

onde a agricultura é mais produtiva, mais exportadora e mais sustentável. Uma agricultura capaz de enfrentar aumentos da temperatura média e uma redução de assinalável na disponibilidade hídrica natural, graças a sistemas modernizados e resilientes.

A “Água que Une” não é um plano de boas intenções. É um compromisso coletivo. A EDIA coloca ao serviço do país a capacidade técnica e operacional que construiu. Aos decisores políticos, aos agricultores, às autarquias e à sociedade civil, faz-se o apelo de união em torno desta estratégia. Porque a água que une hoje é a garantia da alimentação, do desenvolvimento e da coesão territorial que deixaremos aos nossos netos.

A visão está traçada. O tempo de agir é agora.





Ana Maria Barata¹, Violeta Lopes¹, Isabel Siva¹

¹Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, Polo de Braga – Banco Português de Germoplasma Vegetal, Braga, Portugal

«O futuro da horticultura portuguesa constrói-se com diversidade – a que herdámos do passado e que temos o dever de proteger hoje»

ALIMENTAR O FUTURO: O PAPEL ESTRATÉGICO DOS RECURSOS GENÉTICOS HORTÍCOLAS NOS PRÓXIMOS 50 ANOS

Os próximos 50 anos serão particularmente desafiantes para o setor hortícola, culturas de ciclo curto e altamente sensíveis às variações de temperatura e disponibilidade hídrica. Têm um peso central na dieta mediterrânica, na gastronomia regional e nas economias locais. Mas a segurança alimentar futura deixará de ser apenas uma questão de quantidade. Será, sobretudo, uma questão de **capacidade de produzir sob stress**. E essa capacidade depende diretamente da amplitude genética disponível para responder a condições que hoje ainda não conseguimos antecipar.

As alterações climáticas deixaram de ser uma abstração futura: secas prolongadas, ondas de calor mais frequentes, novas pragas e ciclos produtivos instáveis são agora parte permanente da realidade agrícola. Perante este cenário, a discussão costuma concentrar-se em tecnologia – sensores, estufas inteligentes, automação, inteligência artificial. Mas há um elemento mais básico, silencioso e frequentemente esquecido, sem o qual nenhuma inovação tecnológica terá impacto duradouro: a **diversidade genética das plantas que cultivamos**.

Portugal possui uma vantagem estratégica que muitos países já perderam: **diversidade viva**, preservada ao longo de gerações por agricultores, investigada por técnicos e conservada pelo **Banco Português de Germoplasma Vegetal (BPGV)**. As suas coleções de alho, couves tradicionais e plantas aromáticas e medicinais representam décadas de trabalho e um património genético insubstituível. São, na prática, um arquivo vivo de soluções adaptativas para um clima em rápida mutação.

A grande questão é simples: **estamos a preparar as variedades que irão garantir a produção hortícola em 2075?** A resposta depende da forma como valorizamos o recurso genético disponível hoje – e de como o transformamos em resiliência económica, produtiva e territorial. Para isso, o país precisa de uma estratégia consistente que articule conservação, melhoramento, experimentação, inovação e mercado. Isso inclui programas nacionais de melhoramento de espécies hortícolas,

produção de semente nacional e políticas de incentivo à valorização das variedades tradicionais e das plantas aromáticas e medicinais autóctones.

O mercado desempenha um papel decisivo. A procura crescente por produtos locais, diferenciados e com identidade territorial representa uma oportunidade clara. A rotulagem de origem, a certificação de variedades tradicionais, a valorização gastronómica são instrumentos simples, mas transformadores. Criam mercado para materiais adaptados às condições nacionais e contribuem para remunerar o trabalho de conservação realizado ao longo de gerações.

Num contexto em que a segurança alimentar se torna uma preocupação crescente, a horticultura assume um papel central que não pode ser ignorado. Ela representa uma solução concreta para aumentar o acesso a alimentos frescos, nutritivos e diversificados em comunidades urbanas e rurais. Ao permitir a produção local, a horticultura reduz a dependência de longas cadeias de abastecimento e reforça a autonomia das populações. Além disso, quando baseada em práticas sustentáveis, contribui para a preservação ambiental e para a educação alimentar, promovendo uma alimentação mais diversificada e nutritiva, contrariando a tendência de homogeneização das dietas.

Estes recursos são fundamentais para garantir sistemas agrícolas mais resilientes. Variedades locais possuem, muitas vezes, uma maior resistência a pragas, doenças e condições climáticas adversas, o que permite reduzir perdas e diminuir a dependência de recursos externos. Num tempo em que os sistemas alimentares enfrentam múltiplos desafios, olhar para o que já temos – e sabemos cultivar bem – pode ser uma das respostas mais inteligentes e eficazes.

Neste ecossistema, a **Associação Portuguesa de Horticultura (APH)** tem um papel central. Como entidade de referência no setor, possui a capacidade de articular ciência, técnica e prática agrícola, promovendo o debate e a disseminação de conhecimento. A experiência acumulada, nos colóquios dedicados ao setor das plantas aromáticas e medicinais, demonstra a importância de criar espaços de reflexão e cooperação. Uma estratégia semelhante dedicada aos recursos genéticos hortícolas seria um passo natural e urgente, à semelhança de outras associações congéneres.

O futuro da horticultura portuguesa constrói-se com **diversi-**

dade – a que herdámos do passado e que temos o dever de proteger hoje. Daqui a 50 anos, quando as condições climáticas forem radicalmente diferentes, serão as sementes conservadas agora que permitirão manter a produção. Aromáticas com identidade regional, couves tradicionais certificadas ou alhos recuperados poderão não só garantir autonomia produtiva, como gerar novas oportunidades económicas.

A segurança alimentar começa muito antes da colheita. Começa no património genético que decidimos preservar, valorizar e utilizar. Se Portugal quiser assegurar competitividade, abastecimento interno e resiliência, precisa de reconhecer que os recursos genéticos hortícolas são uma infraestrutura estratégica – tão essencial como a água, o solo agrícola e a semente. O futuro da horticultura, afinal, cresce a partir das sementes que guardamos hoje.





Pedro Fevereiro

Ph.D. Hab., Professor Catedrático Convidado - ITQB NOVA,
Consultor Independente em Biotecnologia
Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida

«A edição do genoma é uma tecnologia democrática, pela maior simplicidade e economia de utilização comparada com outras tecnologias moleculares. Será possível, de forma rentável, obter variedades para fazer face a condições locais»

BIOTECNOLOGIA E EDIÇÃO GENÉTICA NO FUTURO DA HORTICULTURA

Quando comecei a trabalhar em biotecnologia vegetal (BV) dizia-se, na Europa, que não era necessário aumentar a produtividade das plantas cultivadas, não só porque a quantidade de alimentos existentes era suficiente, mas também porque as práticas agrícolas estavam suficientemente desenvolvidas para garantir os aumentos de produção necessários.

Esse paradigma mudou. Devido ao impacto de práticas ambientalmente desequilibradas, ao aumento brutal da população humana e ao impacto das alterações climáticas, entre outros fatores, parece ser necessária, eu diria urgente, a aposta em desenhar variedades vegetais que supram as necessidades atuais e futuras da humanidade.

Sempre desenvolvemos novas variedades, primeiro de forma aleatória, depois empiricamente e mais recentemente de forma cientificamente acompanhada. Nesta história, só recentemente começámos a perspetivar as condições para desenhar *ab initio* o ideotipo desejado. Esta perspetiva tem como finalidade projetar e construir variedades que se ajustem a um conjunto de desejos: maximização da produtividade, resistência a pragas e doenças, tolerância a condições climáticas adversas (calor, falta de água entre outras), ajuste às condições edáficas, ajuste às práticas agrícolas, ajuste à sustentabilidade de solos, e à qualidade nutricional desejada.

Como entra a biotecnologia moderna nesta perspetiva?

A BV utiliza os conhecimentos de biologia molecular, genética, bioquímica, fisiologia, e da agricultura para desenvolver tecnologias que permitam, por um lado a seleção mais rápida das plantas candidatas a novas variedades, e por outro a modificação do genoma de forma a introduzir rapidamente novas características e/ou suprimir características indesejadas. Recentemente a BV também utiliza os conhecimentos biológicos de outros organismos para, associando-os às plantas, melhorar as suas características, incluindo-se nestas a otimização da absorção de nutrientes, ou a resistência a pragas e doenças.

Uma das linhas de trabalho que tem vindo a sofrer grande evolução ao longo das últimas cinco décadas é a alteração do genoma de forma a se introduzirem ou suprimirem caracterís-

ticas nas plantas cultivadas. O reconhecimento da estrutura do DNA, o desenvolvimento de tecnologias para a sua clonagem e sequenciação e de tecnologias para a incorporação de sequências exógenas num determinado genoma vegetal, permitiram a criação de tecnologias que, com uma precisão cada vez maior, podem alterar o conteúdo genético de uma planta de forma que o seu fenótipo expresse as características que se desejam. Progressivamente, nos últimos 40 anos, foram-se acumulando novas tecnologias com esta finalidade: mutagênese não direcionada; poliploidização; produção de híbridos interespecíficos; indução de variantes somaclonais; e engenharia genética. Mais recentemente desenvolveu-se um novo conjunto de técnicas, denominadas de novas técnicas genômicas, das quais faz parte a edição do genoma: mutagênese dirigida; RNA de interferência; cisgênese e intragênese; seleção inversa e modificação dos níveis de metilação dirigida por RNA. Destas últimas tecnologias a mais conhecida e discutida é a mutagênese dirigida, que se denomina vulgarmente de edição de genoma. Esta utiliza ferramentas moleculares que permitem produzir, em sequências específicas, quebras na dupla cadeia do DNA, permitindo, ou bloquear a expressão de um ou mais genes ou variantes alélicas, ou substituir variantes alélicas por outras da mesma espécie, ou substituir apenas uma base do DNA ou introduzir um transgene. A mesma ferramenta pode ser utilizada não para quebrar o DNA, mas para transportar um ativador ou um inibidor da expressão génica, permitindo modular a expressão de genes específicos e com isso modular o fenótipo de uma planta. Estas possibilidades dependem sempre do conhecimento claro da sequência genómica da planta, mas neste momento todas as plantas cultivadas têm genomas sequenciados, muitos deles devidamente anotados. Dependem também do conhecimento da funcionalidade dos genes e mesmo de sequências não génicas que condicionam as características das plantas.

Qual o futuro da horticultura no contexto da aplicação destas tecnologias?

Continuar-se-ão a desenvolver novas técnicas moleculares que permitirão ajustar os genomas às nossas necessidades. Construiremos de forma cada vez mais rápida, mais precisa e mais segura as variedades de que necessitamos para garantir a produção necessária de alimentos. As novas varia-

des podem e devem ser desenhadas não só numa perspetiva de se alterar uma característica, mas de se construir a variedade adequada às condições edafo-climáticas e às práticas agrícolas específicas de cada região.

Há quem refira que a edição do genoma é uma tecnologia democrática, pela maior simplicidade e economia de utilização comparada com outras tecnologias moleculares. Será possível, de forma rentável, obter variedades para fazer face a condições locais e Portugal tem condições para fazer uso destas tecnologias para resolver os seus problemas específicos. Claro que isso exigirá vontade e financiamento. E que não se deixe só na mão das grandes empresas este desiderato.

Finalmente estou crente que daqui a cinquenta anos começaremos a ser capazes de construir genomas vegetais sintéticos, desenhados para suprir necessidades específicas. Isto já é possível com bactérias, mas creio que rapidamente se estenderá a organismos mais complexos.





Cristina Amaro da Costa

Professora da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viseu

«A agroecologia traz futuro à horticultura a partir de solos vivos que se constroem, sistemas biodiversos que se moldam, alimentos que nutrem e comunidades que cooperam»

A AGROECOLOGIA NO FUTURO DA HORTICULTURA (SENSO LATO)

Pensar o futuro da horticultura (senso lato) exige, antes de mais, um exercício de memória. Não para regressar ao passado, mas para recuperar uma evidência que a agronomia antiga conhecia bem: a produção agrícola depende do equilíbrio vivo entre solo, água, clima, biodiversidade, comunidades rurais, conhecimento e memória biocultural.

Antes do advento dos pesticidas e fertilizantes de síntese, a agronomia apoiava-se sobretudo na observação atenta e conhecimento empírico, em práticas agrícolas como rotações culturais, consociações, fertilizações orgânicas, pousio, uso prudente da água e simbiose íntima com os ritmos locais. Não era um mundo ideal: havia limitações técnicas, menor produtividade, grande dureza no trabalho agrícola. Mas havia uma inteligência agronómica essencial, construída pela experiência acumulada das comunidades rurais, que importa reencontrar: quando se simplifica em excesso, a natureza responde com fragilidade; quando se diversifica e se cuida do sistema, o sistema devolve resiliência.

É precisamente essa lição, agora enriquecida pela conhecimento contemporâneo e tecnologia, que a agroecologia traz para o futuro da horticultura. A agroecologia é uma proposta exigente e profundamente técnica para produzir melhor, com menos dependência, menor vulnerabilidade e maior inteligência ecológica. Em vez de combater sucessivamente os sintomas – pragas, doenças, perda de fertilidade, escassez hídrica – procura redesenhar o sistema para que ele funcione com mais equilíbrio desde o início.

Em Portugal, esta orientação é particularmente relevante. A horticultura portuguesa conjuga enorme riqueza bioclimática e humana (retratada em territórios moldados por gerações de agricultores que aprenderam a ler o solo, clima, recursos disponíveis, ciclos e ritmos próprios de cada lugar) com uma crescente exposição ao risco: secas mais frequentes, ondas de calor, irregularidade da precipitação, erosão e perda de matéria orgânica, pressão sobre os custos de produção, envelhecimento dos agricultores e mercados muitas vezes indiferentes à qualidade e ao valor territorial e ambiental do que é produzido. Do Oeste ao Algarve, do litoral ao interior, o desafio é o mesmo:

como continuar a produzir com qualidade sem esgotar os recursos de que dependerá a próxima geração? Como continuar a produzir com cada vez menos agricultores, com fatores de produção cada vez mais caros e escassos?

A evidência e a necessidade mostram que a resposta não passa por uma intensificação cega. Passará por solos vivos, cobertos e férteis; por água usada com rigor e inteligência; por maior diversidade de culturas e variedades; por sebes, margens e infraestruturas ecológicas que devolvam abrigo à biodiversidade útil; por proteção das culturas baseada no conhecimento; por circuitos de proximidade que valorizem frescura, sazonalidade, qualidade e confiança; e por uma nova centralidade do agricultor como gestor de ecossistemas, e não apenas como aplicador de fatores de produção.

A horticultura tem, aliás, uma responsabilidade singular: liga de forma imediata a agronomia à alimentação, saúde, paisagem e cultura. Os pomares, hortas, pequenos mosaicos produtivos, viveiros e jardins produtivos sempre fizeram parte da identidade dos territórios portugueses. Foram espaços de inovação silenciosa, onde gerações sucessivas aprenderam a adaptar-se, selecionar, conservar e partilhar. A agroecologia pode dar futuro a essa herança, como base de inspiração e renovação. Isso exige políticas coerentes, investigação aplicada, aconselhamento técnico de proximidade, redes colaborativas e mercados mais justos. Exige também que a tecnologia seja aliada da autonomia: sensores, apoio à decisão, melhoramento participativo, ferramentas digitais e novos materiais podem ter um papel decisivo, desde que postos ao serviço da robustez ecológica e não da repetição dos erros do passado.

É também urgente tornar visível a origem dos alimentos, a forma de produção e o verdadeiro valor do trabalho agrícola, para reconstruir proximidade, confiança e responsabilidade entre quem produz e quem consome. É urgente exigir, produzir e valorizar alimentos ricos em nutrientes (e não em água), capazes de contribuir para dietas mais equilibradas e mais saudáveis e satisfazer as demandas de produtores e consumidores.


Acresce que, na agroecologia recentra os sistemas agrícolas em torno dos seus verdadeiros protagonistas – agricultoras, agricultores e suas comunidades. Comunidades (redes locais, comunidades de prática, associações, cooperativas, processos colaborativos), que foram sempre espaços de aprendizagem, entreajuda, observação partilhada e adaptação coletiva,

continuam a ser decisivas e tão importantes como qualquer tecnologia. O conhecimento que aí circula é um dos recursos mais valiosos para a horticultura do futuro.

A agroecologia é, por isso, mais do que uma alternativa. É uma proposta moderna, que resulta do diálogo entre conhecimento científico, saber rural e inteligência coletiva, com o objetivo de produzir com mais robustez ecológica, mais autonomia económica e maior responsabilidade social. É uma forma de devolver centralidade às comunidades de agricultores, reconstruir alianças entre produtores e consumidores e projetar o futuro com raízes.







CAPÍTULO IV
PARCERIAS
DURADOURAS

Sócios Patrono
que apoiaram este livro



prática agrícola. O seu contributo tem sido particularmente relevante num setor em constante transformação, marcado por crescentes exigências ambientais, comerciais e de qualidade.

Preservar qualidade, garantir segurança alimentar e proteger o valor das produções exige uma visão integrada que começa no solo e atravessa cada etapa do ciclo produtivo. É precisamente neste enquadramento que a Alltech Crop Science (ACS) posiciona a sua atuação: como parceiro estratégico de uma agricultura mais eficiente, responsável e orientada para o futuro.

A proposta da ACS assenta num conhecimento aprofundado da saúde do solo, nomeadamente no desenvolvimento de solos supressivos, complementado por soluções de proteção de culturas, nutrição vegetal e bioestimulação das plantas. O objetivo é claro: aumentar a produtividade e a qualidade das produções, sem comprometer os recursos naturais que as sustentam.

No centro desta abordagem está a inovação biotecnológica. Tecnologias como a fermentação de precisão e a nutrigenómica permitem otimizar a fisiologia das culturas, maximizar o rendimento e reforçar a proteção fitossanitária - com impacto direto na rentabilidade dos agricultores e na competitividade das explorações agrícolas.

Neste quadro, a colaboração entre a Alltech Crop Science e a Associação Portuguesa de Horticultura assume particular relevância. Esta parceria tem permitido, ao longo dos anos, reforçar a transferência de conhecimento técnico-científico, dinamizar a ligação entre investigação e prática agrícola e apoiar os produtores com ferramentas e conteúdos especializados, contribuindo para a modernização e valorização do setor horticola nacional.

50 ANOS A CULTIVAR O FUTURO: A APH E OS DESAFIOS DE UMA HORTICULTURA SUSTENTÁVEL

Ao longo das últimas cinco décadas, a Associação Portuguesa de Horticultura (APH) tem acompanhado a evolução da horticultura nacional, afirmando-se como um espaço de referência para a partilha de conhecimento técnico-científico, a promoção da inovação e a aproximação entre investigação e

«A colaboração entre a Alltech Crop Science e a APH tem permitido reforçar a transferência de conhecimento técnico-científico entre investigação e prática agrícola»



We create chemistry

NA BASF APOIAMOS OS AGRICULTORES A FAZER FRENTE AOS DESAFIOS DA AGRICULTURA

A sustentabilidade é hoje um dos principais pilares da agricultura moderna e um desafio transversal a todos os setores de produção agrícola. Na BASF, trabalhamos diariamente para apoiar os agricultores na adoção de práticas mais eficientes, inovadoras e sustentáveis, contribuindo para a proteção das culturas e para a preservação dos recursos naturais.

O nosso compromisso com uma agricultura mais sustentável abrange diferentes setores agrícolas, incluindo a fruticultura, a olivicultura, a viticultura, a horticultura e a horticultura ornamental. Através da inovação, da investigação e do desenvolvimento de soluções cada vez mais eficazes e responsáveis, procuramos responder aos desafios atuais da agricultura, como as alterações climáticas, a gestão eficiente da água, a redução do impacto ambiental e a necessidade de garantir produções de elevada qualidade.

A BASF acredita que a sustentabilidade resulta do equilíbrio entre produtividade, proteção ambiental e viabilidade económica das explorações agrícolas. Nesse sentido, continuamos a investir em soluções e ferramentas que ajudam os produtores a otimizar recursos, proteger as culturas e promover uma agricultura mais resiliente e preparada para o futuro.

Para isso, contamos, no nosso portefólio, não só com produtos de proteção de culturas de síntese e biológicos, como também com ferramentas digitais que, através da integração de dados meteorológicos, modelos agronómicos e informação em tempo real, permitem uma tomada de decisão mais precisa, eficiente e alinhada com a agricultura dos dias de hoje. Dessa forma, contribuem para uma proteção mais sustentável das culturas, ajudando a responder ao desafio de produzir de forma mais eficiente e sustentável.

A parceria entre a BASF e a APH tem desempenhado um pa-



pel importante na valorização e desenvolvimento do setor hortofrutícola nacional. A proximidade ao setor, a partilha de conhecimento e a promoção de iniciativas técnicas tornam esta colaboração particularmente relevante, reforçando o compromisso conjunto com uma agricultura mais sustentável e inovadora.

«A parceria entre a BASF e a APH tem desempenhado um papel importante na valorização e desenvolvimento do setor hortofrutícola nacional»





um modo tão generoso e entusiasta nos tentava integrar, enquanto estudantes, nas acções da sua APH então a percorrer os seus primeiros anos. Na década seguinte, de 90, vim a saber através do meu orientador ser ele a pessoa que mais me defendia relativamente à atribuição de bolsa de estudos, pela então JNICT, para o meu Doutoramento em Protecção Integrada no ISA, precisamente sobre o tema da Agricultura Biológica... Outros tempos, outro nível de formação humana! Que saudades!

MUITO OBRIGADO, PROF. CARLOS PORTAS!

Pensar na fundação da APH é, incontornavelmente, pensar no seu principal e entusiasta fundador: o Prof. Carlos Portas. Nunca irei esquecer a sua paciência para com a minha irreverência de jovem estudante universitário em Évora, quando no já tão longínquo início dos anos 80 do século passado eu me opunha tão veementemente à sua perspectiva para a agricultura portuguesa tão diferente da minha, já na altura tão militantemente em defesa da Agricultura Biológica. Sabendo que as visões eram tão opostas, tinha dificuldade em bem aceitar muitas das suas iniciativas, inclusive quando de

«Pensar na fundação da APH é, incontornavelmente, pensar no seu principal e entusiasta fundador: o Prof. Carlos Portas»

Nessa mesma década, em 1994 (há já 32 anos), eu viria a fundar a estrutura na qual dediquei os meus melhores anos de actividade profissional, em prol de uma agricultura verdadeiramente sustentável e seguindo os princípios de uma autêntica protecção integrada, a qual necessariamente coincide maioritariamente com as exigências para a protecção das plantas em agricultura biológica. Com a fundação da empresa BIOSANI – Agricultura Biológica e Protecção Integrada, Lda. conseguiu-se introduzir e implementar em Portugal, na prática, os conceitos que na altura se começavam a esboçar a nível teórico e académico, em Portugal e no mundo. Foram anos, décadas, de um intenso pioneirismo, sempre inovando e abrindo novos caminhos, inclusive a nível mundial em tantos casos, como os da luta biotécnica através do método da confusão sexual, contra *Zeuzera pyrina*, *Prays citri* e *Planococcus ficus*, nos quais fomos os primeiros em todo o Mundo. Durante esse apaixonado percurso fomos criando empresas Biosani noutros países: China (1995), Brasil (2008) e Angola (2024). Agora, em 2026, acreditamos que há muito de útil a contribuir para a consolidação em Portugal dos conceitos e métodos que aqui introduzimos, quanto à sua aplicação e generalização, bem enraizados técnica e cientificamente, trabalhando com paixão pela sua autenticidade.

Por. Carlos Frescata, sócio fundador da Biosani



CERTIS BELCHIM: AO SERVIÇO DE UMA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

A agricultura europeia está a sofrer uma profunda transformação marcada pela retirada gradual de substâncias ativas químicas de síntese, pelas alterações climáticas e a conjuntura sócio económica complexa e incerta. Para abordar todas estas questões desafiadoras, a agricultura precisa de redescobrir as suas raízes, enquanto explora novos caminhos e formas de pensar e agir. A ciência e a tecnologia são essenciais para ajudar a resolver os desafios dos agricultores. Neste sentido, a Certis Belchim tem focado a sua estratégia na diversificação do seu portefólio e no seu firme compromisso com soluções inovadoras e sustentáveis, como é o caso do Proman®, Milbekenock®, Eradicoat Max® e Kenja®.

Trabalhamos na expansão de produtos convencionais e de biocontrolo, com o objetivo de abranger mais culturas e alvos (pragas e doenças) e oferecer ferramentas fiáveis num ambiente regulatório cada vez mais restritivo.

Paralelamente, a Certis Belchim incorporou soluções inovadoras como Areli®, Cedroz® Pro, NemaClean® e Botiga®, todas com modos de ação distintos e perfeitamente integráveis nos programas de gestão integrada de pragas e doenças (IPM). A empresa está também a desenvolver um portefólio de bioestimulantes que contribui para aspetos-chave do desenvolvimento das culturas, maximizando o seu potencial genético, o aumento da resistência ao stress abiótico e o aumento da qualidade. Produtos como o C-BIO® Grow, o Proactive® K, o N-Expert® são apenas o início de uma linha que continuará a crescer nos próximos anos, reforçando o compromisso com uma agricultura mais responsável e competitiva.

Na Certis Belchim, diariamente, fazemos escolhas pragmáticas



para superar os desafios em evolução, conectando-nos com todas as formas de agricultura e com aqueles que a servem, em prol do presente e futuro da agricultura.

A parceria entre a Certis Belchim e a APH é fundamental para o desenvolvimento sustentável do setor hortícola em Portugal. Esta colaboração promove a partilha de conhecimento técnico, a inovação e a adoção de boas práticas de produção, contribuindo para culturas mais eficientes, seguras e competitivas. Em conjunto, reforçamos o interesse e o apoio aos produtores, valorizamos a horticultura nacional e estimulamos o crescimento alinhado com as exigências ambientais e do mercado.

«A parceria entre a Certis Belchim e a APH é fundamental para o desenvolvimento sustentável do setor hortícola em Portugal»





COTESI[®]

INDUSTRY

cadeia de produção — desde o crescimento e condução das culturas, à colheita (assegurando produção e proteção), até à fase de embalagem.

Os acontecimentos dos últimos anos demonstraram claramente a importância de garantir maior autonomia e capacidade produtiva, seja a nível nacional ou regional. Crises como a inflação, escassez de recursos, pandemias, estrangimentos logísticos e energéticos, bem como fenómenos climáticos extremos e tensões geopolíticas, evidenciaram a necessidade de reforçar a resiliência do setor.

Portugal, beneficiando de um clima geralmente ameno e de bons recursos de solo e água, reúne condições privilegiadas para o desenvolvimento da horticultura. Torna-se, por isso, essencial preservar, valorizar e dinamizar este segmento estratégico.

A relação com a APH tem sido marcada por uma colaboração ativa e enriquecedora, materializada em diversos momentos — desde a participação em eventos de elevada relevância, até à presença em conteúdos técnicos e informativos. Esta ligação reflete um compromisso comum com a inovação, o conhecimento e o desenvolvimento sustentável da Horticultura em Portugal.

É ESSENCIAL PRESERVAR, VALORIZAR E DINAMIZAR ESTE SEGMENTO ESTRATÉGICO

A horticultura é um setor de grande relevância para a Cotesi S.A., sendo já de quase uma década a colaboração contínua com a APH. Ao longo deste percurso, temos acompanhado de perto a evolução da Horticultura, tanto na produção de hortícolas em fresco como na vertente horto-industrial. Nesse contexto, disponibilizamos uma gama abrangente de soluções que respondem às diferentes fases da

«A relação com a APH tem sido marcada por uma colaboração ativa e enriquecedora, reflete um compromisso comum com a inovação da Horticultura em Portugal»



Conceito Rural, Lda

CONCEITO RURAL, LDA – HORTÍCOLAS DA ZONA SALOIA COM BAIXA PEGADA DE CARBONO

É em Almargem do Bispo - Sintra, no coração da zona saloia, que em 12 hectares de terreno, repartidos entre estufa e ar livre, está sediada a Conceito Rural, Lda, que desenvolve a sua atividade entre a produção e comercialização de Hortícolas em fresco.

Aproveitando as condições edafoclimáticas locais, associadas à forma tradicional de produção da região saloia, a Conceito Rural, Lda assume também um compromisso de sustentabilidade no modelo de distribuição, centrado no fornecimento direto das 8 maiores lojas da área da grande Lisboa do grupo Auchan Retail Portugal, assumindo um papel preponderante na execução do programa do grupo “Bom, São e Local”.

Esta parceria assegura cadeias curtas de distribuição no conceito de proximidade entre a produção e o consumidor final (rotas num raio de 25 Km), benefícios na economia local e redução substancial da pegada de carbono dos seus produtos.

Com o objetivo constante de melhorar o desempenho ambiental e contribuir para a sustentabilidade do setor, estamos a promover uma transição energética na frota da empresa, visando alcançar o resultado de zero emissões de carbono na vertente comercial.

Na vertente produtiva, o caminho da sustentabilidade assume primordial importância, sendo de destacar a enorme importância da Associação Portuguesa de Horticultura, que através da divulgação de conhecimento técnico e científico, identifica



o caminho que as empresas do setor devem seguir para alcançar o tão desejado progresso e sustentabilidade da Horticultura em geral, e da praticada na nossa região saloia em particular.



«A Associação Portuguesa de Horticultura, através da divulgação de conhecimento técnico e científico, identifica o caminho que as empresas do setor devem seguir»



A AGRICULTURA DO FUTURO COMEÇA NAS DECISÕES QUE TOMAMOS HOJE

Aos desafios das alterações climáticas, da preservação da biodiversidade e das crescentes exigências dos consumidores, presentes na agricultura europeia, juntam-se ainda as metas impostas pelo Pacto Ecológico Europeu e pela estratégia “Do Prado ao Prato”, exigindo sistemas de produção mais sustentáveis, com menor dependência de produtos fitofarmacêuticos e maior integração de soluções biológicas.

No entanto, transformar objetivos políticos em realidade no campo exige mais do que teoria. Requer soluções técnicas eficazes, adaptadas às condições reais de produção e capazes de conciliar sustentabilidade ambiental com a viabilidade económica das explorações agrícolas.

É neste contexto que a FITOSISTEMA tem vindo a afirmar o seu papel no desenvolvimento e disponibilização de tecnologias de proteção das culturas com estratégias de proteção integrada. Tecnologias como a confusão sexual, que interfere no ciclo reprodutivo de pragas como a traça-da-uva, o bichado-da-fruta ou a cochonilha-algodão; a aplicação de nemátodos entomopatogénicos, capazes de parasitar e eliminar pragas de forma natural, como o *fungus gants* em ornamentais; a largada de insetos auxiliares, como o *Anastatus bifasciatus* para o controlo do percevejo-asiático em fruteiras ou a *Trichopria drosophilae*, o parasitóide da *Drosophila suzukii* que ataca os pequenos frutos, soluções únicas no mercado disponibilizadas pela FITOSISTEMA, demonstram que é possível proteger as culturas de forma eficaz enquanto se reduz significativamente a necessidade de tratamentos químicos. Com a ajuda da APH, a FITOSISTEMA tem conseguido transmitir as melhores estratégias de produção e chegar a mais produtores e técnicos.



O futuro da agricultura já chegou e passa pela adoção de sistemas de produção assentes na biodiversidade funcional e na integração de diferentes estratégias de proteção das culturas. O objetivo da FITOSISTEMA e das suas soluções é claro: contribuir junto de técnicos e produtores na tomada de decisões que promovam uma agricultura mais sustentável, inovadora e economicamente viável, digna para quem trabalha no campo e alinhada com as metas ecológicas europeias.

Para mais informações: www.fitosistema.com
ou fitosistema@fitosistema.com

«Com a ajuda da APH,
a FITOSISTEMA tem conseguido
transmitir as melhores
estratégias de produção
e chegar a mais produtores
e técnicos»



FITOLIVOS: SOLUÇÕES DE BIOPROTEÇÃO E NUTRIÇÃO VEGETAL

Fundada em 2016 pelo Eng.º António Coelho, a Fitolivos é uma empresa portuguesa dedicada ao desenvolvimento e comercialização de soluções para a proteção e nutrição vegetal. A sua atividade foca-se em estratégias de base orgânica e de baixo impacto ambiental, alinhadas com princípios ecológicos e com as exigências da transição para uma agricultura mais sustentável. O portefólio técnico abrange indutores de resistência, bioestimulantes, corretores de carências e meios de bioproteção. As

«Com atuação nacional e base técnico-científica, a Fitolivos é parceira do setor agrícola na transição para modelos de produção mais sustentáveis, eficientes e resilientes.»

formulações são desenvolvidas especificamente para as principais culturas nacionais: olival, vinha, amendoal, fruteiras, horticolas, entre outras. Todos os produtos são validados através de ensaios de campo e acompanhados por fichas técnicas, com recomendações por estado fenológico, nível de pressão fitossanitária, entre outros.

A Fitolivos assume a sustentabilidade como eixo central de atuação. As nossas soluções são concebidas para preservar a biodiversidade, proteger os organismos auxiliares e promover a sanidade do solo a longo prazo. Ao privilegiar matérias-primas de origem natural e modos de ação fisiológicos, contribui para a redução da carga química nos ecossistemas agrícolas, para a conservação dos solos e para a mitigação dos efeitos das alterações nos ecossistemas. O objetivo é conciliar produtividade com regeneração dos recursos naturais. Para garantir suporte técnico especializado, a Fitolivos dispõe de uma equipa de engenheiros agrónomos distribuídos pelas principais regiões agrícolas: Norte, Centro, Alentejo, Ribatejo, Oeste e Algarve. Esta estrutura permite diagnóstico no terreno, monitorização de pragas e doenças, bem como definição de programas de intervenção adaptados a cada exploração e sistema de produção.

A empresa participa regularmente nas principais feiras agrícolas nacionais e internacionais, assim como em encontros técnicos e colóquios da especialidade. Esta presença reforça a partilha de conhecimento com produtores, técnicos e investigadores, e permite acompanhar o rumo e os desafios do setor. Mantém ainda colaboração ativa com empresas do setor para desenvolver e testar novas soluções, promovendo a inovação aplicada diretamente às necessidades do agricultor. Trabalha em parceria com os produtores, com o objetivo de transferir conhecimento, otimizar a eficiência no uso de matérias-primas e aumentar a rentabilidade das explorações.



50 ANOS A CULTIVAR PROGRESSO NA HORTICULTURA

Ao longo dos últimos 50 anos, a horticultura portuguesa atravessou uma grande transformação, tornando-se mais técnica, especializada e exigente. Este percurso está intimamente ligado ao trabalho da Associação Portuguesa de Horticultura (APH), cuja origem remonta ao período pós-25 de Abril. Ao longo dos anos, a APH teve um papel determinante na disseminação de conhecimento, na promoção do diálogo entre investigadores, técnicos e produtores, e na criação de um espaço de partilha essencial para a modernização da agricultura em Portugal.

É neste contexto que surge e cresce também a Hubel Verde, cuja origem está ligada ao desenvolvimento do Grupo Hubel, iniciado em 1982. Desde cedo, o grupo apostou na inovação aplicada à agricultura, sendo pioneiro na introdução de soluções como a fertirrega, culturas hidropónicas e tecnologias de monitorização. A Hubel Verde, estabelecida em 1995, consolidou essa visão, posicionando-se como uma empresa técnica, próxima e orientada para resultados no terreno, com foco na nutrição vegetal e na assessoria agronómica especializada.

Tal como a APH, a Hubel Verde construiu o seu percurso com base na ligação entre conhecimento e aplicação prática. A criação de estruturas internas de inovação e experimentação, bem como a presença contínua no campo, permitiram desenvolver soluções testadas, adaptadas às realidades produtivas e alinhadas com as novas exigências do setor, como a sustentabilidade, a agricultura de precisão e a eficiência no uso de recursos.

A relação entre a Hubel Verde e a APH foi-se consolidando precisamente neste ponto comum: a valorização do conhecimento como motor de progresso. A participação em iniciativas como as 24 Horas de Agricultura, o contributo técnico junto de



Equipa da Hubel Verde na Agroglobal de 2025

estudantes e profissionais, e a presença regular na Revista da APH refletem esse compromisso com a partilha e a evolução do setor.

Hoje, tanto a APH como a Hubel Verde representam pilares complementares de uma agricultura mais informada, mais tecnológica e mais preparada para o futuro. Celebrar os 50 anos da APH é reconhecer esse percurso conjunto e reforçar a importância de continuar a transformar conhecimento em valor real no terreno.

«A relação entre a Hubel Verde e a APH foi-se consolidando precisamente neste ponto comum: a valorização do conhecimento como motor de progresso.»





A HIDROSOPH PROCURA APROXIMAR A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DA REALIDADE DO CAMPO

A agricultura tem atravessado uma fase de profunda transformação, impulsionada por desafios globais como as alterações climáticas, a escassez de recursos hídricos, a necessidade de aumentar a produtividade e a crescente exigência por sistemas agrícolas mais sustentáveis. A adoção de ferr-

«A Hidrosoph orgulha-se de ser sócia da APH há vários anos, partilhando o compromisso de promover uma agricultura mais sustentável, baseada no conhecimento e no valor das relações sólidas.»



HIDROSOPH

mentas que permitam uma gestão mais precisa e informada das culturas, apoiada em conhecimento científico e em tecnologia aplicada ao terreno, é cada vez mais essencial. A integração entre conhecimento científico e soluções tecnológicas permitirá uma horticultura mais resiliente, precisa e adaptada às condições específicas de cada região e cultura.

Ao mesmo tempo, o futuro do setor depende da capacidade de fortalecer a ligação e a cooperação entre investigação, empresas, produtores e consumidores. É neste ponto que associações científicas e técnicas assumem um papel importante na partilha de conhecimento, na promoção da inovação e na valorização do setor hortícola em Portugal.

A Hidrosoph procura aproximar a investigação científica da realidade do campo, oferecendo soluções que apoiam o trabalho diário de agricultores, organizações de produtores e empresas do setor hortícola. Através da plataforma digital Irristrat, desenvolvida pela Hidrosoph, os dados são transformados em informação útil e prática para a decisão de rega.

A Hidrosoph orgulha-se de ser sócia da APH há vários anos, partilhando o compromisso de promover uma agricultura mais sustentável, baseada no conhecimento e no valor das relações sólidas.

Neste ano em que a APH celebra 50 anos de atividade, a Hidrosoph felicita a associação pelo contributo decisivo que tem dado ao desenvolvimento da horticultura em Portugal e reforça o seu compromisso em continuar a desenvolver soluções que apoiem os profissionais do setor no desenvolvimento de uma horticultura mais eficiente, resiliente e sustentável.

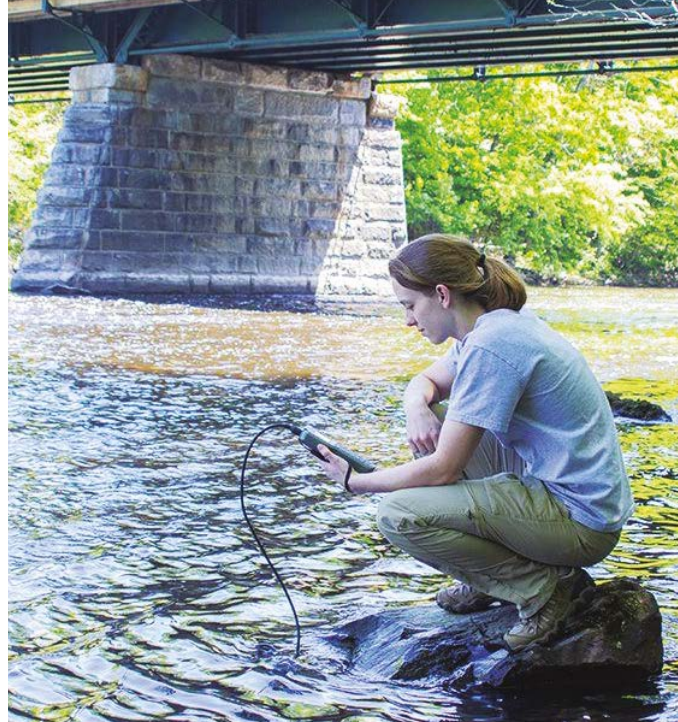


MONITORIZAÇÃO E CONTROLE DA QUALIDADE DA ÁGUA

A água é um recurso fundamental para a existência da vida na Terra. A natureza recicla o abastecimento de água, sendo recolhida, purificada e distribuída pelo ar, terra, água e seres vivos. O reconhecimento da importância da água, permitiu ao Homem desenvolver a capacidade de determinar a sua qualidade, compreendendo a adequação - consumo, lazer, agricultura ou geração de energia. A água considerada inadequada para uma aplicação pode ser perfeitamente aceitável para outro fim. É também importante salientar que a qualidade da água pode ser afetada negativamente por fatores naturais e humanos, e que a monitorização regular das fontes de água pode ajudar a identificar problemas emergentes que necessitem de correção.

Na monitorização da água identificamos como indicadores-chave, parâmetros como **pH, Condutividade, Dureza e Temperatura**, medindo as características físicas, **Nitratos e Fosfatos**, indicando os níveis de vários nutrientes na água ou ainda uma indicação de elementos e compostos-chave na água, como **Oxigénio dissolvido e Dióxido de carbono**. Cada parâmetro compreende normas e diretrizes gerais para determinar se uma amostra testada é considerada aceitável ou perigosa. Contudo, os resultados desses testes não são necessariamente absolutos, uma vez que deverá ser considerada a finalidade da água. Por exemplo, parâmetros como o pH, condutividade elétrica e os sais presentes são fundamentais para classificar uma água de qualidade para a agricultura.

Como em qualquer instalação, a água que flui pela plantação é indiscutivelmente o sangue da operação, pelo que, sendo que procuramos a otimização dos nossos cultivos, é imperativo ajustar o pH e a condutividade da água presente. A moni-



torização contínua, o controle, a correção do pH e a Condutividade da água de rega permitem garantir os níveis ideais em todos os momentos.

A relação duradoura e de proximidade com a APH, valendo-nos o título de Sócio Patrono Dourado, tem permitido à Hanna Instruments apresentar as suas soluções especialmente concebidas para a fruticultura, viticultura, olivicultura e horticultura. Quer na participação em eventos, gentilmente convidados pela associação, quer pela apresentação de artigos técnicos e das aplicações possíveis dos equipamentos HANNA, é com muito gosto que marcamos presença e apoiamos o excelente trabalho da Associação Portuguesa de Horticultura. Trata-se de uma referência que projeta todo um sector, formando e informando todos os profissionais da Horticultura.





A GESTÃO INTELIGENTE DA ÁGUA ASSUME UM PAPEL CENTRAL NA HORTICULTURA

A horticultura portuguesa atravessa hoje um período de profunda transformação. A crescente pressão sobre os recursos naturais, em particular a água, as exigências ambientais e a necessidade de produzir mais e melhor colocam novos desafios ao setor. Ao mesmo tempo, a inovação tecnológica, o conhecimento científico e a experiência acumulada ao longo das últimas décadas abrem caminho a uma horticultura mais eficiente, sustentável e preparada para o futuro.

«A celebração dos 50 anos da Associação Portuguesa de Horticultura representa, um momento de grande significado para todo o setor»



IRRICAMPO

Neste contexto, a gestão inteligente da água assume um papel central. Sistemas de rega cada vez mais precisos, eficientes e adaptados às necessidades das culturas são hoje ferramentas indispensáveis para garantir produtividade, qualidade e sustentabilidade. A horticultura do futuro será necessariamente uma horticultura mais tecnológica, baseada em dados, em soluções de rega eficientes e numa utilização responsável dos recursos.

Com 44 anos de atividade na instalação de sistemas de rega agrícola, a nossa empresa tem acompanhado de perto a evolução do setor hortícola em Portugal. Ao longo destas décadas, tivemos o privilégio de colaborar com produtores, técnicos e instituições que diariamente contribuem para o desenvolvimento da horticultura nacional. Esta experiência reforça a nossa convicção de que a inovação, a partilha de conhecimento e a cooperação entre todos os intervenientes são fundamentais para enfrentar os desafios que se colocam.

A celebração dos 50 anos da Associação Portuguesa de Horticultura representa, por isso, um momento de grande significado para todo o setor. Mais do que assinalar uma data histórica, esta obra constitui um testemunho do caminho percorrido e um importante legado para as gerações futuras.



JOÃO VIOLAS FILHO

desde 1980

HORTICULTURA SUSTENTÁVEL EM PORTUGAL: O PAPEL DA JOÃO VIOLAS & FILHO LDA

A João Violas & Filho Lda. tem desempenhado um papel relevante na evolução da horticultura em Portugal, afirmando-se como parceira ativa na promoção de práticas mais eficientes e sustentáveis. Com mais de quatro décadas de experiência no desenvolvimento de cordas, fios e redes técnicas, a empresa tem orientado a sua atividade para soluções que respondem aos desafios atuais da produção hortícola.

No contexto da horticultura sustentável, destaca-se o contributo da empresa através de agrotêxteis que permitem proteger as culturas contra condições climáticas adversas, pragas e aves, reduzindo perdas e a necessidade de intervenções químicas. Estas soluções aumentam a produtividade, melhoram a qualidade das produções e contribuem para uma utilização mais racional dos recursos naturais. Paralelamente, o controlo da cadeia produtiva — desde o fabrico de fios até à confeção de redes — aliado à incorporação de processos de reciclagem de matérias-primas, reforça o compromisso com a economia circular e a redução do impacto ambiental.

O futuro da horticultura em Portugal passa por uma maior tecnificação, adaptação às alterações climáticas e uso eficiente de recursos. Neste cenário, empresas como a João Violas & Filho Lda. assumem um papel estratégico, fornecendo soluções técnicas inovadoras que apoiam os produtores na transição para modelos mais resilientes e sustentáveis.

Importa também salientar a relevância da parceria com a Associação Portuguesa de Horticultura, entidade sem fins lucrativos que celebra este ano 50 anos de atividade. A sua ação na divulgação de conhecimento técnico-científico — através de simpósios, colóquios e da sua revista — tem sido fundamen-



tal para a valorização do setor. Esta colaboração reforça a ligação entre a inovação empresarial e o conhecimento científico, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento sustentável da horticultura nacional.

«A colaboração da João Violas & Filho Lda com a Associação Portuguesa de Horticultura reforça a ligação entre a inovação empresarial e o conhecimento científico, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento sustentável da horticultura nacional.»





Koppert

biológicas que respeitam o equilíbrio natural dos ecossistemas agrícolas.

Através do desenvolvimento e da implementação de agentes de controlo biológico, polinizadores naturais, biopesticidas, bioestimulantes e soluções de monitorização e captura em massa de pragas, a Koppert contribui para a redução do uso de produtos químicos de síntese na agricultura portuguesa. Estas soluções permitem reforçar a sustentabilidade dos sistemas de produção hortícola, aumentando a sua resiliência, segurança e viabilidade económica, sem comprometer a produtividade nem a qualidade das culturas.

O compromisso da Koppert com a inovação, a investigação científica e a transferência de conhecimento reflete-se numa forte proximidade ao setor hortícola nacional. O trabalho contínuo com produtores portugueses, técnicos e entidades do meio técnico científico tem permitido desenvolver soluções adaptadas às diferentes realidades produtivas do país, contribuindo para uma horticultura mais eficiente, sustentável e preparada para os desafios futuros.

A parceria entre a Koppert e a Associação Portuguesa de Horticultura tem sido, ao longo dos anos, um exemplo dessa colaboração. A APH assume um papel central na divulgação de conhecimento técnico científico e na valorização da horticultura em Portugal, sendo um parceiro estratégico na promoção de práticas agrícolas mais informadas, inovadoras e sustentáveis.

PARCEIROS DA NATUREZA POR UMA HORTICULTURA MODERNA E RESPONSÁVEL

A horticultura em Portugal enfrenta atualmente desafios exigentes, resultantes das alterações climáticas, da pressão sobre os recursos naturais e da necessidade de garantir produções agrícolas sustentáveis, competitivas e alinhadas com as exigências do mercado e da sociedade.

Neste contexto, a Koppert tem vindo a desempenhar um papel ativo na promoção de uma horticultura moderna e responsável, assente em soluções

«A parceria entre a Koppert e a Associação Portuguesa de Horticultura tem sido, ao longo dos anos, um exemplo de colaboração.»



LUSOSEM E APH: SEMEAR CONHECIMENTO E INOVAÇÃO

A Lusosem, com 25 anos de actividade celebra o seu percurso como uma PME nacional de referência nas áreas de sementes certificadas, protecção e nutrição das plantas e qualidade da aplicação/pulverização assumindo, desde a sua génese, um compromisso inabalável com a Inovação no desenvolvimento de soluções e tecnologias e na promoção de boas práticas culturais e sistemas produtivos mais rentáveis e sustentáveis, com foco na criação de valor ao longo da cadeia agrícola.

Neste percurso, reconhecemos a horticultura como um dos segmentos mais relevantes do sector agrícola português, que tem vindo a ganhar importância económica e social, tanto pela sua contribuição para o abastecimento alimentar como pelo seu papel no desenvolvimento regional e na valorização das cadeias agroalimentares.

O nosso catálogo actual de soluções reflecte esse compromisso, reunindo um portefólio abrangente e inovador, resultado da colaboração com parceiros globais com elevado conhecimento e rigor técnico, disponíveis para continuar a desenvolver soluções e tecnologias adaptadas a diferentes realidades. Este desenvolvimento requer proximidade e trabalho conjunto com os produtores, técnicos, academia, associações e outras entidades. No nosso ponto de vista, é nesta interacção que reside o potencial de crescimento e de criação de valor numa construção conjunta de soluções ajustadas e eficazes para uma agricultura actual que procura equilibrar produtividade, rentabilidade e sustentabilidade.

Neste marco comemorativo, destacamos o papel fundamental da Associação Portuguesa de Horticultura (APH) para a Horticultura nacional ao promover inovação, formação e coo-



peração entre ciência, agricultores, empresas e instituições. Através da promoção da divulgação da investigação científica, da organização de congressos, seminários, visitas técnicas e parcerias institucionais, a associação contribui para a partilha e transferência de conhecimento. A ligação de longa data entre a Lusosem e a APH é mais do que uma parceria institucional, é um reforço de valores e da colaboração entre entidades promovendo conhecimento, inovação e a adopção de boas práticas, soluções e tecnologias de valor acrescentado garantindo uma Horticultura equilibrada, resiliente e preparada para os desafios futuros.

«A ligação de longa data entre a Lusosem e a APH é um reforço de valores e de colaboração promovendo conhecimento, inovação e a adopção de boas práticas»





NORDMANN

A NORDMANN PORTUGAL CONTRIBUI PARA A EFICIÊNCIA E INOVAÇÃO DO SETOR HORTÍCOLA

A Nordmann Portugal, S.A., é uma empresa sediada no Carregado que atua na área da distribuição de matérias-primas químicas. Integrada no grupo internacional Nordmann, a empresa desempenha um papel relevante no fornecimento de soluções para diversos setores industriais, incluindo a agricultura.

«A colaboração entre a Nordmann Portugal e a Associação Portuguesa de Horticultura fomenta a partilha de conhecimento técnico e científico, promovendo soluções mais sustentáveis e eficientes»

A sua atividade caracteriza-se pela ligação entre produtores e indústrias, assegurando o fornecimento de substâncias e componentes essenciais para diferentes processos produtivos. Neste contexto, a Nordmann Portugal contribui para a eficiência e inovação de várias cadeias de valor, incluindo aquelas relacionadas com o setor agrícola e hortícola.

No que diz respeito à sua relação com a Associação Portuguesa de Horticultura, esta pode ser enquadrada na proximidade ao setor agrícola. A distribuição de produtos químicos utilizados em fertilização, proteção de culturas e melhoria de solos cria pontos de contacto relevantes com a horticultura. Assim, a ligação à associação reflete o interesse em acompanhar boas práticas, inovação e sustentabilidade no setor.

Pode-se destacar que a colaboração ou articulação entre a Nordmann Portugal e a Associação Portuguesa de Horticultura fomenta a partilha de conhecimento técnico e científico, promovendo soluções mais sustentáveis e eficientes. Esta aproximação evidencia a importância da cooperação entre a indústria química e o setor hortícola, contribuindo para o desenvolvimento agrícola e para uma produção mais responsável.

A Nordmann Portugal, S.A. tem sede no Carregado (Lisboa), delegação na Maia (Porto) e sucursal em Barcelona (Espanha). Conta com 48 colaboradores, dos quais 11 técnicos comerciais especializados. Atua como distribuidor para: Agricultura; Indústria Alimentar; Indústria Química; Indústria Têxtil; Tintas, Adesivos e Construção; Plásticos e Borracha; Restauração (produtos premium para o Canal HORECA e Equipamentos).

QUÂNTICA EDITORA E APH: UMA PARCERIA QUE TEM DADO BONS FRUTOS

Inúmeros associados da APH integram hoje a nossa carteira de autores, com especial relevo para a obra “Mãos à Horta”. Este livro cimentou uma relação que extravasa o plano institucional, entrando no patamar dos afetos das minhas relações interpessoais com os autores. Destaco, também, a minha participação em diversos eventos da APH – como as jornadas técnicas e os roteiros de Olivoturismo e Enoturismo –, iniciativas de enorme relevância cultural que não figuram no portfólio dos operadores turísticos tradicionais.

A Quântica Editora – agora a caminho da segunda geração – é a marca editorial do Grupo Publindústria, dedicada à divulgação de conteúdos técnicos e científicos, dando continuidade a uma história de mais de 35 anos no mercado. Alicerçamos a nossa estratégia editorial no setor agronómico e agroalimentar através de uma ligação profunda aos centros de saber e às empresas do setor, cujo apoio é vital para viabilizar a edição de livros técnicos.

Com o foco centrado nos solos, viticultura, olivicultura e fruticultura, prevemos concretizar com a APH, já no início do próximo ano, uma nova iniciativa editorial dedicada à Olivicultura. Mantemos também o desafio de encontrar parceiros para uma grande obra sobre Solos que atualize a nossa oferta atual,

«A direção da Quântica Editora congratula-se e associa-se às comemorações dos 50 anos da Associação Portuguesa de Horticultura (APH). Esta é uma parceria que tem contribuído decisivamente para o ajuste da nossa oferta editorial, agregada à chancela Agrobook»



enquanto celebramos o recente lançamento da 3.ª edição do “Tratado de Viticultura”, do Professor Nuno Magalhães.

António Malheiro,
Sócio Fundador da Publindústria



syngenta

combina provas teóricas e práticas de uma agricultura moderna. Este evento da APH foi uma genuína oportunidade de aprendizagem e de desenvolvimento de competências.

A Syngenta, enquanto principal patrocinadora das “24 H Agricultura Syngenta” assegurou não apenas os recursos logísticos e os prémios da competição, mas também a dimensão inspiracional do evento para o futuro dos participantes, proporcionando-se um primeiro contacto com o mercado de trabalho a cerca de 600 estudantes ao longo de seis edições, realizadas em seis politécnicos e universidades. As edições da “24H Agricultura Syngenta” de cada ano ajustavam-se às prioridades e tendências do setor, desde a Agricultura 4.0 à Agricultura Regenerativa, entre outras.

Para além do envolvimento direto nos eventos com vista à formação e transmissão de conhecimento, a relação entre a Syngenta Portugal e a APH tem também uma dimensão holística de comunicação do setor. A APH é uma plataforma privilegiada para chegar à comunidade técnica e científica ligada à horticultura – investigadores, consultores, técnicos de campo, agricultores e estudantes, e a Syngenta potencia esta proximidade com a partilha de informação relevante sobre inovação tecnológica, sustentabilidade e boas práticas agronómicas. Nos próximos anos, os desafios que o setor enfrenta – adaptação climática, pressão regulatória sobre fitossanitários, necessidade de inovação genética e tecnológica, transição para modelos de produção mais sustentáveis – exigirão precisamente o tipo de articulação que esta parceria representa: empresas capazes de trazer soluções inovadoras e associações capazes de as contextualizar, avaliar e disseminar junto dos profissionais do setor. É sobre esta base sólida que a nossa parceria pode continuar a crescer, contribuindo para uma agricultura portuguesa mais competitiva e mais sustentável.

SYNGENTA PORTUGAL E A APH: UMA PARCERIA AO SERVIÇO DO SETOR AGRÍCOLA

A relação entre a Syngenta Portugal e a Associação Portuguesa de Horticultura (APH) é um exemplo, consistente, de como a colaboração entre uma empresa privada de referência e uma associação científica e técnica do setor se traduz em valor para a agricultura portuguesa. A competição formativa “24H Agricultura Syngenta” foi o projeto mais emblemático desta colaboração, sem dúvida. Uma sessão intensiva de formação, de 24 horas consecutivas, dirigida a estudantes do ensino superior e técnico-profissional das áreas das Ciências Agrárias, que

«A competição formativa “24H Agricultura Syngenta” foi o projeto mais emblemático da nossa colaboração com a APH.»

SUSTENTABILIDADE NA HORTICULTURA: O VALOR DA INOVAÇÃO E DAS PARCERIAS

A Tecniferti, fabricante português de fertilizantes líquidos, tem vindo a afirmar-se há quatro décadas como agente de mudança rumo a uma Horticultura mais sustentável. Num contexto em que a eficiência no uso de recursos e a redução da pegada ambiental são imperativos, a empresa destaca-se pelo desenvolvimento de soluções que otimizam a nutrição vegetal e promovem sistemas produtivos mais resilientes. A gama de fertilizantes líquidos Fulvicot® constitui um exemplo claro dessa abordagem. Ao integrar macro elementos essenciais com ácidos fúlvicos, estes produtos aumentam a eficiência de absorção de nutrientes pelas plantas, reduzindo perdas e permitindo uma melhor gestão da água.

Na sua gama de produtos para agricultura biológica a Tecniferti destaca-se desde a sua origem pela sua TECNIFERTI MOL® (Matéria Orgânica Líquida) de origem vegetal de elevada qualidade, desenhada para revitalizar o solo e potenciar a absorção de nutrientes. E mais recentemente pelo Humigel® Fulvic que se distingue pela sua alta concentração de ácidos fúlvicos, conhecidos por serem mais móveis e biologicamente ativos do que os ácidos húmicos tradicionais.

Mais recentemente, a Tecniferti tem investido na inovação biotecnológica com a marca Ghaia®, uma nova geração de bioestimulantes à base de bactérias benéficas, recolhidas em solos nacionais e trabalhadas em solos nacionais. Desenvolvidos em colaboração com o Rhizolab da Universidade de Aveiro. Ao favorecer processos naturais como a fixação de azoto e a solubilização de fósforo, os bioestimulantes Ghaia reforçam a eficiência da fertilização e alinham-se com uma visão de agricultura regenerativa, onde o solo é entendido como um sistema vivo.



A parceria de longa data entre a Tecniferti e a Associação Portuguesa de Horticultura tem contribuído para a disseminação de conhecimento sobre nutrição das plantas junto de diversos públicos, desde agricultores, a técnicos e estudantes de Ciências Agrárias, fortalecendo a competitividade da Horticultura Nacional. No ano em que a Associação Portuguesa de Horticultura celebra 50 anos, saudamos o seu percurso e atividade e fazemos votos de sucesso para as décadas vindouras.

«A parceria de longa data entre a Tecniferti e a Associação Portuguesa de Horticultura tem contribuído para a disseminação de conhecimento sobre nutrição das plantas junto de diversos públicos.»

SÓCIOS PATRONO





Associação
Portuguesa
de **Horticultura**



Fruticultura



Viticultura



Olivicultura



Horticultura
Herbácea



Horticultura
Ornamental